

João Marcos Cardoso de Sousa

**UMA ANÁLISE DA FUNÇÃO TRANSGRESSIVA DOS  
MÚLTIPLOS SUJEITOS NA OBRA *OS IRMÃOS KARAMÁZOV*  
DE FIÓDOR M. DOSTOIÉVSKI**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Estudos Linguísticos da Universidade Federal  
de Minas Gerais, como requisito parcial à  
obtenção do título de Doutor em Linguística.

Linha de pesquisa: Análise do Discurso

Orientador(a): Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ida Lucia Machado

Belo Horizonte

2010

João Marcos Cardoso de Sousa

**Uma análise da função transgressiva dos múltiplos sujeitos na obra *Os irmãos Karamázov* de Fiódor M. Dostoiévski**

Tese defendida e aprovada, em 30/06/2010, pela banca examinadora constituída pelos professores:

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ida Lucia Machado (Orientadora)

---

Prof. Dr. William Augusto Menezes (UFOP)

---

Prof. Dr. Luís Francisco Dias (UFMG)

---

Prof. Dr. João Bôsko Cabral dos Santos (UFU)

---

Prof. Dr. Cássio Eduardo Soares Miranda (UFMG)

Ao Eterno Deus fonte da minha vida.  
À Rosa Maria pela graça de adornar e compreender esse tempo.  
A Abraão, Ester e Davi pelo amor incondicional.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria realmente de saber expressar meus sentimentos de gratidão por todos que, de uma forma ou outra, contribuíram e me ajudaram para realização desse trabalho. Então, ao tentar realizar esse ato, deparo-me com uma infinidade de vozes ao longo desse tempo que teceram a possibilidade desse percurso. Assim, pela impossibilidade da tarefa, desde já me desculpo pela insuficiência de reconhecer e nomear a todos aqueles que participaram efetivamente da construção dessa pesquisa.

Mas, de maneira formal, gostaria de agradecer a Prof.<sup>a</sup> Ida Lucia Machado pela credibilidade de me aceitar como orientando e conduzir de forma ética, criteriosa e amigável o processo de orientação.

Ao Departamento do Pós-Lin da FALE/UFMG pelos competentes serviços prestados

Aos professores do Pós-Lin pela dedicação e competência nas aulas

À FAPEMIG pelo incentivo da Bolsa no Brasil e na França.

Ao Prof<sup>o</sup> Dominique Maingueneau por me receber na Universidade de Paris XIII e por suas contribuições ao projeto da tese.

Aos meus Pais

Aos meus sogros

Aos meus irmãos e cunhados, especialmente Rosiley pelo apoio

Aos amigos que muito me incentivaram, especialmente Ivana, Rosana, Susie, Daniela, Daniel, Wagner e Gustavo

À Maria pela maternidade exercida por seus cuidados

Aos colegas doutorandos pela amizade nesse percurso

À JAMI, em especial Ronald e Cecília pelo carinho de irmãos mais velhos

À Cíntia pelo acolhimento da leitura

Muito obrigado...

Mas ele – O Verbo – foi transpassado pelas nossas transgressões... Isaías 53:5

## RESUMO

Esta pesquisa propõe uma reflexão sobre o sujeito e sua funcionalidade, no momento em que este se desdobra em um ato de linguagem, em uma multiplicidade enunciativa que aponta para uma transgressão de gêneros. Escolhemos como *corpus* os atos de linguagem da obra *Os irmãos Karamazov*, de F. Dostoievski, justamente porque a escritura deste autor usa vários efeitos transgressivos para dar sentido aos seus enunciados. Observamos assim a ação transgressiva nos conceitos de gênero, enunciação, polifonia e sujeito, tomando como ponto de partida ideias vindas de teóricos tais como: M. Bakhtin (1988); P. Charaudeau (2001); D. Maingueneau (2008); I. L. Machado (2006), entre outros mencionados nas *Referências* deste trabalho. Esta pesquisa visa também a promover uma articulação entre a análise do discurso e a teoria psicanalítica de J. Lacan (1998), dividindo a tópica do sujeito nas três instâncias que a representam: o Real, o Simbólico e o Imaginário. Para tanto, consideramos a confrontação que se estabelece entre “sujeito e gêneros” vistos como “campos de forças”, constantemente em estado de negociação no interior do discurso. Assim, queremos mostrar que o fenômeno da transgressão de gêneros se efetua sempre no seio de uma comunicação e através da polifonia, pois, ela permite a coabitação de diversos sujeitos languageiros. Desse modo, verificamos que os sentidos languageiros se realizam por meio de “cortes” e nunca de modo linear: é pelo efeito de cisão que este “algo” de verdade e de saber cria sentido e é manifestado pelos sujeitos da comunicação. Enfim, acreditamos que o efeito de transgressão genérica constitui o grande traço estilístico da escritura de Dostoievski: sua obra literária aparece-nos, pois, como um lugar privilegiado de encontro e da utilização estratégica dos efeitos de transgressão.

**Palavras-chave:** análise do discurso; psicanálise; semiolinguística; sujeito; gênero, transgressão de gênero; ato de linguagem.

## RÉSUMÉ

Cette recherche propose une réflexion sur le sujet et sa fonctionnalité lorsque celui-ci, dans un acte de langage, se dédouble dans une sorte de multiplicité énonciative qui pointe vers la transgression des genres. Nous avons choisi comme *corpus* les actes de langage de l'œuvre *Les frères Karamazov*, de F. Dostoïévski parce que la façon d'écrire de cet auteur se sert largement des effets transgressifs pour donner du sens à ses énoncés. Nous avons ainsi observé l'action de transgression dans les concepts de genre, énonciation, polyphonie et sujet, en prenant comme points de repères quelques idées des théoriciens tels que: M. Bakhtine (1988); P. Charaudeau (2001); D. Maingueneau (2008); I. L. Machado (2006) entre autres mentionnés dans les *Références* de ce travail. Cette recherche vise également à articuler l'analyse du discours avec la Théorie Psychanalytique de Lacan (1998), en divisant la topique du sujet dans les trois instances qui le représentent: le Réel, le Symbolique et l'Imaginaire. Pour ce faire, nous avons considéré la confrontation qui s'établit entre « sujet et genres » vus comme des « champs de forces », constamment en négociation à l'intérieur du discours. Aussi, voulons-nous montrer que le phénomène de la transgression de genres s'effectue toujours au sein de la communication et par le moyen de la polyphonie qui permet la cohabitation de plusieurs sujets langagiers. Ainsi nous avons vérifié que les sens langagiers se réalisent par le moyen d'un découpage et jamais de façon linéaire: c'est donc par l'effet de scission que cette « quelque chose » de vérité et de savoir crée un sens qui est manifesté par les sujets de la communication. Enfin, nous croyons que l'effet de transgression générique constitue le grand trait stylistique de l'écriture de Dostoïevski; son œuvre littéraire est, par conséquence, un lieu privilégié de rencontre et d'utilisation des effets de transgression.

**Mots-clés:** analyse du discours; psychanalyse; Sémiolinguistique; sujet; genre; transgression des genres; polyphonie; acte de langage.

# SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
1.1 Justificativa.....	11
1.1.1 O tema.....	13
1.2 Hipótese.....	15
1.3 Objetivos.....	16
1.3.1 Geral .....	16
1.3.2 Específicos.....	16
1.4 Metodologia.....	17
1.5 O corpus.....	20
1.6 Sobre a tradução .....	21
1.7 Estrutura do trabalho .....	23
1.8 Considerações.....	24
<b>2 A TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA E O CONTRATO COMUNICACIONAL .....</b>	<b>26</b>
2.1 A teoria semiolinguística.....	26
2.2 O discurso.....	26
2.3 A noção de sujeito .....	32
2.4 O contrato comunicacional.....	37
2.5 O contrato comunicacional na obra Os Irmãos Karamázov .....	44
2.5.1 O Tui - sujeito interpretante: o sujeito da transitividade .....	45
2.5.2 O Euc - sujeito comunicante: o sujeito e seu arquivo pessoal.....	48
2.5.3 O Eue - sujeito enunciador: o sujeito faz-se palavra .....	50
2.6 Algo se trama pelo não dizer .....	56
2.6.1 O encontro .....	57
2.6.2 Os parceiros na comunicação .....	59
2.6.3 Sobre o que dizer .....	61
2.6.4 Por que naquele lugar .....	64
<b>3 OS GÊNEROS DISCURSIVOS.....</b>	<b>67</b>
3.1 A gênese do gênero.....	67



3.2 A concepção de gênero em Bakhtin .....	70
3.3 O dialogismo na teoria bakhtiniana .....	71
3.4 O conceito de enunciado.....	78
3.5 A natureza do gênero .....	83
3.6 Concepção de gênero em Maingueneau e Charaudeau.....	88
3.7 A classificação dos gêneros .....	93
3.8 As visadas discursivas como um percurso ao gênero .....	103
3.9 Quatro filhos e quais discursos .....	105
3.9.1 Smierdiákov e a voz da exclusão.....	107
3.9.2 Dimítri e a voz da transposição .....	111
3.9.3 Ivan e a voz da indagação .....	113
3.9.4 Aliócha e a voz da dúvida.....	116
<b>4 A POLIFONIA NA LINGUAGEM .....</b>	<b>119</b>
4.1 O caráter da polifonia em Bakhtin.....	119
4.2 A polifonia em Ducrot.....	123
4.3 A dupla natureza da polifonia: mostrada e constituída.....	127
4.4 Da estranheza ao reconhecimento: relações de forças entre as modalizações autónmicas e os gêneros discursivos. ....	133
4.5 O diálogo como gênero e os discursos constituintes .....	136
4.6 O diálogo na literatura dostoeviskiana em Bakhtin.....	144
4.7 O contrato é polifônico .....	145
4.7.1 Desconstruir o herói e construir sentidos .....	149
<b>5 SUJEITO E LINGUAGEM.....</b>	<b>159</b>
5.1 Sobre a subjetividade.....	159
5.2 Linguística e psicanálise: o sujeito em questão .....	164
5.2.1 De que sujeito .....	166
5.2.2 Do sujeito no <i>eu</i> imaginário.....	169
5.2.3 A representação significativa do sujeito no simbólico .....	170
5.2.4 A causa do sujeito no Real .....	173
5.3 A subjetivação no quadro comunicacional da semiolinguística .....	174
5.3.1 Charaudeau, leitor de Lacan? .....	175
5.4 O suspeito assassino e o discurso suspeito .....	182

5.4.1 O jogo estratégico do sujeito enunciador.....	184
5.4.2 Quantos sujeitos habitam o espaço entre o dito e o dizer.....	188
<b>6 A TRANSGRESSÃO DE GÊNERO.....</b>	<b>196</b>
6.1 Introdução.....	196
6.2 Por que transgressão.....	197
6.3 O princípio da ação transgressiva no gênero.....	199
6.4 Irreverência carnavalesca e pulsão transgressiva.....	200
6.5 Entre loucura e razão: transgressão.....	206
6.6 Rompe-se o enunciado, transgride-se o gênero.....	208
6.7 Sujeito e gênero: relação de causa.....	215
6.8 Sujeito e gênero: da expressividade ao reconhecimento.....	216
6.9 A polifonia como função transgressiva na linguagem.....	224
6.10 Da transgressão à transmutação genérica: em vias do sentido.....	227
6.10.1 Transgressão simples.....	227
6.10.2 Transgressão mediana ou intermediária.....	230
6.10.3 Transgressão de gênero complexo ou transmutação de gênero.....	233
<b>7 A FUNÇÃO DO HERÓI COM SEUS MÚLTIPLOS SUJEITOS.....</b>	<b>235</b>
7.1 A morte do pai: a morte do autor.....	235
7.2 O autor é fragmentado.....	237
7.3 A verdade não faz sentido.....	240
7.4 Do corte faz sentido.....	244
7.5 Considerações finais.....	251
<b>8 CONCLUSÃO.....</b>	<b>255</b>
8.1 Da hipótese.....	255
8.2 Da transgressão.....	259
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>262</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>274</b>
Anexo A - Publicidade do Banco Rural.....	275
Anexo B - Caninos assassinos de suínos.....	276
Anexo C - Celular do Marceneiro.....	279

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Justificativa

“Os extremos se tocam, as contradições vivem juntas” (DOSTOIÉVSKI, 2001, p. 123). Este excerto da obra *Os irmãos Karamázov* representa o espírito da trama dostoiévskiana. Construindo-se no lugar de escritor, Dostoiévski formaliza, ao longo de toda sua produção literária, uma forma *do dizer* sobre algo do homem e do mundo, que provoca no leitor um trabalho de interpretação em patamares diferentes dos propostos pela literatura russa da época.

Essa outra ou nova forma *do dizer*, que se denomina como projeto de escritura ou traço literário do escritor, provocou tanto a curiosidade e o interesse de críticos da época como despertou inquietação em pensadores dos saberes das ciências humanas e arrebatou públicos nos tempos seguintes.

Essa forma *do dizer*, grosso modo, compreendida como um ato comunicacional, tem por projeto representar a verdade de algo ou de alguém, com a maior proximidade possível, em uma relação contratual entre sujeitos. Se assim podemos dizer, trata-se do sentido existencial da comunicação. O estatuto dessa “verdade”, próprio e existente de e em cada ato de linguagem executado, atua com função de certificar e garantir aos sujeitos na comunicação quem são eles e em que mundo vivem. A manifestação da funcionalidade contratual dessa verdade fomenta e organiza uma diversidade de gêneros dos discursos tais como o científico, o jurídico, o jornalístico e até mesmo uma simples conversa cotidiana.

Entretanto, a criação do gênero literário traz, em sua configuração de ato de linguagem, a permissão de descentrar-se dessa “verdade” e licenciar-se, na figura de seu comunicador, para utilizar, no seu dizer, um descompromisso com a “verdade” factual e conjugar-se com o mundo ficcional como uma nova forma *do dizer* sobre as coisas do mundo. Embora essa liberdade licencie toda forma de criação literária, há uma particularização, em cada escritor, de manifestar sua forma ou a representação do seu dizer. Assim, essa forma do dizer específico do gênero literário, aparentemente, movimenta-se

num sentido contrário à representação dessa verdade para, num jogo-ação contrário a outros gêneros, aproximar os sujeitos de seu ato de linguagem ao vislumbre de uma “verdade” com menos ofuscamento.

Dostoiévski se desponta e se singulariza nesta forma do dizer que seduz seu leitor a aproximar-se de certa verdade das coisas e dos fatos. Para isso, convoca seu interlocutor a um trabalho de participação interpretativa numa intimização subjetiva com aquilo que é dito.

O dizer, na obra dostoiievskiana, a partir de seus personagens, não promove uma diretividade em relação ao fato ou à verdade de um fato. Essa forma do dizer é cega, é improdutiva em sua construção de uma verdade sobre algo. Podemos perceber isso na exposição dos discursos jurídico e psicológico na obra *Os Irmãos Karamázov* que, por muito dizer sobre o assassino e o assassinato de Fiódor Pávlovitch, dizem e representam exaustivamente o fato para, neste dizer, habitar, justamente, o não saber do que se diz. Assim, na obra dostoiievskiana, para saber sobre algo ou de algo, os sujeitos precisam se fragmentar e duvidar em cada contrato de conversação, conforme ocorre com o herói no decorrer de toda a obra: “A desgraça é que serei certamente a causa de novas calamidades [...] E dizer que o Stárets me enviou para reconciliar e unir! É assim que se une?” (DOSTOIÉVSKI, 2001, p. 208). Este é o percurso da construção de sentido na obra, algo que desune, desliga, desconstrói e fragmenta para, em outro momento, constituir-se verdade e sentido.

Além de temas muito próximos das questões psicanalíticas, como o parricídio e as histerias, o que mais relevamos no projeto de escritura dostoiievskiano é sua proximidade com a arquitetura da escuta psicanalítica promulgada por Freud anos mais tarde. Uma escuta que não prioriza a uniformidade e a conformidade dos fatos. Antes, procura sua desconformidade e sua desintegração para que haja outra significação, num tempo outro, que represente a verdade do e para o sujeito. Assim, ao elegermos temas como sujeito, linguagem e múltiplos sentidos, que foram profundamente manifestos na obra dostoiievskiana, percebemos mais um caminho que provoca ainda mais um inclinar à interface entre a Teoria Literária e a Análise do Discurso.

A partir do pensamento sobre discurso, sujeito e gêneros, que elegemos a obra literária *Os Irmãos Karamázov* de Fiódor M. Dostoiévski como o *corpus* desta pesquisa,

compreendendo que os *traços* ou *projeto de escritura*<sup>1</sup> deste autor ainda muito promove um arsenal de questionamentos e interesse aos estudos do discurso.

### 1.1.1 O tema

Abordar a obra dostoiévskiana, em particular *Os Irmãos Karamázov*, é permitir-se mergulhar nas maiores contradições existenciais da vivência humana. Paixões que conjugam com traições, amizades que convivem com rivalidades e infidelidades, fé extrema que tem por companhia a visceral dúvida, a vítima filiada ao assassino e a própria vida que anda lado a lado com a morte. Na construção histórica da própria vida do autor, essas disparidades povoaram e formaram o cenário de sua existência, impregnando-o dessa singularidade ímpar de retratar, em sua obra literária, um saber sobre as questões do homem no mundo, diferentemente de toda a literatura da época.

Assim, o que se passa nos extremos do encontro ou desencontro destas contradições denominou-se, nesta pesquisa, como *transgressão* que, dentre outros aspectos, manifesta-se no traço literário do autor. Num primeiro momento, poderíamos nos deter na condição da transgressão óbvia mostrada na obra dostoiévskiana em pauta. Sua composição literária é, de certa forma, constituída pela caracterização das transgressões humanas: os assassinatos, as traições, os roubos, os abusos e as violações dos direitos que se presentificam a todo momento na estrutura social e existencial humana. Romper e perpassar o sentido do óbvio e adentrar nas nuances de outras significações que se formam para além dessas cristalizações dos sentidos é a tarefa que desafia esta pesquisa em Análise do Discurso.

Ancorados por este desafio, então nos indagamos sobre os aspectos que circundam e

---

<sup>1</sup> Nesta pesquisa, ora utilizaremos o termo traço, ora escritura para designar uma singularidade de escrita de determinado autor literato. O termo escritura provém de Barthes (1984) e, como afirma Compagnon (2006), este termo tem um sentido de retorno ao conceito de estilo proposto pela retórica. Embora compreendamos que haja uma estreita relação entre os dois conceitos, acreditamos num avanço do pensamento de Barthes no conceito de escritura em relação a estilo. Assim, ressaltamos o pensamento de Barthes em sua conceituação de escritura, pois: “situada no centro da problemática literária, que só começa com ela, a escritura é, pois, essencialmente, a moral da forma. [...] A escritura é, essencialmente, a moral da forma, é a escolha da área social no interior da qual o escritor decide situar a Natureza de sua linguagem” (BARTHES *apud* COMPAGNON, 2006, p. 176). Assim, o traço ou projeto de escritura de um autor leva em conta tanto aspectos de uma área social como aspectos subjetivos, inconscientes, de um autor, assinalando-o numa singularidade de sua própria escrita. Ver mais: COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

fomentam a questão da pesquisa. Distanciando-nos dos sentidos cristalizados e dos valores sócio-culturais advindos da ética e da moral, como poderíamos representar os aspectos da transgressividade na composição literária de Dostoiévski? Em quais elementos poderíamos marcar o caráter transgressivo da obra dostoiévskiana que conjugasse com uma noção de psíquico e social comprometido com a teoria do discurso? Por fim, como recortar e conjugar elementos da teoria do discurso que norteassem, formalizassem e apresentassem a função da transgressão como traço característico do projeto de escritura da obra de Dostoiévski?

Inicialmente, para responder a estas questões, não trataremos da noção do termo *transgressão*, pois, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, sua constituição irá se formatando como construção teórica. Entretanto, as noções de sujeito, gênero, discurso e contrato comunicacional apresentar-se-ão como recortes teóricos da Análise do Discurso, mais precisamente da Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau (1983), como referências no panorama dos estudos do discurso, fundamentais para composição teórico-metodológica dessa pesquisa. Isso associado a outros teóricos de relevância para uma articulação mais fecunda, como: Mikhaïl Bakhtin (2003), Emile Benveniste (1995), Dominique Maingueneau (1997), Ida Lúcia Machado (2001) e outros.

Pelo fato da noção teórica de sujeito abarcar uma compreensão bem mais vasta e conjugar com outras áreas, optamos, nessa pesquisa, associar a noção de sujeito, da Análise do Discurso, com a noção do sujeito inconsciente da teoria psicanalítica de Lacan, a fim de ampliar uma compreensão mais detalhada e utilitária da funcionalidade da construção tópica do sujeito nas instâncias do *Real*, do *Simbólico* e do *Imaginário* no cenário de um ato de linguagem.

É, portanto, na articulação teórica de conceitos como sujeito e gênero, gênero e contrato comunicacional, sujeito e polifonia que pretendemos aprofundar, na conjuntura dos traços de escrita da obra dostoiévskiana, **uma análise da função transgressiva dos múltiplos sujeitos vozificados em sua trama literária**. Desta forma, a pesquisa parte da premissa maior da obra bakhtiniana, a saber, o dialogismo na linguagem. Para isso, recorre à teoria do diálogo como um gênero filosófico, a partir de Dominique Maingueneau (2004), Frédéric Cossutta (2004), compreendendo a estrutura do diálogo como um espaço preciso e apropriado para a ordenação dos estudos das distinções e funções de conceitos de sujeito, gênero e polifonia que, em suas atuações, podem promover a transgressividade num ato de linguagem.

A partir desta construção apontamos a relevância que a pesquisa pode ter. Num primeiro plano, para a reflexão, ordenação e contribuição ao conceito de gênero, sujeito e transgressão de

gênero à Análise do Discurso, cujos conceitos, por sua amplitude teórica, vão sempre demandar melhores compreensões em suas articulações e aplicações. Num segundo plano, destacamos a prática laboratorial de experienciar a aplicabilidade num *corpus* literário, promovendo cada vez mais um estreitamento instrumental entre Análise do Discurso e Teoria Literária.

Assim, é a partir da problematização apresentada no tema que tanto a hipótese quanto os objetivos que orientam e fundamentam a pesquisa serão constituídos a fim de promoverem a sustentabilidade do pensamento científico do corpo da tese.

## 1.2 Hipótese

Para a compreensão da hipótese que norteia este projeto de pesquisa, elencam-se a seguir os pressupostos que a sustentam:

- I. A “estrutura” do gênero ancora-se na ação discursiva de práticas sociais e, fundamentalmente, na condição de *mobilidade e funcionalidade* do *rearranjo* do sujeito na língua. A condição de apreensão de uma teoria dos gêneros liga-se, diretamente, à constituição/manifestação do sujeito na língua. Daí, conclui-se ser possível pensar a concepção do gênero a partir do sujeito na linguagem.
- II. Antes da palavra, o gênero se estabelece, ou se funda, como *arena* (BAKHTIN, 1992) que sedia e organiza as forças advindas ao campo psico-sócio-lingueiro tanto do inconsciente quanto do ideológico para, na ação de comunicação, ser produtor de sentido, oferecendo-se como campo semântico.
- III. O gênero, como espaço de e na palavra, é organizador das forças ideológicas e inconscientes em que constitui e é constituído no jogo de expectativa articulado ao ato de linguagem. A articulação daquilo que está em jogo no ato de linguagem torna-se possível através de ato de *transgressão* promovido no próprio gênero. Entende-se que todas as ações de transgressão de gênero são movidas pelo sujeito e são de caráter consciente ou pulsional inconsciente.
- IV. A partir da teoria dos gêneros (BAKHTIN, 1992; CHARAUDEAU, 2001; MACHADO, 2003), tanto um texto quanto um enunciado e, até mesmo, uma palavra são portadores de estrutura e função na conceituação e/ou reconhecimento de um gênero.

- V. A transgressão de gênero ocorre como possibilidade de criação de sentido. Para isso, o efeito de transgressão está em reunir diferentes discursos e utilizar a intenção ou desejo de ironia para modificar ou desviar dos sentidos cristalizados nos e pelos gêneros (MACHADO, 2004).

Assume-se, pois, como hipótese, que o efeito de significação, na obra dostoiévskiana, manifesta-se num caráter de transgressão genérica na mistura de múltiplas “vozes” que aproximam diferentes discursos sociais e pessoais em torno das relações de grupo familiar. O evento de transgressão genérica, que caracteriza o traço estilístico de Dostoiévski, ancora-se em sua singularidade e habilidade de utilizar-se do recurso de fragmentação dos múltiplos sujeitos para o rompimento tanto do ato de linguagem como do gênero, a fim de promover efeitos de novos ou outros sentidos.

### **1.3 Objetivos**

#### **1.3.1 Geral**

O objetivo principal da pesquisa é o de analisar, na obra *Os Irmãos Karamázov*, considerada como um *macroato discursivo*<sup>2</sup>, a polifonia que a permeia, utilizando, para tanto, o funcionamento transgressivo efetuado pelos diferentes sujeitos da obra.

#### **1.3.2 Específicos**

- I. Identificar e analisar a diversidade discursiva nos quatro personagens principais que compõem a obra *Os Irmãos Karamázov*, através do quadro enunciativo (ou comunicativo) de Charaudeau (1983, 2008), após efetuar um recorte dos principais diálogos compostos em atos de linguagem.

---

<sup>2</sup> Para o uso deste sintagma, tomamos como base conceitos de Machado (2003), que afirma que o “Enunciado” pode ser compreendido como algo que vai desde um diálogo simples até o texto integral de uma obra. Um “macroato de linguagem” seria assim, para a autora, a reunião dos diferentes enunciados que compõem a obra.



- II. Identificar e analisar a multiplicidade de vozes que habita um personagem na instância do dizer do quadro comunicacional e como essas vozes se manifestam ou se estabelecem na organização de diferentes papéis sociais, bem como observar as relações que se estabelecem entre os personagens tanto em suas rivalidades quanto em seus afetos a partir do jogo que se ordena e entre essas diversas vozes e discursos.
- III. Analisar na trama que sedia os diversos diálogos entre os irmãos Karamázov que a construção do sentido não é efetuada pela lógica da apresentação do fato, mas pela pertinência e imiscuição de inúmeros sujeitos que se presentificam e se realizam a partir da manifestação de suas intencionalidades e desejos
- IV. Apresentar a estreita relação entre gênero e sujeito e sua intensa ação de conflito para a organização do campo semântico.
- V. Apresentar e analisar a atuação da transgressividade genérica como função dos múltiplos sujeitos na trama da obra como recurso estilístico do autor a partir do recurso da polifonia.
- VI. Apresentar categorias funcionais da transgressão de gêneros a partir do traço de escrita de Dostoiévski.

#### ***1.4 Metodologia***

O corpo metodológico da pesquisa apóia-se em dois eixos fundamentais. No método de construção dos referenciais teóricos pela pesquisa bibliográfica conforme marcos teóricos de alguns pesquisadores citados nessa introdução. No método do estudo discursivo a partir da estrutura do quadro comunicacional da Teoria Semiolinguística, que define um ato comunicacional a partir do contrato estabelecido entre dois sujeitos num plano situacional. Tal conceito, ao longo da pesquisa, será bastante repetido, mas esta repetição tem por fundamento montar o pensamento metodológico sobre o recorte de trechos da obra citada de Dostoiévski, que serão recorte selecionados como *corpus*.

Por se tratar de uma obra avolumada e extensa, o procedimento utilizado foi de selecionar diálogos, usando o conceito do quadro comunicacional, em que se ordena quais são os sujeitos e em que situação eles se encontram para o estabelecimento daquele ato de linguagem.

Na obra, a partir da construção narrativa, podemos separar as vozes ou personagens

pelo critério do gênero masculino e feminino. O que se pretende é, justamente, adentrar na trama dos diálogos ocorridos entre os cinco componentes da família Karamázov, o pai e os quatro filhos. Assim, como primeiro procedimento, a voz do gênero feminino não comporá o *corpus* da pesquisa, o que acreditamos se tratar de uma atrativa futura pesquisa.

A trama da obra passa pelo assassinato do pai, e o principal suspeito é um de seus filhos. O desenrolar da trama revela inúmeras vozes (discursos) para seu desfecho, vozes da religiosidade, do ateísmo, da ciência e do jurídico, mas é, no tear intrínseco dos diálogos entre os irmãos, que alguma coisa se trama: “Não fui eu, foi ele que me ensinou. Respondi com sangue frio que não ensinara, mas somente exprimira a idéia principal, era só um projeto” (DOSTIÉVSKI, 2001, p. 537).

Portanto, selecionamos diálogos na obra que remontam, principalmente, ao encontro entre o pai e os filhos e entre os quatro irmãos com o intuito de analisar o contrato de comunicação que ali ocorreu e, de certa forma, uniu os membros daquela família. Em sua grande parte, foram selecionados trechos que caracterizam a trama a partir dos diálogos que se formam entre os três principais irmãos: Dimíttri, Ivan e Aliócha. Por fim, ora recortamos diálogos estabelecidos entre os quatro personagens principais e personagens secundários, em especial o de Aliócha Kólia. Ora foram recortados trechos de falas que não se endereçam diretamente a um dos personagens principais, mas que compõem o fio da trama como mais um voz que faz eco no coro transgressivo da narrativa, como a fala do Stárets Zósima.

Trabalharemos na análise com duas traduções da obra em português. A primeira é da editora Ediouro e a tradução foi efetuada por Natália Nunes e Oscar Mendes. A segunda, da editora 34, tradução de Paulo Bezerra. A utilização das duas obras terá préstimo apenas para a dinâmica da própria análise com a finalidade de comparação de termos ou da construção sintática de um diálogo. Porém, a apresentação dos diálogos no corpo da tese será sempre referenciada pela edição da Ediouro, tradução de Natália Nunes e Oscar Mendes, cuja escolha é de caráter subjetivo do pesquisador.

Faremos, então, uma demonstração de como se efetuará o esquema acima exposto. Recortamos e apresentamos o diálogo estabelecido entre os irmãos Ivan e Aliócha; trata-se do maior diálogo executado na obra e, impreterivelmente, o de maior riqueza para a análise discursiva nela proposta. Desta forma, a partir do quadro comunicacional, os sujeitos se alocam no plano situacional para, num jogo estratégico, referenciar-se no plano do dizer como sujeitos de fala.

No plano situacional, há dois sujeitos que se prontificam num plano físico para contratação de um ato comunicacional. Esse recorte trata do momento em que Aliócha parte em busca de seu irmão Dimítri que, supostamente, estaria em um *botequim* de nome *A Capital*, localizado na praça da cidade. Lá não encontrou Dimítri, mas foi surpreendido por um convite do outro irmão, Ivan, para se assentar com ele e jantar. Temos aqui uma cena em que, grande parte do tempo, representa Ivan como sujeito comunicante e Aliócha como sujeito interpretante. Embora esta relação entre sujeitos se alterne na comunicação, é repetitiva a postura do personagem Aliócha ao ocupar a posição de interpretante nos diálogos. Em um primeiro momento, no plano físico, há uma iniciativa de recusa por parte de Aliócha, pois seus trajes eram inadequados para o ambiente (vestia trajes religiosos), porém Ivan o induz a entrar, informando-lhe que se encontrava em um lugar mais reservado. Aliócha aceita e se submete à empreitada. Assim, iniciam-se os primeiros contatos para um contrato de comunicação.

No plano do dizer, o sujeito comunicante deverá acionar uma imagem discursiva enunciativa que o aproxime ao máximo de um sujeito destinatário. As relações entre os irmãos, além de certo distanciamento e estranheza, são pautadas por intensa desconfiança. A tomada de uma imagem de enunciador precisava ser regida com muita cautela e estratégia, pois tudo mostra que há o risco de que a comunicação não ocorra. Assim, o sujeito comunicante Ivan enuncia-se como o irmão da infância, aquele que se lembra das preferências do paladar do irmão mais novo, e utiliza um tom de cuidado, atenção de irmão mais velho, para atingir certa expectativa do sujeito destinatário na dimensão do seu dizer:

Vou mandar pedir para você sopa de peixe ou outra coisa. Não se vive só de chá ...  
 Está bem, e em seguida chá, estou com fome - disse Aliócha num tom jovial.  
 E doce de cerejas? Lembra-se de como gostava dele, na sua infância, na casa de Polfenov?  
 Ah! Lembra-se? Quero sim, ainda gosto dele (DOSTOIÉVSKI, 2001, p. 242).

Desta forma, começa o primeiro diálogo entre os dois irmãos que, na composição familiar, são filhos de uma mesma mãe e que, no percurso de suas histórias, trazem marcas e situações que os tornaram extremamente díspares. Portanto, a estratégia discursiva para que o contrato ocorra entre ambos é de extrema importância no momento do encontro.

Se a constituição da imagem de Aliócha prefigura-se no discurso religioso do amor (caricatural) do Cristo para humanidade, Ivan, por sua vez, traz a prefiguração do discurso

ateísta, da supremacia da arrogância e da individualidade do humano regidos por certa liberdade que o leva a se concentrar em seus interesses e desejos. No decorrer do diálogo, as imagens enunciativas vão se deslocando e promovendo uma arena de confronto entre diversos discursos, os quais na tentativa de elucidar alguma verdade sobre algo, que sempre escapa aos sujeitos, leva-nos a crer, em certos momentos, que não sabemos sobre o que realmente eles estão falando, algo sempre está ali, mas por estar ali tão próximo, acaba por evadir-se. E, assim, nesta desconstrução de algo que nunca é apreendido, o sujeito falta e funciona na transgressão daquilo mesmo que diz: “Você sempre volta a isso! O que eu posso fazer? Serei o guardião de meu irmão Dimítri? - replicou Ivan, com irritação. De repente teve um sorriso amargo. - é a resposta de Caim a Deus [...]” (DOSTOIÉVSKI, 2001, p. 245)<sup>3</sup>.

### ***1.5 O corpus***

A eleição do *corpus* fundamenta-se em, além de uma inscrição subjetiva do pesquisador, retomar, no campo literário, uma identidade de escritura literária que, de certa maneira, promoveu uma significação mais acentuada em seu contexto e época, não apenas no que diz respeito à sua divulgação, mas na singularização que o traço ou projeto de escritura alcançou e rompeu dentre os demais. As obras dostoiévskianas aguçaram a curiosidade entre diversos estudiosos durante e após as publicações do autor. Do âmbito da Filosofia à Sociologia, da Psicanálise em Freud aos estudos da linguagem e do discurso com Bakhtin, a escrita e as temáticas literárias de Dostoiévski suscitaram imensos interesses pelo que ali fora produzido como literatura.

Por se tratar de um *corpus* amplamente estudado e interpretado, ao longo dos anos, uma questão se interpõe ao contexto da pesquisa: sob a sombra de grandes nomes que já pesquisaram e apresentaram aspectos teóricos bem relevantes a partir deste *corpus*, o que de pertinente e mais relevante pode esta pesquisa apresentar?

Diante dessa inquietação, que atravessa todo o trabalho, propomo-nos responder tais questões a partir dos seguintes pressupostos: i) um *corpus* de pesquisa que atraiu uma

---

<sup>3</sup> Todas as citações recortadas da obra de Dostoiévski foram retiradas da Edição Ediouro, 2001, tradução de Natália Nunes e Oscar Mendes. Portanto, em todos os demais capítulos, reduziremos as citações apenas com referência de página.

diversidade de pesquisadores não pode ser compreendido como esgotado em sua fenomenologia de ação ou representação; antes, este representa cada vez mais um atrativo sólido para sediar demais pesquisas; ii) o que define o caráter de determinada pesquisa não está diretamente ligado à atuação ou representação de um *corpus*, mas está ligado à direção estabelecida pela questão proposta à pesquisa; iii) e, por se tratar de um *corpus* referenciado por pesquisadores célebres, cabe-nos, nesta pesquisa, o desafio de trilhar por um percurso bastante estreito.

É por este olhar que nos direcionamos ao acervo literário de Dostoiévski que foi produzido ao longo de trinta e quatro anos de sua vida, iniciado nos anos de 1846 com a publicação de *Pobre Gente* e encerrado dias antes de sua morte com a inusitada obra *Os Irmãos Karamázov*. A escolha como *corpus* da última obra de Dostoiévski, em detrimento às demais, deu-se por alguns aspectos de pertinência prática e metodológica. Primeiramente, pela imensa produção de suas obras, e obras de espessura avolumada que torna impraticável, ao tempo de pesquisa, sua tomada como *corpus* na totalidade. Em segundo, pelo fato da obra *Os Irmãos Karamázov* apresentar o refinamento do traço de escritura, o que nos interessa num primeiro plano, isto é, o fato de conter em sua tessitura de macroato de linguagem literário os traços mais pertinentes do dialogismo e da polifonia que muito interessa à questão da pesquisa.

### **1.6 Sobre a tradução**

Outra questão pertinente à pesquisa é a ideia da originalidade de uma obra literária, ou seja, a compreensão exata de uma obra literária e do projeto de escritura de um autor só seria alcançada através da leitura a partir da língua originária daquela obra. Assim nos deparamos com a problemática da tradução de uma obra literária e suas implicações para uma sustentabilidade de pesquisa ou leitura através de um texto traduzido. Dispomos de um leque de teorias advindas da linguística aplicada que inviabilizam a ideia da possibilidade de um adentramento à originalidade de uma obra literária por seu texto traduzido. Assim, ou a tradução é concebida pela impossibilidade, a intransmissibilidade de algo, ou a tradução é concebida pela nostalgia da perda, traduz-se, mas não se terá acesso jamais à verdade do que ali, somente na língua originária, se poderia ter acesso.

É por concebermos inviáveis esses dois cursos de pensamento acima exposto que, na pesquisa, tomamos como fundamento outras ideias no contexto linguístico que levam em

conta a dimensão mais dialógica e viva da linguagem. Ou seja, romper com a visão de certos pressupostos estruturalistas que concebem a língua em sua estrutura sintática e morfológica como detentora dos sentidos. Foi assim, segundo Antoine Berman (2007), que certos teóricos da tradução promoveram a ideia de uma tradução baseada na palavra-por-palavra, na literalidade dos sentidos, ou outros do campo semântico que promoveram a ideia da tradução baseadas no sentido-pelo-sentido. Tanto um pressuposto quanto o outro não levam em conta uma série de reflexões presentes na teoria do dialogismo na linguagem e suas implicações na teorização do signo na atualidade dos Estudos Linguísticos.

Contudo, não podemos nos esquivar da questão que nos inquieta relativa à ideia do que é literatura e sua possível tradução, isto é, é possível traduzir a literatura? O que temos acesso em português, na obra *Os irmãos Karamázov*, poderíamos realmente considerar como traços ou projeto de escritura dostoiévskiana?

Respondemos a essa dimensional questão a partir dos seguintes pressupostos. Em um primeiro momento, ancoraremos no conceito de tradução como uma hospitalidade ou acolhimento ao outro, estrangeiro, pelo corpo da obra. Este pensamento fundamenta-se na teoria de Paul Ricoeur, exposto em sua obra *On translations*<sup>4</sup>, cuja ideia principal baseia-se na capacidade da linguagem de refletir sobre si mesma e falar de si mesma, tanto como linguagem como uma língua que se dirige para outra língua; aí está a capacidade ou possibilidade de pensar a tradução, o que Ricoeur denominou de “hospitalidade linguística”. O que estaria em jogo na tradução não é da esfera nem da coisa nem da palavra, mas da própria dinâmica da linguagem que promove a abertura e recepção para a transmissão.

Em um segundo momento, reportamo-nos às ideias de Berman (2007) que desmitifica uma relação de valor desigual ou uma hierarquização existente entre o texto original e o texto traduzido, principalmente, no que diz respeito à literatura. Segundo Rosa Maria Olher:

Na conclusão do seu livro *L'Épreuve de l'étranger*, Antoine Berman (1992) trata dessa relação de maneira bastante clara e menos idealizada, ao afirmar que a tradução está longe de ser uma mera derivação do original, texto supostamente absoluto, pois qualquer original constitui-se numa fábrica de traduções, caracterizado por ele como altamente traduzível ou necessariamente traduzível, para que alcance a plenitude como obra literária. Para Berman, a relação que liga a tradução ao original é *unique*, nenhuma outra relação de um texto com outro, de uma língua com outra ou de uma cultura com outra se compara à relação do original com a tradução. Assim, o papel da tradução literária não é o de mera transmissão, mas, sim, um papel constitutivo de toda literatura, filosofia ou ciências humanas em geral. (OLHER, 2008, p. 350).

---

<sup>4</sup> RICOEUR, Paul. **On translation**. New York: Routledge, 2006.

Compreendemos que o papel desempenhado pela tradução é promover a “sobrevida da obra literária”, pois não há uma concepção de grandes obras literárias que não tenha alcançado este conceito pela perpetuidade de suas traduções.

Por fim, ancoramos na premissa de que uma tradução não se finaliza pelo trabalho de um tradutor, isto é, por uma transmutação de códigos, signos e sentido de uma língua para outra. Mas que ela se perpetua na dinâmica viva do ato comunicacional, ou seja, a instância leitora ou a ação da leitura continua o trabalho dessa transmissão/tradução. Pois,

[...] ainda não nos damos bem conta de como a lógica da leitura é diferente das regras da composição. Estas, herdadas da retórica, continuam a parecer referir-se a um modelo dedutivo, quer dizer, racional: trata-se, como no silogismo, de constringer o leitor a um sentido ou a um desfecho: a composição canaliza; a leitura, ao contrário [...] dispersa dissemina [...] O texto, só o texto, dizem-nos, mas o texto sozinho é uma coisa que não existe: há imediatamente nesta novela, neste romance, neste poema que leio, um suplemento de sentido, de que nem o dicionário nem a gramática são capazes de dar conta. Foi desse suplemento que quis traçar o espaço ao escrever a minha leitura [...]. (BARTHES, 1984, p. 28).

Assim, não há literatura sem leitor e, desta forma, nesta pesquisa, tanto o conceito de literatura quanto as referências teóricas sobre a tradução serão levadas em conta a partir da instância interpretativa: o leitor, como participante da construção/perpetuação no que diz respeito à possibilidade tanto da literatura quanto da tradução. É sob estes pressupostos que a pesquisa se baseia: um ato de linguagem é sempre vivo e possível de sua análise, e o aspecto de uma tradução não se interpõe como diferenciador de nenhum ato comunicacional.

### ***1.7 Estrutura do trabalho***

O trabalho de pesquisa será elaborado e apresentado em uma composição de uma introdução, seis capítulos e a conclusão, na qual a presente introdução ocupa o espaço reservado às justificativas e definições metodológicas da pesquisa.

O primeiro capítulo se ocupará de uma explanação de conceitos como discurso, sujeito e contrato comunicacional no âmbito da Análise do Discurso. Portanto, o objetivo do capítulo será o de explicar e analisar um recorte de conceitos adequados e precisos ao questionamento da pesquisa.

O segundo capítulo apresentará, especificamente, a conceituação da noção de gênero,

buscando, para isso, uma contextualização dentro da obra de Mikhaïl Bakhtin (1992). Este capítulo faz um retorno histórico à origem dos gêneros e finaliza com as articulações propostas por determinados autores ligados à Análise do Discurso.

O terceiro capítulo terá, por questão, apresentar a estrutura do diálogo como gênero filosófico e sua articulação ao gênero literário. Propõe-se, também, aprofundar a conceituação de polifonia e suas derivações em alguns autores, bem como sua articulação com o gênero filosófico do diálogo.

O quarto capítulo demonstrará a conceituação da noção de sujeito na Análise do Discurso e suas interfaces com o sujeito do inconsciente da Psicanálise lacaniana. A teoria do sujeito no âmbito da Psicanálise, especialmente em Lacan, tem um leque muito abrangente e demandaria uma vasta explanação para sua compreensão de forma mais detalhada e elaborada. Porém, restringiremos nossa explanação ao recorte da tópica do sujeito em sua articulação pelo “nó borromeano” em suas instâncias de *Real*, *Simbólico* e *Imaginário* e sua juntura com a linguagem.

O quinto capítulo tratará especificamente da transgressão de gênero. Então, retomaremos nesse capítulo os princípios teóricos desenvolvidos nos capítulos anteriores para confecção da noção de transgressão e transmutação de gênero na linguagem.

O sexto capítulo foi reservado especificamente para o término da análise do *corpus*, pois, na estrutura do trabalho, optamos por fragmentar a análise nos cinco capítulos teóricos da tese, visando, em cada capítulo, a correlacionar o aspecto teórico com a parte da análise do *corpus*.

Por fim, o capítulo conclusivo almeja apresentar uma reflexão sobre o processo de pesquisa, apontando os fechamentos das questões propostas e suas formalizações finais.

## ***1.8 Considerações***

Por se tratar de uma pesquisa que faz interfaces com três áreas de grande representação - Linguística, Psicanálise e Literatura - o leque de possibilidades e caminhos de análise se torna infundável. Nesse aspecto, torna-se necessário formalizar as limitações ou fronteiras em se estrutura a pesquisa, pois, embora utilizemos de notas de rodapé e referências bibliográficas



para ampliarmos ou estendermos certos conceitos ou ideias, compreendemos precisamente a limitação que circunscreve a pesquisa pelo tempo, pela amplitude conceitual e pela angústia e escolha subjetiva do pesquisador.

Conforme mencionado acima, as obras dostoiévskianas provocaram em várias áreas do saber uma intensa curiosidade por seu aspecto de composição reunir uma diversidade de conceitos - ou esboços - que antecipa conceitos-chave em diversas áreas. Desta forma, pode-se empenhar tanto numa análise que se incline desde um aspecto sociológico das relações de trabalho às bases de uma revolução social pelo viés da diversidade cultural e étnica quanto ao aspecto da narratologia histórica da composição social e cultural da Rússia czarista do século XVIII. Mas isso não faz parte do contexto da pesquisa.

A perspectiva psicanalítica se torna uma das mais abrangentes para se propor uma análise da obra *Os Irmãos Karamázov* tomada como *corpus* dessa pesquisa. Conforme já mencionado acima, temas como o parricídio, a histeria, a sexualidade e a neurose na manifestação do aspecto religioso provocam intensamente a curiosidade de pesquisa no aspecto de antecipação de Dostoiévski a Freud. Mas, mais uma vez, esses não são objetivos da pesquisa, em que, de fato, nos limitamos a pequenas citações de alguns pontos teóricos psicanalíticos no texto e, em grande parte, em notas de rodapé.

No campo da Literatura não cessaria, se aqui ousássemos citar, as diversas possibilidades de análises dos aspectos literários que a obra dostoiévskiana muito se oferta e manifesta como acervo literário. Contudo, embora essa pesquisa adentre numa certa análise literária do traço estilístico do autor, seu escopo não é uma análise literária.

Essa é uma pesquisa em Linguística, precisamente, em Análise do Discurso. Por isso, seus objetivos circundarão os aspectos que fomentam a teorização do corpo conceitual da Análise do Discurso. Assim, os aspectos discursivos, o ato de linguagem e a formação de sentido são diretrizes essenciais que norteiam e fundamentam os objetivos dessa pesquisa, levando em conta o contínuo desafio da Linguística, na Análise do Discurso, de promover um diálogo-relação com outras áreas do saber científico.

## 3 OS GÊNEROS DISCURSIVOS

### 3.1 A gênese do gênero

No início desse capítulo faremos uma breve incursão sobre a origem do conceito de gênero no período clássico. Assim pensamos que em todo modelo de apresentação sobre alguma coisa é sempre necessário fazer certa referência sobre suas primeiras marcas de origem e seu percurso. Se tal necessidade é proveniente de um desejo inconsciente sobre nossa origem ou de uma consciência da materialidade histórica construída pelo homem, não nos atreveremos apontar, mas atenderemos a demanda da inquietação. Portanto, compreendemos que os estudos filosóficos do período clássico já apontavam para o conceito de gênero e, possivelmente, para sua classificação.

Assim, a ideia da diferenciação ou classificação no uso da linguagem, seja oral ou escrita, parecia ser fortemente marcada por preocupações entre os gregos antigos. Estas primeiras preocupações eram de fato pensadas como delimitadoras da origem do conceito de gênero.

No livro III *da República*<sup>32</sup>, Sócrates/Platão trata em suas reflexões, dentre outras coisas, do aspecto da poesia e da necessidade de certo controle de seu conteúdo, de seu sentido. Desta forma, Sócrates/Platão apresenta uma proposta de disjunção entre a narração e a representação segundo um critério que ocorre no campo enunciativo. Nesse sentido, estabelecem três modalidades sobre a exposição do ato, a saber: i) a *mimésis*, que se encontra no drama, na qual cada ator representará a fala de um personagem; ii) a *diegésis*, uma maneira “misteriosa” de narração em que o poeta fala em seu próprio nome; iii) o modo *misto*, tomado pela poesia épica, na qual o narrador fala e faz falar o personagem (MACÉ, 2004). Nessa demonstração de divisão enunciativa dos atos de expressões na poesia, apresentada por Sócrates/Platão, não há, obviamente, uma classificação de gêneros, mas uma modalização enunciativa da poética, apontando para os modos *lírico*, *épico* e *dramático*. Esta divisão não se organiza pelo caráter das essências da poética ou por suas obras, mas pelo ato representacional dos seus textos.

---

<sup>32</sup> PLATON. **La République**. Tradução R. Baccou. Paris: [s.n.], 1963. v. III.

Contudo, percebemos como se estabelece de imediato uma organização hierárquica da poesia a partir da representação e, dentro desta hierarquização, a menos aceitável seria a forma da *mimésis*, a que não agregaria valores para a vida da cidade, segundo Platão. A representação - *mimésis* - na visão platônica toma um caráter ontologicamente depreciativo e moralmente perigoso de atuação na *polis*. Essa temática é retomada por Aristóteles que reorganiza o conceito de representação em toda a poesia e, nessa trajetória, redireciona, a partir da concepção platônica, toda uma diferenciação de fundamental importância para o pensamento acerca do gênero, que podemos formalizar de dois modos: i) tanto o espaço da representação no campo da poética é alargado como também as próprias fronteiras da poética e, desta forma, Aristóteles elaborará o conceito de *Arte Poética*, explorando exaustivamente os contornos da tragédia e da epopéia, que sustentaram por muito a discussão acerca dos gêneros literários; ii) a distinção entre poética e retórica ou *Arte Retórica*, sendo esta, especialmente, a que interessa de forma mais próxima aos estudos linguísticos.

Segundo Michel (1998), há fortes indícios de precedentes das ideias dos Sofistas acerca da linguagem no pensamento aristotélico no conceito da *Arte Retórica*, pois “les sophistes avaient révélé la puissance propre du discours, capable non seulement d’exprimer, mais aussi de dissimuler les rapports réels” (MICHEL, 1998, p. 84). Assim, para Michel (1998), a partir da influência dos sofistas no pensamento aristotélico, pode-se determinar três pontos de reflexão acerca do discurso retórico.

Primeiro, que o conceito de discurso retórico em Aristóteles abrange o homem em sua totalidade, pois o homem é um ser inteiramente de fala, com capacidade para o julgamento das coisas e do mundo, mas também das paixões e dos afetos, o que convocará esse homem a um saber de si na linguagem para se equilibrar em seu uso e em sua apresentação no discurso.

Segundo, outra categoria de fundamental importância para a compreensão do discurso retórico é que este não tem a finalidade ou objetivo em seu próprio conteúdo, mas sua finalidade está na relação estabelecida com o auditório, ou seja, a relação do discurso retórico é uma relação de alteridade, de reconhecimento da existência do outro.

Terceiro, que a partir da relação que o discurso retórico estabelece com o auditório vai derivar três outros componentes de fundamental importância na categorização genérica de Aristóteles a partir do uso do tempo no discurso: i) quando alguém se refere a alguma coisa do passado, esta maneira de formalização determina o aspecto do julgamento, caracterizando, assim, o gênero *Judiciário*; ii) uma atitude passiva de espectador e não crítica frente ao mundo

é o que formaliza a ação do tempo presente e o que caracteriza o gênero *Epidídico*; iii) e a ação de deliberar sobre algo que está por vir, prática costumeira da assembleia ateniense sobre as tarefas da *polis*, caracteriza o gênero *Deliberativo*.

É possível observar que, neste aspecto da temporalidade, outra categoria é subjacente à caracterização dos gêneros do discurso retórico, quais sejam, as atividades ou necessidades do auditório em sua vida prática da cidade, ou seja, as práticas ou atividades sociais são, de certa forma, atreladas ao tempo como formadoras das categorias genéricas.

Nesta pequena incursão sobre a gênese do gênero, vale ressaltar alguns aspectos na ordenação da ideia sobre o conceito de gênero. O primeiro deles é que o aspecto da linguagem não foi atrelado unicamente à instância poética, literária, mas ao todo da linguagem, que é também constituinte das práticas e da vida social e que, conseqüentemente, poderá ser estruturada e estudada num regime de igualdade como qualquer outro “texto”. Em segundo, o conceito de representação adquire uma postura de maleabilidade, deslizando tanto da esfera do poético como para o retórico, ou seja, no pensamento aristotélico alguma coisa já apontava na direção de que a organização da linguagem não se atrelava à formalização de um texto - obra -, mas ao “uso” que o homem faz da linguagem. Por fim, evidenciamos mais uma vez os três elementos presentes no pensamento aristotélico para a categorização dos gêneros da retórica: o reconhecimento dos sujeitos no discurso - orador e auditório, os espaços sociais da *polis* e organização de suas atividades e o tempo.

Embora as formulações apresentadas no texto refiram-se às categorias aristotélicas do discurso retórico como genitoras do conceito de gêneros, destacamos que não faremos aqui um estudo exaustivo sobre o tema, já que esta não é preocupação da pesquisa. Portanto, há diversas versões, a partir das leituras filosóficas, para um estudo diversificado e aprofundado acerca do tema, bem como diversos entendimentos e divergências entre os estudiosos da linguagem sobre a concepção da origem dos gêneros no seio da linguística. Alguns estudiosos da linguagem apontam as classificações retóricas como gêneros e outros nomeiam-nas como modalizações na linguagem. Contudo, a visão que aqui apresentamos apóia-se em compreensões de leituras mais próximas às de linguístas como Todorov (1988). Desta forma, gostaríamos ainda de mencionar dois aspectos acerca do gênero. O primeiro deles, que direciona a abrangência dos estudos genéricos numa escala diacrônica, isto é, o pensamento da era clássica sobre o “discurso” e, o segundo, que se encontra numa escala sincrônica, na reflexão dos três elementos acima citados, fundamentais na classificação dos gêneros. Todos os dois são, de certa forma, pertinentes ao pensamento atual sobre os gêneros discursivos.

### ***3.2 A concepção de gênero em Bakhtin***

O conceito de gênero na teoria bakhtiniana é organizado numa complexidade e entrelaçamento de vários outros conceitos ao longo de sua obra. Trabalhar teorias no âmbito da linguística, a partir da obra bakhtiniana, requer um tratamento que leve em conta, senão, dois aspectos: i) o curso do desenvolvimento das ideias ao longo da historicidade não apenas da vida acadêmica de Bakhtin, mas de seu círculo de estudo que compreende outros nomes de fundamental valor na organização das teorias apresentadas e; ii) a compreensão de que as teorias de Bakhtin não têm um caráter intrinsecamente linguístico, mas filosófico, convocando o leitor estudioso do campo linguístico a ter habilidade de transpor tais ideias de um campo para o outro, preservando e aplicando conceitos que reconheçam as diferenças e características de cada área.

Não é de interesse desta pesquisa ater-se a tais reflexões, nem promover uma digressão para elucidar determinados pontos dos aspectos históricos da organização do pensamento teórico de Bakhtin e do seu círculo na Rússia. Todavia, na abordagem de alguns aspectos teóricos, ao longo deste capítulo e de outros, faremos certas distinções provenientes do contexto histórico do círculo bakhtiniano, com o intuito de recuperar e preservar nuances, diferenças e aproximações que circunscrevem aqueles conceitos. Ainda dentro do contexto da historicidade do círculo, acataremos o problema de reconhecimento da autoria de determinadas obras que foram dadas como produções de Bakhtin. Atualmente, tal questão é palco para diversas pesquisas e posicionamento quanto às edições e autorias. Contudo, aqui, adotaremos o lugar de referenciá-las todas como bakhtinianas, não por uma postura de defesa de uma ou outra posição, mas pelo simples fato de organizar e facilitar no texto uma orientação de nomenclatura mais uniforme.

Nesta pesquisa, trataremos de recortar e montar noções teóricas pertinentes aos estudos da Linguística, mais precisamente da Análise do Discurso, advindas das reflexões do círculo bakhtiniano. Essa tarefa consiste em apresentar tais conceitos o mais límpido possível de entremeios teóricos incompatíveis ou inadequados à funcionalidade analítica aos estudos do discurso, o que requer uma tolerância de percorrer o curso do pensamento bakhtiniano, no decorrer de suas obras, para delimitação ou recorte desses conceitos.

Assim, para estudo da concepção de gênero, faz-se necessário perpassar,

concomitantemente, a outros conceitos compreendidos por Bakhtin no seu acervo teórico tais como: dialogismo, enunciado e polifonia.

### ***3.3 O dialogismo na teoria bakhtiniana***

Conforme mencionado anteriormente, a compreensão da obra bakhtiniana está respaldada em uma atitude filosófica do pensamento e não em categorias ou metodologias para emprego em uma área de conhecimento específico. O que se compreende de filosófico, no contexto bakhtiniano, abrange um social bem diverso, ou seja, todas as atividades sociais em exercício no mundo. Desta forma, segundo Brait (2006), estariam compreendidas as esferas tanto da filosofia como da teologia, da literatura, da semiótica da cultura e outras, no sentido de buscar as formas de construção e instauração dos sentidos. Assim, a obra bakhtiniana é marcada por uma abrangência de relação com diversos aspectos de diferentes áreas do conhecimento em seu contexto de formação, não estando restrita ao campo da linguagem, da linguística estrutural, nem aos estudos estilísticos literários.

Por promover um saber que se comunica com diversas áreas das ciências humanas, tais como a sociologia, a psicologia, a antropologia e outras é que se torna conhecido, num primeiro momento, o caráter dialógico da obra de Bakhtin.

As referências bakhtinianas sobre a dialogicidade parte de duas fontes que participaram da formação acadêmica de Bakhtin e do seu círculo de debates. Segundo Todorov (1981), o austríaco Martin Buber, a partir de sua obra intitulada de *Ich und du*, publicada em 1923, foi um dos principais filósofos que influenciou a leitura de Bakhtin e contribuiu na formação do seu conceito de dialogismo. Conforme Dahlet (2006), a filosofia kantiana também tem grande influência na concepção filosófica bakhtiniana sobre o dialogismo, pelo fato de Bakhtin participar dos grupos de reflexão sobre a filosofia kantiana em 1920 em Nevel e por sua participação em seminários kantianos em Kagan.

Assim, o que queremos ressaltar são as bases de cunho estritamente filosóficas apreendidas por Bakhtin sobre a dialogicidade e sua aplicabilidade no seio dos “estudos da linguagem” e, conseqüentemente, o efeito de redirecionar e redimensionar conceitos fundamentais em três diferente áreas: as atividades sociais, no campo da sociologia; o signo,

no campo da linguagem; e o sujeito, no campo da psicologia e da antropologia, sendo os dois últimos os que mais tiveram impacto sobre os estudos da linguagem.

Bakhtin, desta maneira, organiza um pensamento sobre a forma ou estrutura do dialogismo na linguagem, redimensionando os conceitos e as funcionalidades das noções de signo e de sujeito no âmbito da linguística, o que transcende a uma outra dimensão do linguístico, ou de seu externo: o campo da enunciação.

O dialogismo é a condição da enunciação no pensamento bakhtiniano, é a formulação ou posição do acontecimento da produção de sentido, o sentido que só se configura na ocorrência - existência - da enunciação. Assim, o dialogismo na teoria de Bakhtin se fundamenta em duas proposições: i) naquela da coexistência dos sujeitos no enunciado, isto é, um “eu” que se dirige a um “tu”, ou um “eu” que se referêcia no “nós”, ii) na própria constituição da linguagem com dialógica, ou seja, a linguagem e o sentido não se estabelecem pela linearidade de um discurso, mas pela profusão de encontros e diferenças de um emaranhado de discursos na enunciação.

A dialogicidade bakhtiniana é de caráter puramente ideológico, social. O ideológico na concepção do círculo refere-se a todas as atividades sociais existentes no mundo. Não há uma preocupação ou definição axiomática social para a palavra ideologia no pensamento bakhtiniano e, sim, um direcionamento para uma filosofia da atividade humana, o homem em ação frente ao outro homem e frente ao mundo. Embora haja um certo compromisso com a ideologia marxista em suas articulações, Bakhtin é, por vezes, repetitivo em suas menções acerca do ideológico como algo que transcende às implicações axiológicas sociais e, assim, aponta, de certa forma, para uma *filosofia do ato*, do homem-ação no mundo. A ação desse homem não é, - e não pode ser -, apreendida na condição do real ou de qualquer outra apreensão científica, psicológica ou antropológica, uma vez que é na linguagem, na ação do homem na linguagem, que reside a capacidade dessa apreensão, ou seja, da apreensão do sentido, do sentido-ação. Em seu texto *Pour une philosophie de l'acte* (2003), Bakhtin expressa mais uma vez sua preocupação com um objetivismo científico para compreensão do que aqui é nomeado como uma filosofia humanística da ação, isto é, a apreensão de um real por meio da linguagem que é puramente dialógica em seu aspecto ideológico, como ele mesmo ressalta:

De façon similaire, le mot vivant, le mot plein ne connaît pas d'objet qui soit totalement donné: par le simple fait que j'aie commencé à en parler, j'ai déjà adopté une certaine attitude envers lui, non pas une attitude indifférente, mais une attitude

intéressée-opérante. Et c'est pourquoi le mot ne désigne pas seulement l'objet comme une certaine entité disponible, mais, par son intonation (um mot prononcé réellement ne peut être dépourvu d'intonation: son intonation découle du fait même de sa prononciation), exprime aussi mon attitude évaluative par rapport à cet objet, le désirable et le nom désirable en lui et, ce faisant, le met en mouvement vers ce qui est son donné-à-accomplir, en fait une composante d'un événement vivant. (BAKHTIN, 2003, p. 58).<sup>33</sup>

Neste sentido, podemos, então, apreender e retomar certos elementos para compreensão do aspecto dialógico na linguagem. Primeiro, o signo é um elemento de apropriação e transformação de um objeto ou de uma realidade. A natureza do signo é ideológica e comporta todas as esferas de atividades do homem no social. É através do signo que o objeto ou certa realidade é refratada em suas inúmeras possibilidades de significação. Em seu livro *Marxismo e filosofia da linguagem*, Bakhtin assim se expressa sobre a natureza do signo:

Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo que é ideológico possui um valor semiótico

[...] Realizando-se no processo da relação social, todo signo ideológico, e portanto signo lingüístico, vê-se marcado pelo horizonte social de uma época e de um grupo social determinado. (BAKHTIN, 1988, p. 33, 44).

O que queremos ressaltar é a dupla face da natureza do signo lingüístico na concepção bakhtiniana, ou seja, o signo é algo referenciado, também, na esfera da língua, como palavra, léxico, mas sua outra face, e de grande proporção, é de natureza ideológica; o signo apreende, ou por ele passam, todas as ideologias das atividades ou interações verbais sócio-humanas. Assim, mais uma vez é apresentado por Bakhtin o dialogismo como estrutura da natureza do signo e, conseqüentemente, da natureza da linguagem.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação social verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 1988, p. 123).

---

<sup>33</sup> Minha tradução: De maneira similar, a palavra viva, a palavra cheia não conhece o objeto que seja dado totalmente: pelo simples fato que já comecei a falar e já tenho adotado certa atitude para com ele, não uma atitude indiferente, mas uma atitude eficazmente interessada. E é por isso que a palavra não designa somente o objeto como certa entidade disponível, mas, sua entonação (um palavra pronunciada realmente não pode ser desprovida de entonação: sua entonação decorre do fato mesmo de sua prononcição), exprime também minha atitude evolutiva em relação a este objeto, desejável ou não desejável em relação a ele, e com isso, põe-lhe em movimento, fazendo dele um componente de um acontecimento vivo.



O que é perpassado pelo signo, e não há nada no mundo que se manifeste que não seja pelo vestíbulo do signo, só se apresenta e se organiza, como sentido, pela ordem existencial e funcional do dialogismo e sua enunciação. Desta forma, o termo “enunciação”, na teoria bakhtiniana, toma um caráter ou aspecto de um tempo sempre presente, de algo vivo que constantemente se apresenta, que é acionado no campo da comunicação. Todavia, essa apresentação da vivacidade não se dá de forma estanque, estratificada, mas na multiplicidade, na contradição e na concorrência de inúmeros discursos que compõem as infinitas atividades sociais no campo de ação do homem. O que está em jogo na comunicação, o sentido, não está circunscrito no ato “real”, situacional, da comunicação, mas na realidade existencial da própria enunciação que, em si mesma, aloja a temporalidade, a memória e as infinitas relações de responsividade entre as cadeias discursivas. A apreensão do sentido não está contida pelas seguridades do momento situacional da comunicação, mas pela “historicidade” e pelas ligações que ocorrem no seio da enunciação.

Dito de outra forma, uma cadeia de elos discursivos em suas responsabilidades, cujos discursos nunca se perdem ou são esquecidos, dialogam numa eterna construção de sentido nas possibilidades de enunciados. Assim, “toda enunciação mesmo na forma imobilizada da escrita é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala” (BAKHTIN, 1988, p. 33).

Ora, se a dialogicidade reside na própria natureza do signo, como já referenciado, não haverá nenhum outro conceito pensado na linguagem que se exime também dessa natureza, isto é, que não seja dialógico. Aqui, então, aponta-se para a natureza do gênero que, por sua constituição sógnica, também se constitui pelos elementos da dialogicidade. Sabe-se que o dialogismo pode ser configurado em dois planos de compreensão: i) o dialogismo em sua natureza mais complexa, *constitutiva*<sup>34</sup>, no plano das ordenanças ou do campo de forças dos discursos; ii) na sua natureza *mostrada* num campo mais objetivo das interações verbais entre dois sujeitos num ato de comunicação. Desta forma, na apresentação da estrutura da dialogicidade, deparamo-nos com a questão de como compreender e apresentar a “realidade” da estrutura do gênero no campo linguístico, considerando sua dialogicidade, mas não se confundindo com o próprio aspecto da teoria do dialogismo. Entende-se, portanto, que a dialogicidade no conceito bakhtiniano é de

---

<sup>34</sup> Veremos com maior detalhe sobre a polifonia nos aspectos da heterogeneidade mostrada e constituída nos estudos de Jacqueline Authier-Revuz, no capítulo 3.

ordem anterior a qualquer outro conceito posteriormente pensado e refletido no círculo bakhtiniano.

Por conseguinte, tomamos o cuidado de não categorizar ou associar os conceitos entre dialogismo e outros mencionados no círculo como participantes do mesmo plano de reflexão. Podemos aqui definir o conceito de dialogismo como uma reflexão na esfera do ontológico, de uma filosofia da linguagem do círculo bakhtiniano e não de uma noção metodológica de uma teoria da linguagem.

Embora o conceito de gênero, no pensamento do círculo bakhtiniano, não tenha um caráter fundamental de arcabouço metodológico linguístico, reconhecemos, nesta pesquisa, a aplicabilidade e a funcionalidade, a partir da teoria de Bakhtin, de vários outros teóricos, cujas metodologias, nas teorias genéricas, têm sido amplamente aplicadas, tais como: Charaudeau (2001), Maingueneau (2002) e outros. O que podemos recortar para a teoria do gênero, a partir da noção de dialogismo, é, justamente, o caráter ou natureza de ser *relativo*. Observamos que esta relatividade constituinte da natureza do gênero dá-se por ela se situar entre duas esferas da ação da linguagem: a intersubjetividade e a interdiscursividade. Esta diz respeito à esfera da dialogicidade e da ordenação entre os diversos discursos, aquela à que promove a troca entre dois sujeitos no ato de linguagem e que instaura os discursos no campo do diálogo. Portanto, a natureza do gênero compartilha da configuração de um efeito de sentido na comunicação, perpassando do dialogismo das esferas discursivas ao ato do diálogo numa situação de comunicação.

Percebemos, desta forma, que muito do que se apreende do gênero e de sua possível metodologia está, em grande parte, contida na instância do diálogo e não do dialogismo da estrutura, propriamente dita da linguagem. Mas, o que configuraria os gêneros senão os discursos advindos do campo da enunciação? Aqui, então, deparamo-nos com o núcleo vivo da natureza do gênero, uma ponte relativa da enunciação para o enunciado como possibilidade do acontecimento de sentido. Em *Marxismo e filosofia da linguagem* (1988), Bakhtin faz menção a esta ideia, lembrando o duplo caráter da palavra, percebendo-a como uma ponte tanto para a esfera da composição do diálogo como para a esfera dos elos discursivos, ou seja, para a construção interdiscursiva no próprio campo da enunciação. Contudo, verificamos ênfase na configuração do diálogo como o representante da composição do gênero, algo com maior peso na relação entre os interlocutores da comunicação, conforme a passagem de Bakhtin:

Essa orientação da palavra em função do interlocutor tem uma importância muito grande. Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que precede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. (BAKHTIN, 1988, p. 113).

Assim constatamos um enfoque dado por Bakhtin a certa atuação da palavra na dinâmica do dialogismo. A compreensão do termo palavra, utilizado pelo autor, não faz referência à teorização do signo linguístico, nem à consciência e nem ao aspecto ideológico, tratados exaustivamente ao longo de sua obra. Neste percurso, nota-se um adentramento à questão dos gêneros discursivos e que, para o tratamento do conceito de gênero, faz-se necessário compreender e desassociar os conceitos de dialogismo e dialético - do diálogo - no ato comunicacional.

A estrutura do diálogo carrega em si mesma uma gama de implicações de ordem relativas ao tempo, ao espaço físico e aos valores constituídos na esfera social ideológica dos indivíduos envolvidos no diálogo. A ideia sobre a estrutura do diálogo persiste nas pesquisas de Bakhtin. Em seu texto *Problemas da poética de Dostoiévski* (1981), Bakhtin contorna a questão do diálogo através de diversas referências feitas na análise das obras de Dostoiévski. Em uma delas, ao falar da “ideia” na composição literária dostoiévskiana, afirma:

A idéia, como a considerava Dostoiévski artista, não é uma formação psicológica-individual subjetiva com ‘sede permanente’ na cabeça do homem; não, a idéia é interindividual e intersubjetiva, a esfera da sua existência não é a consciência individual mas a comunicação dialogada entre as consciências. A idéia é um acontecimento vivo, que irrompe no ponto de contato dialogado entre duas ou várias consciências. (BAKHTIN, 1981, p. 73).

Aqui ressaltamos a relação que ocorre entre o conceito de “ideia”, um acontecimento vivo, e o conceito de “comunicação dialogada”, em que essa relação retoma a questão da própria natureza do dialogismo. Todavia, no contexto da obra, percebe-se que houve um deslocamento da questão do dialogismo, tratado exaustivamente em seu aspecto filosófico em *Marxismo e filosofia da linguagem*, para um desdobramento de cunho mais sistematizado no processo de comunicação, pois ocorre algo de funcional no pensamento bakhtiniano sobre a questão do dialogismo. Isto é, há um rompimento, uma cisão, entre duas instâncias de igual valor e mobilidade para o acontecimento da comunicação: a instância do dialogismo e a

instância do diálogo. Assim, começa a surgir, de maneira mais sistematizada, a noção de gênero no pensamento bakhtiniano.

Em seu texto *O problema dos gêneros do discurso* (1992), Bakhtin trata, de maneira bem explícita, da natureza do gênero do discurso, tematizando com precisão teórica sobre a natureza do enunciado. A noção teórica do enunciado vai corporificar a ideia estruturada acerca do diálogo, conforme será visto com detalhes no próximo item deste capítulo. Por fim, parece-nos que a questão pertinente ao diálogo não se calou no pensamento bakhtiniano, mas persistiu como traço de pesquisa até nos seus últimos escritos. Em seu último texto, *Por uma metodologia das ciências humanas* (1974), Bakhtin mais uma vez retoma a problemática da palavra no campo da enunciação, a palavra como espaço para a enunciação e o enunciado; momento em que faz referência aos dois termos: dialógico e diálogo. E, na relação entre estas duas instâncias, é que se manifesta o acontecimento da linguagem, do mundo e da vida. Nada é esquecido ou perdido no curso da existência das coisas ou do mundo: é justamente no pulsar do núcleo do dialogismo, ou seja, na ponte que a palavra faz entre a enunciação e o enunciado, entre os discursos no campo interdiscursivo e entre dois sujeitos, que reside a gênese do novo na linguagem. Assim se expressa Bakhtin:

Não há uma palavra que seja a primeira ou a última e não há limite para o contexto dialógico (ele se estira para um passado ilimitado e para um futuro ilimitado). Mesmo os sentidos passados, isto é, aqueles que nasceram no diálogo dos séculos passados, não podem nunca ser estabilizados (finalizados, encerrados de uma vez por todas) - eles sempre se modificarão (serão renovados) no desenrolar subsequente e futuro do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo, existem quantidades imensas, ilimitadas de sentidos contextuais esquecidos, mas em determinados momentos do desenrolar posterior do diálogo eles são relembrados e receberão vigor numa forma renovada (num contexto novo). Nada está morto de maneira absoluta: todo sentido terá seu festivo retorno. O problema da grande temporalidade. (BAKHTIN *apud* FARACO, 2006, p. 52).

Encerrando este segmento, podemos, em certo sentido, compreender a divisão conceitual do pensamento bakhtiniano, cisão que ocorre entre o campo do dialogismo, a interdiscursividade da linguagem e a heterogeneidade dos discursos, com o campo do diálogo. Assim compreendemos que a relação de divisão e articulação entre as duas instâncias corresponde, de certa forma, ao aspecto de sua teoria sobre a filosofia da atividade humana na linguagem. Ressaltamos que, quanto ao campo do diálogo, nota-se que Bakhtin trata da estrutura mesma do diálogo entre dois sujeitos num determinado contexto sociocultural, ou seja, a estrutura para a manifestação da enunciação.

### 3.4 O conceito de enunciado

Conforme já mencionamos, em sua obra denominada *A estética da criação verbal*, no texto *O problema dos gêneros do discurso* (1992), Bakhtin aprofunda a questão dos gêneros do discurso. Para isso, redimensiona o conceito de enunciação em relação ao enunciado, embora perceba-se que, em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Bakhtin não faz uma distinção teórica entre ambos os termos. Assim, muitas vezes encontramos similaridade de descrição entre os dois termos em seus textos *Marxismo e filosofia da linguagem* e *O problema dos gêneros do discurso*, conforme demonstra o trecho sobre a enunciação: “Toda enunciação na forma mais imobilizada da escrita é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala” (BAKHTIN, 1988, p. 98). Esta mesma menção será citada repetidamente ao longo dos seus escritos sobre o enunciado: “O enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal” (BAKHTIN, 1992, p. 308). Isso não acontece apenas no aspecto da topologia funcional da enunciação/enunciado como elo na cadeia da comunicação verbal, mas em aspectos do delineamento da enunciação/enunciado pela alternância dos sujeitos falantes na comunicação.

Mas a questão do gênero já inquietava o pensamento de Bakhtin desde 1929 e, em sua citação, ele já direciona a natureza do gênero como algo que permeia o campo dialógico da linguagem e a estrutura do diálogo, conforme afirma:

[...] em conexão com problema da enunciação e do diálogo, abordaremos também o problema dos gêneros lingüísticos.

A este respeito faremos simplesmente a seguinte observação: cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica. A cada grupo de formas pertencentes ao mesmo gênero, isto é, a cada forma de discurso social, corresponde um grupo de temas. (BAKHTIN, 1988, p. 43).

Desta maneira, para melhor delinear a conceituação sobre gênero, entendemos que se torna necessário abordar aqui o conceito de enunciado.

A partir do pensamento bakhtiniano podemos afirmar duas proposições acerca do conceito de enunciado: “o enunciado não é a frase” e; “o enunciado não é o gênero”. Diante dessas duas proposições negativas a respeito da noção de enunciado, poderemos, então, traçar certa ideia sobre a noção do que se trata enunciado.

Primeiramente, a distinção entre frase e enunciado é bem discutida por Bakhtin em seu texto *O problema dos gêneros do discurso* (1992) que continha toda uma postura de oposição

aos linguístas estruturalistas de sua época. A frase, na concepção estruturalista, era o objeto de estudo de maior compreensão da língua. Todas as referências, desde o campo semântico até o sistema da língua em sua composição sónica, estavam compreendidas nas relações da estrutura da frase. Esta era tida como portadora das condições estruturais do estudo da comunicação humana. A guinada bakhtiniana consiste, justamente, no furo da estrutura: algo passa pela palavra que, em seu aspecto estrutural do signo, jamais poderá ser dimensionada senão pelo externo a essa “linguagem”, pois “a língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua” (BAKHTIN, 1992, p. 282).

A concepção bakhtiniana sobre a frase em relação ao enunciado está, categoricamente, na relação estabelecida entre a língua e o mundo, a língua e os sujeitos que comunicam. Dito de outra forma, todas as conjunturas sociais da vida humana e sua compreensão de mundo são elementos participantes da constituição do enunciado.

Passando à segunda afirmação, faz-se necessário definir os contornos que organizam as concepções de enunciado e gênero, o que redundará cada vez mais numa elucidação precisa da distinção entre frase e enunciado.

Embora a natureza do enunciado esteja estritamente entrelaçada com a estrutura da língua, oral ou escrita, sua definição jamais poderá partir deste item. Desde uma única palavra monossilábica como um “tá” até um informe publicitário ou uma obra literária, são compreendidos na estrutura do enunciado. Para Bakhtin (1992), a natureza do enunciado pode ser definida a partir do processo histórico dos gêneros e de suas variadas relações que as estabelecem e as categorizam na esfera social. O que isso quer dizer? Em primeiro momento que, mesmo quando o gênero e o enunciado partilham de um processo intrinsecamente conjugado em suas formulações, suas naturezas sustentam uma composição diferenciada. Já num segundo momento, que suas definições só serão delineadas no contexto de ação da linguagem no social.

Sobre as categorias utilizadas por Bakhtin para definir enunciado, há duas referências: “as fronteiras do enunciado concreto” e “a totalidade acabada do enunciado”. Aqui, gostaríamos de representar a figura do enunciado em duas dimensões a partir das categorias propostas por Bakhtin: as fronteiras do enunciado concreto como a parte externa do enunciado e a totalidade acabada do enunciado como a parte interna do enunciado.

A primeira delas, de fundamental importância, diz respeito à *alternância dos sujeitos*

*falantes* na linguagem, isto é, trata-se da premissa imprescindível da teoria bakhtiniana de que dois sujeitos, ao tomarem a palavra, “movimentam” e “sustentam”, nas teias dos discursos, toda a conjuntura da existência ideológica-social. Ressaltamos que a primazia não está nos sujeitos nem na estrutura da língua, mas na condição da esfera ideológica social, conforme menciona Bakhtin: não se trata de dois *homo sapiens* usando a língua pela primeira vez, mas trata-se de dois sujeitos socialmente organizados numa dada esfera de atividade social. Assim, as fronteiras do enunciado podem ser compreendidas como uma atividade social organizada, significada, na ação da linguagem entre dois sujeitos que se reconhecem e se significam na possibilidade da alternância do diálogo.

A alternância dos sujeitos falantes na língua é a réplica da estrutura do próprio diálogo. Desta maneira, a configuração do diálogo é o limite de contorno do enunciado e tem por finalidade caracterizar a *performance* do gênero. Essa configuração do enunciado, a partir da alternância dos sujeitos falantes na língua, que pode ser vista como o aspecto externo do enunciado ou a arquitetura externa, é formadora de toda e qualquer forma de enunciado existente na comunicação, conforme afirma Bakhtin:

Voltemos ao diálogo real. Como já dissemos, é a forma mais simples e mais clássica da comunicação verbal. A alternância dos sujeitos falantes (dos locutores) que determinam a fronteira entre os enunciados apresenta-se no diálogo com excepcional clareza. Ora, o mesmo sucede nas outras esferas da comunicação verbal, mesmo nas áreas com organização complexa da comunicação cultural (nas ciências e nas artes). As fronteiras do enunciado são sempre da mesma natureza. (BAKHTIN, 1992, p. 298).

Assim, na concepção bakhtiniana, nenhuma manifestação da linguagem se ausenta da estrutura do diálogo. Todas as representações das atividades do homem no social só são apreendidas na esfera da palavra; e esta, na forma de um enunciado concreto.

Como parte interna do enunciado, a totalidade acabada pode ser configurada por três aspectos, indissociáveis em sua composição, e que têm por finalidade e funcionalidade a compreensão ou modo responsivo do interlocutor no diálogo. Os três aspectos organísmicos do enunciado são nomeados como: i) o tratamento exaustivo do objeto; ii) o intuito, o querer dizer do locutor; iii) as formas típicas de estruturação do gênero do acabamento.

Prioritariamente, no aspecto interno do enunciado, iremos nos ater ao que interessa a esta pesquisa, ou seja: às relações de implicação que se estabelecem num plano entre gênero e enunciado e num plano entre gênero e sujeito. No primeiro plano, apontamos que a natureza do gênero só pode ser “apreendida” numa relação dos organismos internos de dado enunciado.

A relação simbiótica de constituição entre gênero e enunciado se entrelaça num primeiro momento, mas, num segundo, diferencia suas naturezas. No segundo plano, ateremos na relação estabelecida entre sujeito e gênero, isto é, o “intuito do querer dizer” do locutor e a seleção de um gênero discursivo na esfera social.

Embora nesta pesquisa se conceba a ideia de que a natureza do enunciado se constitui em dimensões externa e interna, estas não são pensadas como disjuntas e estanques, posto que elas só existem numa inter-relação viva e que se sustentam apenas na finalidade de ordenação e apresentação do enunciado.

Torna-se relevante destacar, ainda no pensamento bakhtiniano, que um enunciado jamais poderá se repetir. Este pode ser citado, mas, de fato, nunca retornado. Em cada ato de enunciar, o enunciado é único e irrepitível, pois só se torna um enunciado na gestação conjunta de todos os elementos presentes no ato de fala: os sujeitos, os valores sociais ali envolvidos naquele momento, o tempo e, imprescindivelmente, a cadeia discursiva movida naquele momento de enunciar. Tudo isso fomenta para que a singularidade de um enunciado seja realidade. Nisso consiste a diferença maciça entre o enunciado e a frase ou o texto, já que os últimos não são singularizados pela valorização dos atos vivos da esfera social, mas são repetidos e presos à condição estrutural da língua em seu aspecto morfo-sintático. Já o enunciado se torna um elo vivo na cadeia dos atos comunicativos que movimenta o acervo histórico vivo e memorial do humano, diferentemente, também, da natureza do gênero que, por sua possibilidade de repetição, faz marcas para seu próprio reconhecimento. Se o enunciado é vivo e dinâmico, seu reconhecimento só se torna possível pelas marcas de repetição próprias da natureza do gênero que o habita. Bakhtin ressalta essa singularidade do enunciado:

As pessoas não trocam palavras (numa acepção rigorosamente lingüística), ou combinações de palavras, trocam enunciados constituídos com a ajuda de unidades da língua - palavras, combinações de palavras, orações; mesmo assim, nada impede que o enunciado seja constituído de uma única oração, ou de uma única palavra, por assim dizer, de uma única unidade da fala (o que acontece sobretudo na réplica diálogo), mas não é isso que converterá uma unidade da língua numa unidade da comunicação verbal. (BAKHTIN, 1992, p. 297).

Pois é aportado nesse ponto, no plano da relação entre gênero e enunciado, que se buscou elucidar, até então no pensamento bakhtiniano, em que aspecto o “externo” do enunciado, como *alternância dos sujeitos falantes*, e seu “interno”, com os seus três fatores indissociáveis, possibilitam uma reflexão mais precisa sobre a proposição do enunciado não ser o gênero. Agora, o que podemos apontar como fator diferenciador entre o enunciado e o



gênero desliza para o plano da relação entre gênero e sujeito e pode ser encontrado na menção que Bakhtin faz da inter-dependência que ocorre entre a intencionalidade do sujeito ao tomar a palavra com a escolha do gênero para seu enunciado. “O querer dizer do locutor se realiza acima de tudo na escolha de um gênero do discurso” (BAKHTIN, 1992, p. 301).

A partir dessa ideia podemos organizar um pensamento em que a manifestação do gênero ocorre na instância aqui denominada de interno do enunciado. No entanto, se podemos criar certa ordem para a origem da existência do enunciado e do gênero, concordamos que aquele é anterior a este. Assim compreendemos que num primeiro momento há a configuração do enunciado e, numa ideia de interioridade desse enunciado, promove-se a manifestação do gênero.

A concepção bakhtiniana sobre a manifestação do gênero é denominada de *expressividade*, pois ocorre por parte do sujeito falante na ação de tomar a palavra. Isto quer dizer que todo sujeito, ao falar, fala dentro de uma relação de interação com outro sujeito, com o intuito do seu querer dizer buscar a condição de responsividade do seu dizer. Salientamos que, na perspectiva teórica do ciclo bakhtiniano, a intencionalidade do sujeito falante não se apóia em uma construção teórica de uma consciência psicológica em que o sujeito se ancora primeiramente numa estrutura do *Ego*<sup>35</sup>, mas é uma intenção sempre dirigida para um outro da instância da comunicação discursiva, dimensionada pelas construções sócio-ideológicas de seu lugar de fala e, acima de tudo, orientada para a busca de um gênero discursivo, isto é, orientada para o objeto de sentido.

Portanto, a intencionalidade do sujeito manifesta-se pela condição da *expressividade* que ocorre no interior do enunciado. Dito de outra forma, a *expressividade* é o fenômeno que possibilita a condição do sujeito de dirigir sua intenção de fala ao outro, o que só ocorre na própria estrutura do enunciado. Logo, o enunciado abarca o efeito do contrato comunicacional, concomitantemente, à manifestação do gênero discursivo. Sobre a relação de atuação entre enunciado e gênero, Bakhtin expressa que é puramente dialógica, ou seja, trata-se de um evento interativo e simultâneo de manifestação e estruturação do enunciado e do gênero, de modo que preserve os índices de diferenças entre suas naturezas.

Esse intuito determina a escolha, enquanto tal, do objeto, com sua fronteira (nas circunstâncias precisas da comunicação verbal e necessariamente em relação aos

---

<sup>35</sup> Pode-se fazer referência tanto às teorias do *self* da Psicologia Existencial Humanista quanto à teorização do *Ego* na teoria Psicanalítica. O que ressaltamos é a completa disjunção que a teoria bakhtiniana propõe sobre a noção de sujeito e intencionalidade em sua filosofia do ato em relação às teorias psíquicas por ele compreendidas em sua época. Tanto sujeito quanto intencionalidade só têm sentido na esfera do ideológico.

enunciados) e o tratamento exaustivo do objeto do sentido que lhe é próprio. Tal intuito vai determinar também, claro, a escolha da forma do gênero em que o enunciado será estruturado [...] O intuito, o elemento subjetivo do enunciado, entra em combinação com o objeto do sentido - objetivo - para formar uma unidade indissolúvel, que ele limita, vincula à situação concreta (única) da comunicação verbal, marcada pelas circunstâncias individuais, pelos parceiros individualizados e suas intervenções anteriores: seus enunciados. É por isso que os parceiros diretamente implicados numa comunicação, conhecedores da situação e dos enunciados anteriores, captam com facilidade e prontidão o intuito discursivo, o querer dizer do locutor e, às primeiras palavras do discurso, percebem o todo de um enunciado em processo de desenvolvimento. (BAKHTIN, 1992, p. 300).

É, pois, partindo desse sentido, ou seja, da dinâmica ou processo de desenvolvimento do próprio enunciado, que dialoga com outros enunciados na cadeia discursiva, que se pode vincular a expressão do intuito do sujeito em direção ao objeto de sentido<sup>36</sup> e, assim, configurar a imagem do gênero discursivo. É sobre essa dinâmica que Bakhtin faz menção ao acabamento do enunciado. O gênero configura-se como um lampejo de decoração ao enunciado, uma decoração de luzes e cores em sua estrutura arquitetônica. Nesta metáfora de luzes e cores, em que suas constituições não são palpáveis nem duráveis, mas que se constituem numa infinidade de articulações a partir da intenção de quem as manipula, é que podemos associar o acabamento do enunciado como algo nunca fechado em sua totalidade.

O acabamento na perspectiva da ideia bakhtiniana não diz respeito a um fechamento do ato comunicacional ou da comprovação do fato do ato linguístico, conforme Bakhtin tanto criticou na teoria saussuriana do signo. Trata-se de um acabamento posto na perspectiva da própria abertura, do dialogismo, do lampejo do acontecimento pelo viés da palavra, um acabamento de pura reunião de forças contrárias e associativas da interdiscursividade do todo social no campo da linguagem.

### ***3.5 A natureza do gênero***

Para melhor apreendermos uma visão nocional sobre gênero, partimos da indagação acerca da própria natureza do gênero. Então, tomamos o cuidado de não direcionar nosso

---

<sup>36</sup> O termo, objeto de sentido, utilizado nesse parágrafo e em outros mais adiante faz referência precisamente à ideia de Bakhtin sobre a finalidade – o fim – de uma comunicação, conforme ele expressa na citação acima exposta. Tal finalidade é compreendida como a formação de sentido que cada comunicação pretende ao ser acionada. Assim, não há intenção de conceituar ou empregar uma nova terminologia, apenas ecoar o pensamento bakhtiniano de forma mais pontual na pesquisa.

olhar para a relação de semelhanças e contrastes entre a noção de gênero e os demais elementos do acervo teórico dos estudos da linguagem que poderia ser estabelecida. Por isso, conduzimos nosso estudo, num primeiro momento, através de um viés metodológico que se centra no curso do pensamento bakhtiniano, em que prioriza fortemente a funcionalidade e a dinamicidade do gênero na ação da linguagem.

Conforme já mencionado, a concepção sobre gênero tem seus reflexos desde os primeiros escritos de Bakhtin. Em sua obra *Por uma filosofia do ato*<sup>37</sup>, escrita por volta de 1924, o teórico discute, de maneira bastante refinada, a cosmovisão de uma filosofia centrada na ação totalizante do agir do ser humano no mundo, contrapondo-se à filosofia segmentarista e cartesiana ainda muito presente. Naquele texto, Bakhtin se preocupa em apresentar como ocorreria a transposição de uma realidade ou do recorte dessa realidade através da interação do homem por meio de sua responsabilidade frente ao acontecimento de algo no mundo. Assim, o termo “responsabilidade” invoca todo um complexo da filosofia da ética, o *ethos*, que, neste texto, associa-se, em nossa interpretação, à instância ou existência do *ser* e aponta, dessa forma, a estreita leitura que Bakhtin mantinha da filosofia existencialista de Kant. Em um trecho, dentre muitos outros, Bakhtin diz que existem certos “planos” para que uma representação de algo do mundo passe a uma realidade de sentido no mundo. Em sua palavras:

Toutes les tentatives de pénétrer dans l'être-événement réel à partir de l'intérieur du monde théorique sont sans espoir; il est impossible d'ouvrir le monde connu théoriquement du dedans de la connaissance elle-même jusqu'à atteindre le monde réel singulier. Toutefois, à partir de l'acte-comme-acte et non de sa transcription théorique, il y a une issue que mène à son contenu de sens, qui est intégralement accepté et inclus de l'intérieur de cet acte, car l'acte s'accomplit réellement dans l'être. (BAKHTIN, 2003, p. 32).<sup>38</sup>

Podemos extrair, desse primeiro texto de Bakhtin, inúmeras incursões aos diversos conceitos propostos ao longo de sua obra. Mas, aqui, para a concepção de gênero, ressaltamos a importância dada à relação apresentada entre o *ser*, a ação e a construção de sentido de algo no mundo. A compreensão do *ser* em Bakhtin é totalmente voltada ao que ele denomina de externo, de social; há, aqui, um jogo dialético estruturado entre a existência do *ser* que só se

---

<sup>37</sup> Tradução do título da obra em francês: *Pour une philosophie de l'acte*. Apresentado na bibliografia.

<sup>38</sup> Minha tradução: Todas as tentativas de penetrar no acontecimento real a partir do interior do mundo teórico são sem esperança; é impossível abrir o mundo conhecido teoricamente do interior do conhecimento próprio até atingir o mundo real singular. No entanto, partir do ato-como-ato não das transcrições teóricas, há portanto uma saída que efetua seu conteúdo de sentidos, que é integralmente aceito e incluídos do interior deste ato, porque o ato realiza-se realmente no ser.

reconhece numa ação de responsabilidade, do *ethos* (como uma imagem), num dado acontecimento entre mundo e linguagem. Esta responsabilidade do *ser*, que pode ser compreendida por sua “intenção”, é produtora da possibilidade de “criação” ou tomada de direção ao objeto de sentido no mundo, isto posto, claro, na relação de troca com o outro.

A partir deste ponto, parece-nos que Bakhtin se inquietará em tentar responder, na plenitude dos inúmeros atos de sentido no mundo, como se processa a cadeia de “criação” de sentido e qual a condição para seu reconhecimento, o que ele articulará com mais precisão nos seus próximos escritos que abrirão, de maneira mais translúcida, sua visão sobre a noção da linguagem. Dentro dessa perspectiva, a questão do gênero firma-se com pertinência na obra bakhtiniana como uma construção possível que levará em conta a esfera do *ser* e de sua direção intencional a algo e/ou alguém na própria caracterização do ato de linguagem como portador de marcas ou repetições para sustentação de um sentido no mundo. Mas, também, como algo que é testemunha de um exterior a esse acontecimento, ou seja, a própria dualidade do gênero.

Em 1929, em *Marxismo e filosofia da linguagem*, a noção sobre o gênero já desponta com bem mais veemência, pois no desenvolvimento do seu percurso teórico, embora muitos conceitos como enunciado e enunciação (entre outros) não apresentam uma precisão teórica, a ideia sobre o gênero como uma “expressividade” para a ação (do ato comunicacional) começa a dar sinais de sua falta. No trecho a seguir, Bakhtin explicita a necessidade de organizar um conceito acerca dos gêneros do discurso.

No entanto, essa questão das formas concretas tem uma significação imediata. Não se trata, é claro, nem das fontes de nosso conhecimento da psicologia do corpo social numa ou noutra época (por exemplo; memórias, cartas, obra literárias). Nem das fontes de nossa compreensão do ‘espírito da época’. Trata-se, muito precisamente, das próprias formas de concretização deste espírito, isto é, das formas de comunicação no contexto da vida e através dos signos. A tipologia destas formas é um dos problemas vitais para o marxismo.

E conforme já citado anteriormente,

Mais tarde, em conexão com o problema da enunciação e do diálogo, abordaremos também o problema dos gêneros lingüísticos. A esse respeito faremos simplesmente a seguinte observação: cada época e cada grupo social tem seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica. (BAKHTIN, 1988, p. 43).

Observamos um aprofundamento no pensamento bakhtiniano em suas distinções entre vários segmentos teóricos para designar os atos - ações - no social. Assim, percebemos sua inquietação quanto ao fato de estes atos do social poderem ser entendidos ou categorizados

por uma concepção contrária à sua visão dialógica. Ou seja, uma concepção fechada numa visão de “espírito de época”, a psicologização e a sociologização da vida no social, em categorias estanques e indissociáveis da vivacidade da palavra. Mas como equacionar esse aparelho da concretização e caracterização da ação no social que se manifesta de maneira tão sutil e com caráter tão efêmero? Pensamos que foi neste contexto de produção que Bakhtin concebeu a gênese do gênero e que, em suas obras, pode-se encontrar os termos *expressividade* e *expressão* como um fenômeno possível dentro do enunciado para responder, inicialmente, à questão acima.

Para melhor compreendermos o termo “*expressividade*” na obra de Bakhtin, pode-se partir da ideia de que este se organiza como um “campo” vivo e instrumentado que, ao ser utilizado pelo sujeito, conduz e orienta certa intenção (primeira) em direção ao objeto de sentido, na ação da comunicação. Ressaltamos que o termo não tem nenhum compromisso com categorizações de traços psíquicos ou comportamentais relativos às teorias psíquicas sobre o sujeito. Antes, trata-se de algo que poderíamos denominar de anterior ou paralelo ao sujeito, um campo que em sua dinâmica promove a interação do sujeito com o todo discursivo (ideológico) na ação da linguagem. Percebemos também no pensamento bakhtiniano, ainda sobre a questão da *expressividade*, que esta é configurada com certa espacialidade para o movimento do sujeito na constituição do enunciado. Então, a *expressividade* parte de uma condição primeira (subjéctiva) e interna da concepção do enunciado e estende-se até uma configuração externa do enunciado, ou seja, a objetividade do dito na relação de troca com o outro. A partir desse aporte, em que podemos refletir sobre a *expressividade* como algo que contorna o interno e externo do enunciado, promovendo espacialidade ao sujeito para sua manifestação de intenção na relação com o outro, é que podemos conceber a primeira noção de gênero e sua natureza dual. Isto é, a ação do sujeito na *expressividade* repete e recorta marcas de reconhecimento no enunciado para identificação e resposta do outro ao seu enunciado. Configura-se, desta maneira, a natureza do gênero, tanto na condição de seu reconhecimento na estrutura de um enunciado quanto em sua distinção realizada em relação aos inúmeros outros gêneros externos àquele enunciado, proposto numa dada comunicação.

Assim, Bakhtin, apresenta a temática da *expressividade* a partir de um questionamento sobre o que é a expressão:

Mas o que é afinal a expressão? Sua mais simples e grosseira definição é: tudo aquilo que, tendo se formado e determinado de alguma maneira no psiquismo do indivíduo, exterioriza-se objetivamente para outrem com a ajuda de algum código de signos exteriores.

A expressão comporta, portanto, duas facetas, o conteúdo (interior) e sua objetivação exterior para outrem ou também para si mesmo.

[...] A teoria da expressão supõe inevitavelmente um certo dualismo entre o que é interior e o que exterior, como primazia explícita do conteúdo interior, já que todo ato de objetivação (expressão) procede do interior para o exterior. (BAKHTIN, 1988, p. 111).

Obviamente que tanto o interior quanto o exterior, citados por Bakhtin, são de composição sígnica, da ordem da palavra, compreendida dentro de uma totalidade acabada do enunciado. Então, a *expressividade* não é uma espécie de mecanismo de ligação entre coisas (pensamento e objetos) e palavras, mas a vivacidade de ação do sujeito de significar a si mesmo, o outro e o mundo na linguagem. Como pode-se perceber em Bakhtin, não há um interior ou exterior fora do ideológico social e, desta forma, a função da *expressividade* seria, também, ligar os componentes psíquicos ao externo, representado pelo ideológico social. A *performance* da expressividade passa, então, pelo rearranjo que ocorre no enunciado, no momento vivo da própria enunciação, numa ação do sujeito dirigir sua intenção em direção ao *tratamento exaustivo do objeto*, recorrendo a um arsenal de memória discursiva para a “decoreação genérica” do seu discurso, a fim de que ocorra sentido na comunicação com seu parceiro.

Dessa forma, entendemos, nesta pesquisa, que é acerca disso que se trata a natureza do gênero: um lampejo ou dispositivo marcado no enunciado, cuja funcionalidade é de seleção e ordenação de um discurso em determinada cadeia discursiva em movimento, naquele instante mesmo de comunicar, em busca de reconhecimento, de sentido. E, conforme podemos observar no pensamento bakhtiniano, o autor ressalta o caráter de supremacia da natureza do gênero em detrimento a qualquer outro aspecto ou elemento teórico que participe da orientação discursiva num determinado processo comunicacional. Assim: “Não é a atividade mental que organiza a expressão, mas o contrário, é a expressão que organiza a atividade mental, que se modela e determina sua orientação” (BAKHTIN, 1988, p. 112).

Para o teórico, a natureza do gênero é de constituição puramente social, coletiva, pois há sempre uma predominância do social, coletivo, sobre o individual. Dito de outra forma, toda orientação e formação de sentido têm uma direção ao coletivo que, sediado na estruturação dialógica, fomenta-se e forma-se como estrutura de diálogo. Para Bakhtin, na linguagem ou na comunicação, não reside o interesse ou sentido de construção da particularidade ou da individualidade, mas que toda criação de sentido está na organização de uma força de construção do coletivo e, assim nos parece que nisso se traduz a funcionalidade da *expressão* como gênero na comunicação. “*Car le genre est, en premier lieu, du côté du*

*collectif et du social. Et Bakhtine expliquera son intérêt pour la stylistique du genre dans les termes suivants; la véritable poétique du genre ne peut-être qu'une sociologie du genre"* (TODOROV, 1988, p. 124)<sup>39</sup>.

Para concluirmos o pensamento bakhtiniano sobre a natureza do gênero, ressaltamos que esta é, também, constituída sob fortes condições das estruturas do espaço e do tempo; obviamente sejam estes aspectos os que melhor representam a vivacidade da formação do ato de linguagem.

### ***3.6 Concepção de gênero em Maingueneau e Charaudeau***

É, justamente, a partir da exposição acima do pensamento de Bakhtin que deslocamos para outros pressupostos de teóricos mais atuais que propõem outras terminologias que abrangem o conceito de tempo e espaço à noção de gênero, com aplicabilidades mais práticas à funcionalidade do gênero discursivo.

Pensamos, desta forma, equacionar a questão que se coloca na efetividade dinâmica e complexa do gênero no enunciado em atuação conjunta às diversas práticas sociais. Compreendemos que para esses aspectos a teoria bakhtiniana não se torna aplicável, pois, conforme já anteriormente citado, há uma preocupação primeira em Bakhtin de cunho filosófico e não de cunho científico em relação à linguagem. Assim, das marcas de uma *expressividade* no interior de um enunciado ao reconhecimento coletivo das práticas sociais numa comunidade, entendemos que a organização da atuação do gênero demanda maiores aprofundamentos teóricos e práticos.

Iniciando por Maingueneau (2005), em sua obra *Análise dos textos de comunicação* no qual o autor traz aplicações sobre o conceito de gênero, este promove uma reflexão pragmática acerca da aplicabilidade do gênero ao propor uma divisão entre tipos e gêneros do discurso. Nesta primeira divisão parece-nos que o teórico leva em conta o aspecto da espacialidade em que conjuga linguagem e situações sociais. Maingueneau (2005) apresenta, então, a noção de que os tipos de discursos são de ordem mais ampla e abrangente que os

---

<sup>39</sup> Minha tradução: Pois o gênero é, em primeiro lugar, do lado do coletivo e do social. E Bakhtin explica seu interesse pela estilística do gênero nos termos seguintes: a verdade poética do gênero só pode ser de uma sociologia do gênero.

gêneros dos discursos, ou seja, utilizando o critério de *situação de comunicação*<sup>40</sup>, o autor demonstra que os tipos de discursos são mais amplos por não estarem presos a uma situação de comunicação pontual, como em uma situação de entrevista, por exemplo, que se configura a partir de sua atuação social (duas pessoas face a face em que uma direciona perguntas a outra, e esta responde: um gênero entrevista). Entretanto, se esta entrevista é realizada num programa de televisão, o tipo de discurso é caracterizado como um tipo de discurso “televisivo”. Percebe-se, desta forma, um movimento de espacialização na concepção do gênero, em que os tipos de discursos, por não estarem presos a uma situação prática e situacional numa ação social e por sua composição ser montada com mais complexidade de apreensão que os gêneros de discursos situacionais, são mais abrangentes que os gêneros.

A condição do tempo na concepção do gênero é tanto considerada por Maingueneau (2005), como também ele a entrelaça com as situações de comunicação. Enquanto os tipos de discursos não são pautados pela marcação do tempo, os gêneros dos discursos, ao contrário, só são reconhecidos em grande parte pela periodicidade das situações ou das ações no social. Assim, o autor, direciona, de certa forma, a ideia das tipologias discursivas à concepção de discursos constituintes: aqueles que não se constituem numa temporalidade de ação de um indivíduo numa ação social, como o discurso político, o discurso religioso, o discurso literário e outros. Mas, reduz a ideia de gênero de discurso à ordem da temporalidade da ação ou situação de certa comunicação no social. Para a caracterização de um gênero de discurso, a conjugação do tempo à situação de comunicação torna-se imprescindível, ou seja, um gênero missa, ou um gênero revista de notícias, ou um gênero jornal ou um gênero bate-papo, além de suas especificidades de situação social de comunicação, necessita de uma periodicidade para ser reconhecida em sua caracterização como gênero. O jornal é diário, a revista é semanal, a missa tem um tempo de realização, uma hora em média, enquanto o bate-papo não é regido diretamente por um tempo cronológico, mas leva em conta a disposição e o emocional dos indivíduos envolvidos.

No contexto da pesquisa, julgamos ser de real importância a distinção apresentada por

---

<sup>40</sup> O termo “situação de comunicação” tem amplo sentido nos estudos da Análise do Discurso. Especificamente, em Maingueneau (2005), o termo é utilizado inicialmente para fazer distinção entre as *tipologias comunicacionais* e as *tipologias de situação de comunicação*. A primeira se constitui a partir das funções de linguagem (ver Jakobson (1963): funções referencial, emotiva, conativa, fática, metalinguística e poética,) e pelas funções sociais (teorias sociais e antropológicas sobre o “fato social”). A segunda é regida e definida pelas situações de comunicação que se estendem em todas as esferas de composição social. Para Maingueneau (2005), tanto os tipos quanto os gêneros dos discursos só são assim designados quando levam em conta a materialidade social e situacional na comunicação.



Maingueneau (2005), embora não adentramos em outras divisões propostas pelo autor por entendê-las correlatas à análise específica de certo gênero ou por entendê-las disfuncionais na concepção do gênero.

Para Charaudeau (1997), é pertinente indagar sobre quais condições se estabelece a relação existente entre o domínio das práticas sociais e as atividades discursivas. Isto é, como podemos determinar ou apreender os mecanismos que agem no fazer das práticas sociais, concomitantemente às atividades discursivas, e qual estatuto ordena a natureza destas “práticas” e “atividades”, pois, se aqui acreditamos que “todo domínio de prática social tende a regular as trocas e, por consequência a instaurar as regularidades discursivas” (CHARAUDEAU, 1997, p. 3)<sup>41</sup>, então caminhamos em direção ao conceito de *domínios de comunicação*. Isso quer dizer que, a prática social estabelece o fluxo das atividades discursivas e é estabelecida no jogo de representação da linguagem. Entretanto, como as práticas sociais são muitas e variadas, como poderia ser marcada certa regularidade de reconhecimento e sentido que se presentifica na comunicação em geral? Como os sujeitos acionam e reconhecem marcas do discurso, e quais mecanismos são utilizados para o acontecimento da comunicação?

Charaudeau (1997) aponta em uma direção que vai além das teorias que se sustentam numa *performance* unicamente psíquica ou numa *performance* formal da língua ou do texto. O linguista direciona a questão para uma reflexão que se ancora no dialogismo existente na própria linguagem, ou seja, na dinâmica relacional das forças que agem nos circuitos internos e externos do ato de linguagem e marca, imprescindivelmente, a posição do sujeito no ato comunicacional como agente responsável por esse reconhecimento e acionamento - do gênero - na linguagem. Neste sentido, o estatuto dos sujeitos comunicantes no ato comunicacional é determinante na formação do gênero (CHARAUDEAU, 1997). Por conseguinte, o estatuto do sujeito é sede de três tipos de memória: que acionam, reconhecem e ativam toda prática discursiva existente, a saber:

- Uma memória dos discursos - uma construção de saberes de conhecimento e de crença sobre o mundo. Esta memória constrói as identidades coletivas e fragmenta a sociedade em comunidades discursivas. Sujeitos que partilham os mesmos valores políticos, julgamentos morais, doutrinários etc.

---

<sup>41</sup> Minha tradução de: [...] tout domaine de pratique sociale tend à réguler les échanges et par voie de conséquence à instaurer des régularités discursives [...]

- Uma memória das situações de comunicação - define-se através de realizações de um conjunto de condições psicossociais de realizações, de modo que os parceiros possam estabelecer um contato de reconhecimento, condições de construção recíproca e diferenciada de sentido.
- Uma memória das formas de signo - quer sejam trocas verbais, icônicas, gestuais, não enquanto sistema, mas enquanto empregos desta ou daquela forma, quer dizer através do seu uso.

Mas, apontamos para o possível equívoco de interpretarmos o conjunto das três memórias como um *topos* que representaria uma sede primeira e autônoma para regularização dos domínios de comunicação. A natureza da relação entre as práticas sociais e as práticas discursivas leva em conta, impreterivelmente, o dialogismo estabelecido entre as memórias discursivas dos sujeitos falantes, a situação de comunicação - elemento da estruturação da prática social- e a normatização, ou seja, a codificação das práticas languageiras. É só a partir dessa inter-relação e de seu dinamismo que se encontra uma atmosfera teórica condizente para uma investigação sobre o gênero. Neste sentido, acreditamos que

o sujeito social é dotado de gêneros empíricos e que, por meio de representações que ele constrói deles pela aprendizagem e experiência, ele os erige em normas de conformidade languageira e os associa aos lugares de prática social mais ou menos institucionalizadas. (CHARAUDEAU, 1997, p. 8)<sup>42</sup>.

Desta forma os gêneros se manifestam ou se apresentam nas práticas discursivas, como um lampejo ou uma *lumière* proveniente dos pontos de contato ou articulações de uma condição de sujeito (subjetividade), das situações (restrições) do campo do fazer do social, dentro de um sistema de formas (signos). Esta é, em grande parte, a extrema dificuldade nos estudos e conceituação dos gêneros, pois a compreensão de seu estatuto de conteúdo e funcionalidade leva em conta todo um dialogismo posto no próprio funcionamento do ato de linguagem, o contrato comunicacional.

Se o contrato é “isso que se fala antes que qualquer coisa seja dita”, o gênero aí já habita esse dizer. Como vimos no primeiro capítulo, não defendemos uma posição de antes ou depois na relação entre o gênero e o contrato, porém ressaltamos que suas constituições teóricas gozam de naturezas distintas, e a questão que se coloca está circunscrita na relação de

---

<sup>42</sup> Minha tradução de: “le sujet social se dote de genres empiriques, et que, via les représentations qu’il en a par son apprentissage et son expérience, il les erige en normes de conformité langagière et les rattache à des lieux de pratique sociale plus ou moins institutionnalisés”.

funcionalidade que se estabelece entre ambas na ação comunicacional.

Entre os modos de restrições que agem sobre o nível externo do ato comunicacional, Charaudeau (1997) ressalta que o princípio de *influência* ou a *finalidade* é a base que determina todas as *visadas* de todo ato comunicacional e, conseqüentemente, o mecanismo de estudo e apreensão dos gêneros. Assim, o *princípio da finalidade* desliza para o patamar de uma condição “ontológica”, o princípio do nascimento do ato comunicacional, em direção à determinação das identidades dos parceiros, do propósito da comunicação e, por fim, do reconhecimento das condições materiais para realização do ato. É desta forma que concordamos com o pensamento teórico de Charaudeau ao articular os estudos e a compreensão dos gêneros ao estudo das *visadas discursivas*, ou seja, o princípio de *finalidade* é o campo teórico propício para adentrarmos na estreita relação que se estabelece entre o contrato e o gênero, em que ambos falam antes que qualquer coisa seja dita, mas com funcionamentos distintos em seus dizeres. Se o contrato diz pelo *princípio da finalidade*, ou seja, diz ao sujeito de sua identidade no tempo e espaço de quem ele é em relação a si mesmo, ao outro e ao mundo. Então, o princípio de finalidade povoa o gênero através das memórias discursivas dos sujeitos falantes, fazendo acontecer tanto linguagem como sujeito, num jogo de reconhecimento dos discursos que, numa certa dimensão tempo-espacial, já se inscreveu e deixou suas marcas. O princípio de *finalidade* promove a condição de *expressividade* ao gênero que se ancora no espaço de manifestação das restrições do próprio contrato comunicacional.

Charaudeau (1997) apresenta seis “visadas comunicativas” que ocorrem em justaposição com o jogo estratégico no circuito interno, a instância do dizer. Segundo o autor, “as visadas correspondem a uma intencionalidade psico-sócio-discursiva que determina a expectativa (enjeu) do ato de linguagem do sujeito falante e por conseguinte da própria troca linguageira”. Eis, justamente, aí todo o caráter movediço e instável que a palavra “expectativa” comporta, em que a relação do gênero com o contrato se distingue e se completa ao mesmo tempo. E é na explicitação das visadas que Charaudeau propõe, de certo modo, uma teorização de “classificação” dos gêneros discursivos:

- Visada de prescrição- o Eu manda fazer, tem autoridade sobre o Tu que deve fazer.
- Visada de solicitação - o Eu quer saber e está em posição de inferioridade, embora legitimado, e o Tu responde à demanda.
- Visada de incitação - o Eu manda fazer, sem autoridade e; portanto, seduz o Tu a fazer algo.

- Visada de instrução - o Eu quer fazer-saber-fazer, tem autoridade e legitimação, e o Tu deve saber -fazer.
- Visada de demonstração - o Eu quer estabelecer uma verdade e mostrar provas, o Tu deve estar em posição de querer receber e avaliar esta verdade.

Se a restrição da finalidade orienta as demais condições situacionais do contrato, as visadas, também oriundas da finalidade, se orientam na construção da expectativa do ato, acionando as memórias do sujeito para a expressividade do gênero. Só assim há realização do ato e, conseqüentemente, construção de sentido no duplo reconhecimento do gênero discursivo pelos parceiros do ato.

### ***3.7 A classificação dos gêneros***

O conceito de *cronotopo*, apresentado no acervo teórico de Bakhtin, interessa a esta pesquisa sob alguns aspectos referentes à natureza do gênero. Cabe lembrar que, embora Bakhtin restrinja o conceito de *cronotopo* à esfera das divisões de lugares e tempos na construção da narrativa do gênero literário, ao mesmo tempo, mostra que tal conceito diz respeito, também, a toda forma de enunciado completo estabelecido numa certa atividade social.

O espaço e o tempo são os elementos dimensionais unicamente capazes de compreender e, de certa forma, categorizar as marcas de repetição de determinado gênero do discurso. Se “o cronotopo em literatura tem uma significação intrínseca de natureza genérica” (BAKHTIN, 1981, p. 84), esta designação não exclui os demais enunciados no todo social. Pelo contrário, ela se aplica como premissa para a representação e constituição de todos os gêneros discursivos, pois, para Bakhtin (1981, p. 84), “é precisamente o cronotopo que define gênero e distinções genéricas”. Sobre este aspecto, acreditamos que o espaço e o tempo são dimensões que possibilitam o movimento ou a ação de se instaurar e ali caracterizar suas marcas para seu próprio reconhecimento, que é refratado para o sujeito, para a língua, para o ideológico e, enfim, para a própria ação e, que, nisso tudo, se configura o gênero.

A manifestação da *expressividade* na dimensão da *cronotopia* fundamenta-se, é claro, na colocação de dois sujeitos em posição ou situação de comunicação. A própria apresentação da estrutura do diálogo, articulada nas dimensões tempo-espaço, é, nesta pesquisa, o recorte

fundamental de busca de uma construção metodológica tanto para definição do gênero quanto para uma forma de sua classificação.

Embora utilizemos a designação de classificação dos gêneros na concepção bakhtiniana, ressaltamos que, de fato, não se trata de uma especificação categórica ou de uma taxilogia dos gêneros. Contrariamente a essa ideia de categorização, vamos encontrar como marca da obra bakhtiniana uma constante revidação às ideias estruturalistas que, de certa forma, categorizavam a língua em suas esferas de estudo. Contudo, o termo também não fere e não nos distancia das ideias bakhtinianas acerca dos gêneros, desde que tal categorização dos gêneros seja organizada nos pressupostos de sua teoria dialógica.

Em seu texto *Os gêneros dos discursos* (1992), Bakhtin parece tentar organizar as noções de certos termos que pairavam em sua construção teórica, sem lugar próprio de acento, tais como gênero e enunciado, principalmente. Embora o texto supracitado seja inacabado, ele nos oferta grandes ligas para articularmos os pensamentos de Bakhtin sobre a noção de gênero no todo de sua obra, permitindo-nos ligar mais de suas propostas teóricas acerca dos princípios que foram tratados no campo da linguagem.

Bakhtin é muito objetivo e direto na classificação dos gêneros do discurso, assim ele os descreve:

Não há razões para minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso e a conseqüente dificuldade quando se trata de definir o caráter genérico do enunciado. Importa, nesse ponto, levar em consideração a diferença essencial existente entre o gênero do discurso primários (simples) e o gênero do discurso secundário (complexo). Os gêneros secundários do discurso - o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. - aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica sociopolítica. (BAKHTIN, 1992, p. 281).

De fato, a princípio, a classificação proposta por Bakhtin parece-nos transparecer como um mecanismo simples e de fácil assimilação e aplicação. Alguns estudiosos<sup>43</sup> sobre gênero ativeram-se na premissa de categorizar as atividades sociais como o princípio norteador e diferenciador entre a natureza do gênero do discurso primário em relação ao gênero do discurso secundário. Entre outros pesquisadores, o fenômeno da escrita seria, potencialmente, um diferencial para o balizamento dessa categorização, porém, no próprio

---

<sup>43</sup> Nesse trecho nos referimos a estudiosos e pesquisadores de forma bem ampla e informal. Trata-se de diversos textos lidos em várias revistas e artigos de estudos linguísticos sobre gêneros, nos quais o conceito bakhtiniano de gêneros primários e secundários são interpretados a partir de um pressuposto particularizado, ora a escrita ora as atividades sociais etc.

texto de Bakhtin, esse argumento pouco ou nada se sustenta. Portanto, é comumente aceito entre os pesquisadores a ideia de que as atividades menos institucionalizadas e mais individualizadas caracterizariam as atividades humanas como simples, e as atividades complexas seriam caracterizadas como as atividades mais institucionalizadas e que, assim, determinariam as posições dos gêneros em natureza primária e secundária, consecutivamente.

Por este curso de pensamento, refletir sobre a natureza da relação que se estabelece entre os gêneros dos discursos primários e secundários é sempre um convite persistente na obra bakhtiniana, pois sua face de simplicidade, conforme acima mencionado, é apenas a de um plano superficial.

Trataremos assim da natureza da relação estabelecida entre o gênero do discurso primário e o gênero do discurso secundário, dentro da estrutura do diálogo que ocorre entre os sujeitos da comunicação. Estamos aqui nos referindo a um circunscrito nas dimensões do tempo e do espaço no acontecimento do enunciado. Ou seja, nesta pesquisa defendemos a ideia de que a distinção que ocorre na categorização entre o gênero primário e o gênero secundário é promovida pela distância na dimensão do tempo e do espaço entre os sujeitos em uma comunicação. Assim, a *proximidade* que ocorre numa dimensão espacial e temporal promoverá os gêneros simples. A *distância* promovida nas dimensões de tempo e espaço entre os sujeitos num ato comunicacional formará os gêneros secundários.

Em primeiro lugar, trataremos de mostrar que o postulado de tempo e espaço não está centrado nas dimensões das teorias da física, embora deva-se lembrar que fora, justamente, na teoria da relatividade de Albert Einstein que Bakhtin se inspirou para elaborar sua teoria do *cronotopo*. Mas compreendemos que toda concepção sobre tempo e espaço empregada por Bakhtin nos estudos da linguagem foi estreitamente relacionada às teorias da linguagem e não de outros pressupostos.

Para centrarmos estes dois termos numa menção da linguagem, referenciamo-nos na teoria da subjetividade de Benveniste (1995), que implica inscrição do espaço e do tempo na língua. Assim nos ressalta Benveniste:

[...] única é a condição do homem na linguagem.

Caem assim as velhas antinomias do 'eu' e do 'outro', do indivíduo e da sociedade. Dualidade que é ilegítima e errônea reduzir a um só termo original, quer esse termo único seja o eu, que deveria estar instalado na sua própria consciência para abrir-se então à do 'próximo', ou seja, ao contrário, a sociedade, que preexistia como totalidade ao indivíduo e da qual este só se teria destacado à medida que adquirisse a consciência de si mesmo. É numa realidade dialética que engloba os dois termos e os define pela relação mútua que se descobre o fundamento lingüístico da subjetividade. (BENVENISTE, 1995, p. 287).

Este é o aspecto teórico sobre a dimensão espacial que relacionamos como a melhor articulação à teoria de Bakhtin. Não se trata de um espaço físico, este é puro objeto e, como tal, só tem significação através do signo, da linguagem. A dicotomia espacial entre consciência e ideológico, individual e social, também é *ilegítima* e *errônea*. Nas palavras de Benveniste, esses espaços perdem suas expressões de verdades quando orientados à luz do signo linguístico, em que todos são unificados na materialidade da língua e refratados na diversidade discursiva orientada por determinada situação de comunicação.

O espaço só é existente, na realidade, quando dois sujeitos se colocarem num ato de linguagem. Sua existência é, antes de tudo, uma dimensão mesurada e apresentada pelo sujeito ao vivenciar algo no mundo e, logo após, falar dessa própria experiência ao outro, que num jogo de reflexo, em que há sempre o retorno do dizer desse outro sobre seu dizer.

A dimensão do tempo se inscreve nas mesmas condições do espaço, um tempo sempre presente do enunciar no momento vivido do sujeito em sua comunicação, um tempo que sempre tem por referência a marca da presença do outro. Assim, conforme afirma Benveniste: “Ora, esse ‘presente’, por sua vez, tem como referência temporal um dado linguístico: a coincidência do acontecimento descrito com a instância de discurso que descreve” (BENVENISTE, 1995, p. 289). A *coincidência do acontecimento*, sintagma um tanto quanto desprovido de seguridade, aponta, justamente, para certo “jogo” do ato comunicacional, um jogo que leva em conta dois sujeitos num campo discursivo e que, num proceder analógico dos dizeres, “marcam” o tempo de seus movimentos.

A partir da referência teórica das dimensões da *cronotopia*, adentraremos em direção à natureza do funcionamento dos gêneros primários e secundários e verificaremos qual a relação que eles se propõem e para qual finalidade essa relação se estabelece.

Mas, anterior a esta questão, faz-se necessário analisar, com mais precisão, o caráter da funcionalidade que compõe assim os gêneros primários e secundários. Para Bakhtin (1992, p. 290), “A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa [...] toda compreensão é preenche de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se locutor”. A resposta a um enunciado, seja ele (oral ou escrito), é o fundamento de premissa do acabamento do enunciado. Poderíamos, simplesmente, dizer que um enunciado só se torna um enunciado, ou assim será reconhecido, se obtiver resposta. A princípio isso nos parece óbvio, mas a respeito de tudo que já discutimos até aqui, entendemos que se trata de uma complexidade que cerca o processo de organização do ato

de fala. Assim a resposta não se trata de um jogo lógico de saberes ou de uma marcação linguística que liga pontos de encaixes entre indivíduos. Conforme bem expressou Benveniste, trata-se de uma *coincidência do acontecimento*, ou seja, há um imenso trabalho que leva em conta infinitas possibilidades de reconhecimento entre dois sujeitos. A resposta é o reflexo vivo da expressão - *expressividade* - do sujeito em seu enunciado. Numa alusão metafórica, quando uma pessoa se coloca frente ao espelho e mimetiza expressões faciais, o espelho responde - reflete - na medida exata aquilo que lhe foi perguntado, neste caso, gesticulado. A imagem só se torna real e portadora de verdade, porque o espelho responde inteiramente àquilo que lhe foi enviado. Se o espelho distorce ou não responde à imagem que lhe faz a indagação, essa imagem não se reconhece, não se realiza, não acontece. Para tanto, o enunciado é a imagem que só se reconhece, se realiza e, logo, acontece, porque alguém responde a esse enunciado a possibilidade exata de sua própria existência.

Se há um jogo dialético que acontece entre os sujeitos para o reconhecimento das fronteiras do enunciado, na mesma proporção acontece o mesmo jogo de reconhecimento dialético estabelecido entre os gêneros primários e secundários, pois “a relação entre os gêneros primários e gêneros secundários tem grande importância teórica, sendo esta a razão pela qual a natureza do enunciado deve ser elucidada e definida por uma análise de ambos os gêneros” (BAKHTIN, 1992, p. 294).

Mas sobre a relação entre o gênero primário e o secundário, trataremos mais adiante. Algo ainda se torna pertinente sobre a classificação dos gêneros primários e secundários, sua ligação de extrema intimidade com o sujeito<sup>44</sup>. Na citação a seguir, Bakhtin aponta nesta direção.

A variedade dos gêneros do discurso pressupõe a variedade dos escopos intencionais daquele que fala ou escreve. O desejo de tornar seu discurso inteligível é apenas um elemento abstrato da intenção discursiva em seu todo. O próprio locutor como tal é, em certo grau, um respondente, pois não é o primeiro locutor que rompe pela primeira vez o eterno silêncio de um mundo mudo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que utiliza, mas também a existência dos enunciados anteriores - emanantes dele mesmo ou do outro. (BAKHTIN, 1992, p. 291).

Contudo, retornemos à questão da proximidade dos sujeitos nas dimensões espaço-temporal como condição de constituição do gênero primário.

---

<sup>44</sup> Sobre a questão do sujeito e sua relação com o gênero trataremos no capítulo destinado à noção do sujeito, como escopo desta pesquisa com objetivo metodológico para análise do *corpus*.



Conforme já dissemos, parece-nos que a *expressividade* abarca dupla função em sua manifestação: promover o acabamento do enunciado, dando-lhe a função de reconhecimento de *elo* (imagem) dentro de determinada cadeia discursiva; reconhecer a imagem do próprio sujeito pelo e no discurso ou a imagem - efeito - que o discurso lhe pertence.

Quando mencionamos o outro na alternância dos sujeitos falantes, esse outro não se trata unicamente de um outro existente no mundo e, sim, de uma instância construída na linguagem. Há um outro que já habita a palavra daquele que fala. Assim, no texto de Bakhtin já referido, entendemos que a reflexão sobre o dialogismo estabelece um anterior ao enunciado e ao gênero, dando ao sujeito um espaço de escolhas prévias de suas imagens discursivas e dos gêneros dos discursos. Todavia, esse outro também é prévio e aí reside o jogo de imagens que o sujeito utiliza para a escolha dos gêneros: “Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (a extensão aproximada do todo discursivo)” (BAKHTIN, 1992, p. 302). Esta aprendizagem da fala, na esfera dos gêneros, que não está no patamar do cognitivo-pedagógico, mas num inconsciente e num ideológico que são “externos” à consciência, promove para o sujeito uma margem de manobra na escolha do gênero na cadeia discursiva, pois o “querer-dizer deve limitar-se à escolha de determinado gênero [...]” (BAKHTIN, 1992, p. 303).

Nessa margem de escolha do gênero, o sujeito orienta-se, antes de tudo, pela escolha da imagem do outro que em si é portador da resposta. Aqui, então, defendemos a posição da manobra que o sujeito tem em seu enunciado: ao aproximar ou distanciar o outro no seu ato de fala, este determina a condição do gênero de ser primário ou secundário.

Tomemos por exemplo a relação entre um orientador e seu orientando. Se o orientador receber do seu departamento um comunicado que deverá ser repassado ao orientando, encontrar-se-á numa situação de escolha de qual ato de comunicação construirá para transmitir este ato de linguagem. Resguardando outros fatores teóricos dos componentes do gênero que veremos mais à frente, tais como as situações de comunicação, papel social e outros, concentremo-nos neste ponto de nossa reflexão. O orientador terá, nas dimensões de tempo e espaço, de fazer uma escolha de atuação frente a esse outro que dará a resposta de reconhecimento ao seu gênero. Se o orientador fizer a escolha de um outro, distante de seu campo de relação afetivo-pessoal, poderá iniciar uma correspondência utilizando um modelo bem formal, por exemplo: “Caro orientando, Através desta, gostaríamos de comunicar que...”.

Este é o efeito de um *gênero secundário*, um gênero carta-comunicado que promove o afastamento ou distanciamento do outro em seu campo de relação pessoal.

Mas, num efeito contrário, se o orientador escolher a aproximação do outro junto ao seu campo afetivo, haverá como resposta ao gênero uma configuração no aspecto *primário*. Por exemplo: “Oi, fulano! Tudo bem? E aí? Trabalhando muito? Olha, gostaria de lembrar que [...]”.

As marcas linguísticas e o tom da expressão do locutor aproximam o outro do seu campo pessoal, da vivência particular. Assim, este gênero, e-mail ou bilhete, dependendo de sua forma de composição, será, impreterivelmente, primário, independentemente, do conteúdo passado por ele.

Faraco (2006) exemplifica com outra situação a distinção dos gêneros primários e secundários, em outro contexto de análise que não neste da proximidade dos sujeitos no enunciado. O autor cita a atuação de um camelô vendendo na rua seus produtos. Ele pode fazer uma encenação discursiva própria a uma palestra, o que caracteriza o discurso como gênero secundário. Porém, ao dialogar com alguém sobre seu produto, estará usando o gênero primário. Outro exemplo, muito comum em eventos formais, ocorre quando, em uma conferência, o orador, na ação de seu discurso, caracteriza o gênero secundário, complexo, como o gênero de preleção. Mas, quando o orador se dirige a alguém, no meio de sua fala, relembando algo que viveram juntos, trocando risos e num tom de cumplicidade em suas experiências passadas, entra no gênero primário.

Percebemos, então, que o mecanismo da *expressividade* em ação no enunciado como função de configurar o acabamento e a participação deste numa cadeia discursiva, categorizando-o como primário ou secundário, tem como elementos de operação a relação de proximidade ou distância entre os sujeitos num dado ato comunicacional. Este mecanismo é, de certa forma, acessível à intencionalidade do sujeito no “anterior” à formação do enunciado.

Sobre o anterior ao enunciado, gostaríamos de citar um trecho da obra de Bakhtin, em que a exposição a esse respeito é bastante clara:

O enunciado não está ligado não somente aos elos que precedem mas também aos que lhe sucedem na cadeia da comunicação verbal. No momento em que o enunciado está sendo elaborado, os elos, é claro, ainda não existem. Mas o enunciado, desde o início, elabora-se em função da eventual reação resposta, a qual é o objeto preciso de sua elaboração. O papel dos *outros*, para os quais o enunciado se elabora, como já vimos, é muito importante. Os outros, para os quais meu pensamento se torna, pela primeira vez, um pensamento real (e com isso, real para mim) não são ouvintes passivos mas participantes ativos da comunicação verbal. (BAKHTIN, 1992, p. 320).

A relação de proximidade e distanciamento do outro, na comunicação ou na elaboração de um enunciado, já habita o todo da esfera da comunicação. O outro já está lá, na palavra, na entonação do que fala. O outro fora, externo, ser vivente, poderá ou não coincidir com a imagem de outro habitado no enunciado de um alguém que se dirige a outra pessoa.

Assim, sustentamos que a relação de proximidade e distanciamento do outro no enunciado é um operador de classificação dos gêneros primários e secundários. Em primeiro plano, o outro é um outro marcado no anterior de qualquer enunciado ao se colocar numa cadeia discursiva. Mas num outro plano, o outro como sujeito, parceiro, ser vivente no mundo e que se prontifica para uma inter-relação no ato comunicacional, também é uma realidade que deve ser levada em conta. A esse respeito, Bakhtin, também, dá atenção à funcionalidade dos gêneros primários, como diálogos entre parceiros próximos, a fim de compreender sua operação numa relação com os gêneros secundários. Ele assim os classifica como gênero da conversação familiar e gênero do discurso íntimo. Ambos são portadores de forças pulsionais para mobilização ou modificação de certos cursos de discursos de gêneros secundários no todo social. A presença do outro, como pessoa em uma relação direta com o sujeito locutor, parece gozar de uma força de operação maior em relação aos outros enunciados que não utilizam dessa condição de presença espacial.

Nesse sentido, na teoria bakhtiniana, a denominação da estrutura do diálogo é tida como a referência primeira e geradora da estrutura da comunicação. O diálogo é o germe e a modulação para todos os tipos de enunciados ocorridos no mundo. Bakhtin, ao apontar para constituição do diálogo como uma estrutura sulcada por inúmeros outros discursos existentes na historicidade da cadeia discursiva, direciona, então, para as inúmeras incursões da palavra do outro dentro do enunciado, portanto afirma que “essas inter-relações têm analogias (sem serem, é evidente, idênticas) com as relações existentes entre as réplicas do diálogo” (BAKHTIN, 1981, p. 318). A réplica do diálogo parece-nos, assim, ser o traço principiante que participa da “fundação” tanto do dialogismo quanto da linguagem.

Portanto, os gêneros, que são estabelecidos numa réplica de diálogo, são responsáveis, em grande parte, pela modificação ou movimentação dos grandes eventos sociais e pessoais. Neste aspecto, o estudo da argumentação na retórica reconhece a réplica do diálogo e, justamente, a relação face a face, como uma força de convencimento numa transmissão de ideias. Bakhtin indica para esta direção, mas sem muito aprofundamento, quando assim expressa:

No discurso familiar, com a abolição das proibições e convenções discursivas, torna-se possível uma atitude pessoal, informal, para com a realidade. É por essa razão que os gêneros e os estilos familiares puderam desempenhar um papel positivo e importante na época do Renascimento quando se tratava de destruir a imagem oficial do mundo corrente da Idade Média. (BAKHTIN, 1992, p. 323).

Ainda sob este aspecto, a título de exemplo, podemos analisar as estratégias do discurso publicitário que se utiliza do mecanismo de aproximação do interlocutor, produzindo um efeito de gênero primário, gênero do discurso intimista, como forma de convencimento do consumidor acerca do seu produto. Por exemplo, uma publicidade francesa, de cunho humanista, afixada em grandes quadros nas estações de metrô, em Paris. A publicidade era composta da imagem de uma criança que apontava o dedo para um possível interlocutor e, logo abaixo, apresentava o texto: *Je crois en toi* (Eu acredito em você). Além dos pronomes pessoais invocarem a ideia de uma estrutura de diálogo entre pessoas íntimas, a linguagem icônica traz a interpelação do outro “real”, ou a tentativa, para uma formalização de um gênero *simples*, uma conversa entre conhecidos que trocam palavras de afirmação positiva. Assim, o gênero primário introduz-se na publicidade ou convive com o gênero secundário.

Desta forma, a partir desta reflexão sobre a proximidade e distanciamento do outro no enunciado, concebemos a ideia de duas dimensões ou planos para analisarmos os mecanismos utilizados para este efeito. O plano corporal, sobre o qual poderíamos investigar as estratégias do locutor para aproximação do “outro real” ao outro (imagem) do seu enunciado, levando em conta, assim, os movimentos corporais, o tom da voz e demais artifícios do plano material. Por exemplo, a encenação de um advogado de defesa ou de acusação frente ao júri que, numa situação face a face, tentará usar a complexidade do discurso jurídico forense, mas, numa proximidade com seu interlocutor, adentrará na “simplicidade” do gênero primário, em vias de alcançar o objeto de sentido do discurso no seu enunciado secundário.

O segundo plano ou dimensão é o que chamaremos de plano da linguagem, ou seja, mesmo sem a presença desse “outro real”, um enunciado pode, perfeitamente, pertencer ao gênero primário ou secundário. Esse outro já habita a língua e é escolhido numa *expressividade* do locutor na construção do seu enunciado e, conseqüentemente, na configuração do gênero de seu discurso. É neste segundo plano que o percurso da pesquisa se inclina para atender às demandas de sua formação.

Conforme já dissemos, cabe-nos frisar a natureza da relação que se estabelece entre os gêneros primários e secundários. É notório no pensamento bakhtiniano que as classificações

ou distinções entre um ponto e outro da teoria sobre a linguagem não são estanques ou incomunicáveis. Antes, estas se interagem, se comunicam e operam numa finalidade de “manutenção” do todo da linguagem.

Os gêneros primários e secundários estabelecem uma relação de comunicação e de troca proposta pelo próprio dialogismo que constitui a linguagem. Esse jogo dialético se equilibra em uma profusão de valores e de estabelecimento de ações na conjuntura da existência tanto do sujeito quanto do social. Ali, de certa forma, passa a primeira divisa do que é o individual e o social, o eu e o outro, a organização do emocional e do formal. Enfim, a dialética entre os gêneros promove para o sujeito, no interior de seu enunciado, as dimensões de equilíbrio entre as ações (social e individual) possíveis para seu ato de fala e, acima de tudo, a possibilidade de renovação-criação de outros discursos.

Para concluir, ressaltamos o gênero literário como o gênero, por excelência, capaz de demonstrar com clareza todos os aspectos apresentados, até aqui, sobre a linguagem na perspectiva bakhtiniana. Desde o estudo da *expressividade* do gênero no enunciado à dialética funcional, que ocorre entre os gêneros primários e secundários, o gênero literário, em sua constituição, é o que mais expõe suas entranhas para uma dissecação da estrutura da linguagem. É o corpo ofertado no laboratório dos estudos linguísticos para a compreensão dos mecanismos e funcionamento do que é a linguagem, o que nos leva a pensar que foi após o contato com a literatura dostoievskiana que Bakhtin aprofundou, de maneira mais marcada, a concepção sobre a natureza da linguagem. Assim, o próprio Bakhtin vai ressaltar o gênero literário, em relação aos outros gêneros, como o “enunciado” que reúne tanto o jogo dialético dos gêneros primários e secundários como a matriz de renovação e criação de novos discursos no social. Vejamos:

Acrescentamos que um estilo que deriva para o estilo familiar deixa penetrar na literatura estratos da língua que, até então, nela se encontravam proibidos.

A importância dos gêneros e dos estilos familiares na história da literatura não foi, até agora, apreciada em seu valor exato. Os gêneros e os estilos íntimos repousam numa máxima proximidade interior entre o locutor e o destinatário da fala (no limite, numa espécie de fusão entre eles). (BAKHTIN, 1992, p. 323).

Percebemos, desta forma, que, no gênero literário, pode ser encontrado o espaço, como um dos mais favoráveis possível, para se pesquisar estas justas-relações que ocorrem na linguagem, principalmente, na funcionalidade dos gêneros. Particularmente, nesta pesquisa, busca-se verificar a possibilidade de ruptura-transgressão de um gênero a outro e da ruptura-transmutação de um gênero num ato de linguagem literário. Neste sentido, entendemos,

também, que essas condições são determinadas pelos seguintes elementos: a utilização da estrutura do gênero diálogo, a relação de proximidade e oposição entre os gêneros primários e secundários e a expressividade na apresentação das identidades dos sujeitos na encenação. Tudo isso nos leva a certo magma da linguagem, a um núcleo plástico e aquecido que, em sua expressividade de erupção, conduz as formas que, de certo modo, já trilham percursos dados ou forjam outros novos.

Nesta altura deparamo-nos com questões de ordem não somente teórica, mas de cunho teórico-metodológico, isto é, como pensarmos um instrumental metodológico para responder a discussões tais como: os gêneros podem ser apreendidos e classificados para certo uso no campo da linguagem? Estas classificações poderão submeter-se a tipos e, conseqüentemente, haverá hierarquizações entre as tipologias? Ou antes, se assim fossem os gêneros classificados, quais seriam os critérios dessa classificação: textuais ou discursivos? Quais os parâmetros que seriam utilizados para essa classificação: as marcas linguísticas, as formações textuais ou as diversidades languageiras nas práticas sociais?

Retornamos, portanto, à articulação teórica proposta por Charaudeau (1983) que concebe o gênero a partir da formação do discurso e das visadas comunicativas como uma intencionalidade psico-sócio-discursiva da qual é determinado o *enjeu* do ato de linguagem e, conseqüentemente, o reconhecimento do gênero discursivo.

### ***3.8 As visadas discursivas como um percurso ao gênero***

Se por um lado o conceito das *visadas discursivas* nos fornece um instrumental teórico para classificarmos atos de comunicação diferenciados, como por exemplo: um ato jornalístico que se inscreve numa *visada de informação* se distingue de um ato comunicativo de um manual de carro por se inscrever numa *visada de instrução*, pensamos assim ter um primeiro passo bem clarificado para distinguirmos os gêneros.

Por outro lado, o mesmo instrumento nos leva à extrema imprecisão teórica, pois as *visadas* se ancoram numa dinamicidade do próprio ato de linguagem, ou seja, em um ato pode haver uma ou mais *visadas* com a finalidade de determinar qual a expectativa de sentido a que aquele ato de linguagem se propõe. Então, torna-se impreciso ancorarmos unicamente na ideia

de um instrumental “inflexível” e que se articula na busca por marcar as repetições em uma ou outra instância como sustentáculos para uma categorização de gêneros. Se assim agíssemos, estaríamos recorrendo aos mesmos erros de teorias que se fundamentam nas marcas da língua ou dos textos que criticamos e refutamos.

As *visadas*, como primeiro passo de direção e entendimento à expressividade do gênero, propõem, a partir daí, um diálogo com as demais esferas constituintes do ato de linguagem. A funcionalidade das *visadas* implica que o efeito do gênero, em seu estado de origem, seja firmado como expectativa de todo ato comunicacional, que se configurará junto às demais restrições situacionais do contrato de comunicação. Ou seja, com as *identidades dos parceiros* do ato que acionam o modo discursivo enunciativo (ato alocutivo, delocutivo ou locutivo), com o *propósito* que dirige os demais modos de organização discursiva (narrativo, descritivo e outros) e com as *circunstâncias materiais* que irão acionar os dispositivos para a comunicação, por exemplo, qual canal será utilizado para que a comunicação ocorra, quais os aspectos formais de um texto, (oral ou escrito), a composição de seu estilo linguístico entre outros. Neste sentido, as *visadas*, ao promoverem o “diálogo” entre os componentes do discurso, corroboram, a partir da situação de comunicação, a logicidade de percurso para manifestação e apreensão do gênero. Vejamos o que menciona Charaudeau:

A situação de comunicação é, assim, o que determina, através das características de seus componentes, as condições de produção e de reconhecimento dos atos de comunicação sob seu aspecto externo. Por conseguinte, ela estrutura o domínio de prática - que é sociologicamente vasto - em domínio de comunicação. (CHARAUDEAU, 1997, p. 12)<sup>45</sup>.

O pressuposto acima nos indica que toda situação de comunicação rege certo número de práticas sociais e que, ao mesmo tempo, é por ela determinada, sendo o domínio de comunicação portadora de um campo mais vasto que a própria situação de comunicação, ou seja, toda situação de comunicação está contida em um domínio de comunicação. A situação de comunicação é englobadora e determinante sobre as restrições discursivas e, as restrições discursivas, por sua vez, orientam e determinam, de certo modo, as restrições formais.

Então, aqui, podemos circunscrever o percurso que, ativado por uma *visada* no ato comunicacional, promove a expressividade do gênero, isto é, todo gênero só poderá ser

---

<sup>45</sup> Minha tradução de: “La situation de communication est donc ce qui détermine, à travers les caractéristiques de ses composantes, les conditions de production et de reconnaissance des actes de communication, conditions d’énonciation sous leur aspect externe. Par conséquent, elle structure le domaine de pratique – qui est sociologiquement vaste – en domaine de communication”.

reconhecido e compreendido a partir de um domínio de comunicação que contém uma situação de comunicação, as restrições discursivas restrições formais. Relembramos mais uma vez que, embora o percurso promova uma visão linear e sobredeterminante de um campo sobre o outro, a Teoria Semiollingüística se ancora numa sustentação dialógica do ato de linguagem, o que nos obriga sempre a retomar o caráter dialogal de um campo da linguagem em relação ao outro. Ou seja, trata-se muito mais de um rearranjo de forças entre os campos do ato de linguagem do que necessariamente de uma visão de determinação de causalidade entre as partes. É desta forma que compreendemos o estudo do gênero como o movimento de fechamento-abertura para sua apreensão, aquela expectativa circulante no ato e o “mais ou menos” estável para o seu reconhecimento. Isso não atesta a impossibilidade do estudo e classificação dos gêneros, mas desafia os pesquisadores a levarem em conta a totalidade, dialogicidade e vivacidade do ato comunicacional, em que a classificação de um gênero não está estanque em um ou outro campo da comunicação, mas no rearranjo de suas similitudes circulantes na globalidade da ação de comunicação, pois,

Caso se trata de classificar textos, é necessário considerar seus pontos comuns e não suas diferenças. Seus pontos comuns podem ser encontrados em três níveis: nos componentes do contrato situacional, nas categorias das restrições discursivas e nos diferentes aspectos da organização formal do texto. (CHARAUDEAU, 1997, p. 16)<sup>46</sup>.

### ***3.9 Quatro filhos e quais discursos***

A composição dos personagens em uma obra literária nos possibilita uma variedade de questões que podemos propor como estudo no contexto daquela literatura. Desde a estética literária à composição socioeconômica e cultural em que a cenografia daquela obra se inscreve, a montagem dos personagens nos direciona assim para variados segmentos de estudo possíveis no texto literário. Assim, queremos evidenciar a estratégia de comunicação construída pelo sujeito comunicador (autor/escritor) ao encenar sua fala como enunciador na narrativa da obra, utilizando-se dos personagens como sujeitos portadores de vozes dentro do texto.

---

<sup>46</sup> Minha tradução de: “Mais s’il s’agit de classer des textes, il faut considérer leurs points communs et non leurs différences. Leurs points communs sont à trouver aux trois niveaux: dans les composantes du contraintes discursives et dans les différents aspects de l’organisation formelle Du texte”.



A concepção sobre os personagens nas obras literárias sofreu imensas mutações ao longo dos tempos na forma de compor a narrativa romanesca. É evidenciado, portanto, por teóricos literários como Cândido (2004) e Forster (1969), que o século XVIII foi o palco de uma transição significativa na composição dos personagens no cenário literário da época. Aponta-se, principalmente, para a transição que ocorreu na forma de compor personagens simples para personagens mais complexos, em que os simples são de comportamentos previsíveis dentro da narrativa, mas os complexos estão em constante mutação e surpreendem o leitor no desenrolar da trama (FORSTER, 1969 *apud* CÂNDIDO, 2004). A conceituação de personagem no contexto literário não se distingue da de pessoa, ou seja, o personagem na obra literária goza todos os atributos designados a uma pessoa “real”. Inclusive o personagem deve ser bem orientado na relação de tempo e espaço (social e cultural) para se estabelecer com o máximo de verossimilhança com dada construção histórica factual, a fim de que o leitor possa ser provocado a se identificar e imergir no universo literário e não lhe causar enfado e descrença na obra (CÂNDIDO, 2004).

Porquanto, na confecção literária, a peculiaridade de cada autor nos traz, na montagem dos personagens em suas obras, uma diversidade insondável de estilos e técnicas particularizada que dificilmente encontraríamos o fio orientador dessa construção. Acreditamos que a questão não se estabelece em como a criação literária se estruturou narrativamente na utilização da técnica da representação por personagem, a *mimèsis*, mas no como é possível a transmissão de certa verdade sobre algo no mundo, numa dada narrativa, a partir de uma relação estabelecida entre autor e personagens. Ou seja, como delimitar as instâncias do factual na pessoa do autor e do ficcional na pessoa do personagem e estabelecer qual é a relação de independência entre um e outro na apresentação de certo conteúdo na obra. A nosso ver Bakhtin aproxima-se dessa questão e nos direciona a respostas que demandam elaboração e reflexão teórica, pois foi ancorado na literatura de Dostoiévski, cujas obras representaram as maiores transformações tanto no estilo quanto na criação dos personagens no cenário literário do século XVIII, que Bakhtin (1981) apresenta as construções teóricas sobre dialogismo e polifonia na linguagem.

A partir da visão teórica do dialogismo na linguagem apresentado por Bakhtin compreendermos a possibilidade artística de criação dos personagens, não somente em Dostoiévski, mas em todo e qualquer autor, pois assim esse teórico afirma que “o homem nunca coincide consigo mesmo. A ele não se pode aplicar a forma de identidade: A é idêntico a A” (BAKHTIN, 1981, p. 50). Entendemos, desta forma, que Bakhtin nos remete à profunda

e complexa natureza do subjetivo no campo da linguagem. Dito de outra forma, através da polifonia, o teórico russo ancora a legitimidade de um subjetivo refratado, fragmentado e possível de apreensão unicamente na multiplicidade de apresentação de vozes que podem ser representadas numa encenação discursiva. De fato, torna-se impossível delimitar quais são as diferenças reais na construção de personagens que foram elaboradas por um autor numa obra literária, por um indivíduo num *setting* de análise ou numa reunião administrativa, em que o sujeito fragmenta e encena vozes e comportamentos de “outros” ficcionais à sua pessoa.

A criação literária de Dostoiévski é, então, evidenciada e estudada por Bakhtin como obras em que o sujeito escritor, excentricamente, apresenta a criação de personagens, de fato, polifônicos e em constante troca com a pessoa do autor, pois os personagens dostoiévskianos gozam de consciências independentes, não se fundem e nem se ofertam como porta-voz do autor, mas dialogam constantemente com a consciência deste. A partir desta perspectiva Bakhtin afirma: “Do autor do romance polifônico exige-se uma atividade *dialógica* imensa e sumamente tensa” (BAKHTIN, 1981, p. 50, grifo nosso). Então o termo dialógico toma a dimensão tanto no aspecto da constituição da linguagem quanto numa posição em que o sujeito se orienta em si mesmo e na construção das relações que suas vozes podem tomar na narrativa, caracterizando assim a singularidade literária de determinado autor.

Nesse aspecto, percebe-se que Dostoiévski manifestou no traço literário a forma de representar as tramas em suas obras com cenários e personagens sempre em relações familiares (pai/filho e irmãos), em grande parte masculinas, em fortes ligações sentimentais, sejam por rivalidades ou extremo afeto, mas que, ao mesmo tempo, também representassem as relações sociais da época. Nas obras de Dostoiévski, a dimensão e aprofundamento que um personagem toma num plano íntimo e emocional têm a mesma proporção no plano das relações dos conflitos sociais, o que é representado na esfera do discurso. Por isso, indagamos na obra *Os irmãos Karamázov* sobre o que representam os personagens dos quatro irmãos e suas posições para orientação de seus discursos no duplo plano referenciado.

### **3.9.1 Smierdiákov e a voz da exclusão**

O personagem Smierdiákov é apresentado após a introdução dos demais personagens, que são filhos legítimos de Fiódor Karamázov. Smierdiákov é citado, pela primeira vez por

Dimíttri, como o criado de seu pai, ao justificar o atraso no recinto do *Stárets* na reunião familiar (p. 79). A origem de Smierdiákov só é apresentada após a organização e montagem de toda a cenografia da trama. Então, após a narração e aparição dos criados da casa é que a história de Smierdiákov é desvelada ao leitor.

A narrativa sobre Smierdiákov tem início com a descrição da figura de sua mãe, uma *pobre idiota* que vagava pelas ruas, que fora acolhida e alimentada pelos caridosos daquela cidade. Lisavieta, o nome daquela mulher, achara-se grávida para surpresa e indignação de toda a cidade, pois quem poderia ter cometido tamanha atrocidade com uma criatura indefesa e indesejável como ela. Então um grande boato de que Fiódor Karamázov seria o agressor daquela mulher recai sobre a cidade. As suspeitas se reforçam quando, ao dar à luz, Lisavieta foge de uma casa que a abrigava e, à noite, pula a cerca da casa de Fiódor para parir num cômodo escuro e úmido seu único filho, dando indícios de quem seria o suposto pai. Logo após o parto, a “fedorenta Lisavieta” morre, e a criança é acolhida por Grigóri e Marfa Ignátievna, criados da casa de Fiódor. Fiódor Karamázov não assume a paternidade como, também, nunca contesta com veemência sua inocência, sempre sustentando a dúvida com seu caráter de deboche. Mais tarde, em um diálogo com Ivan e Aliócha, confirma que nenhuma mulher é desprezível ou rejeitável, indicando seu envolvimento com Lisavieta: “Para mim, nunca houve feionas. Basta o sexo e já é muito [...]” (p. 151).

“Eis um filho de Deus, um órfão do qual seremos os pais. Foi o pequeno morto que enviou para nós. Nasceu de um filho de Satanás e de uma justa” (p. 115). Assim, o personagem de Smierdiákov é traçado como aquele que fora enviado pelos mortos, o filho da extrema dicotomia entre o bem e o mal, uma figura excêntrica e repulsiva, mas que reúne habilidades na culinária e nos serviços domésticos, o que lhe dá um lugar de destaque e utilidade na casa dos Karamázov. Embora não haja uma descrição pelo narrador se há por parte de Smierdiákov uma consciência dele ser ou não filho de Fiódor, a participação emotiva e o envolvimento com que Smierdiákov se insere na trama de sentimentos com os irmãos contra o pai promovem o implícito que esse saber ligava não somente Smierdiákov, mas também os quatro irmãos.

O personagem de Smierdiákov representa, de forma bem traçada e marcada, a frieza, a ingratidão e o sadismo do caráter de Fiódor, mas apresenta uma ínfima simpatia, ou talvez certa dúvida ou curiosidade, pela fé. Contudo, isso não modificava em nada sua condição ou postura de promover algo de ruim àquela casa. O sujeito narrador da obra não se preocupa em demonstrar antipatia ou aversão à figura de Smierdiákov: “Seria preciso dedicar-lhe um

capítulo especial, mas tenho escrúpulo de reter por tanto tempo a atenção do leitor<sup>47</sup> para simples criados” (p. 115). Além disso, também utiliza-se da própria fala de insulto e deboche à pessoa de Smierdiákov, proferida por Fiódor, para introduzir os diálogos entre Fiódor, Grigóri, Ivan, Aliócha e Smierdiákov.

“A burra de Balaão<sup>48</sup> começou a falar de repente, e a respeito de um tema estranho” (p. 141). Essa é a parte da obra em que Smierdiákov terá voz pela primeira vez. Esse diálogo revela a sutileza e as tramas implícitas que já começavam a se organizar entre os membros daquela casa. No lugar de serviçal, as falas jamais deveriam se atrever a propor ou contrapor nenhuma ideia à casa de seu senhor, fato que aparece nos insultos de Grigóri a Smierdiákov no intuito de fazê-lo calar. Mas ele começou a falar e não vai calar mais. Esse é o sentido dado à sua posição naquele momento, e tal posição de pertencimento aquela casa/família, tomado por Smierdiákov, centrava em sua sensação de também ser filho e de ter alguma coisa em comum que o ligava a seus irmãos, algo que o motivaria a continuar.

A caracterização do discurso que configura o personagem de Smierdiákov mescla desde a instância dos lugares afetivos pessoais, ser filho e serviçal, aos lugares sociais que configuravam a sociedade russa daquela época. Há sempre algo de subversivo na fala de Smierdiákov, algo que prefigura a insatisfação, a insubordinação e a revolução que inusitadamente poderia ocorrer nas castas inferiores daquela sociedade. O inusitado naquele diálogo fora a apresentação da condição de pensante manifesta por Smierdiákov. Neste momento o diálogo entre Ivan e o pai se transforma inteiramente numa configuração discursiva de plano social sobre uma possível revolução que poderia acontecer na sociedade russa:

---

<sup>47</sup> O termo leitor, utilizado neste excerto, promove um deslizamento no tempo da narrativa do sujeito narrador para o sujeito autor. O tempo ou modo efetuado pelo sujeito narrador na obra caracteriza-se pela narração oral, alguém que viveu naquela cidade, presenciou os fatos e está narrando a história ao ouvinte. O termo leitor empregado nesta parte do texto implica o sujeito autor, que emprega sua voz no prefácio da obra dirigindo-se ao leitor. Podemos aqui fazer certa inferência que essa antipatia e repulsa a figura de Smierdiákov era própria da pessoa de Dostoiévski, até por caracterizar o personagem Smierdiákov com a doença que lhe aturdiu por quase toda a vida: a epilepsia.

<sup>48</sup> Este é mais um dos inúmeros excertos da obra que caracteriza a extravagância do efeito polifônico na obra dostoiévskiana. Trata-se de uma paráfrase com o texto bíblico que se encontra no livro de Números 22: 28-33. Este texto narra o episódio do profeta Balaão com sua Jumenta. A jumenta tem a sensibilidade e a visão de um anjo com a espada desembainhada que estava posto no meio do caminho. Então ela pára e, conseqüentemente, é espancada por três vezes. Neste instante, o animal é subitamente tomado de consciência e linguagem e dialoga com o dono. O caráter do diálogo reúne elementos de justiça, afetividade e serviços na relação do animal com o dono, além da profunda sensibilidade ao sagrado que, naquele momento, faltara totalmente ao profeta. A paráfrase de fato introduz a ideia da confluência dos inúmeros discursos que ali transitavam. Além da prefiguração dos lugares de laçao e senhor, trata-se, principalmente, de retratar o inusitado que ali acontecera: Smierdiákov é portador de saber e discursos que podem provocar a inteligência e ordem daquela esfera social.

- Absolutamente - respondeu este (Ivan). Resolveu mostrar respeito por mim, é um laçao, um pulha. Fará parte da vanguarda, quando o momento chegar.
- Da vanguarda?
- Haverá outros e melhores, mas haverá muitos como ele.
- E quando chegará o momento?
- O foguete arderá, mas talvez não até o fim. No momento o povo não gosta de ouvir esses queima-panelas.
- De fato, aquela burra de Balaão pensa que não acaba mais e Deus sabe até onde isso pode ir.
- Ele armazena idéias - observou Ivan, sorrindo. (p. 146).

No trecho percebemos o deslizamento de um discurso intimista e situacional numa casa, no momento do jantar, para o discurso social da revolução que permeava a consciência da sociedade russa. Smierdiákov representava esse discurso num microespaço, a família, como também no macroespaço social.

O tema inicial do diálogo provocado por Smierdiákov centra-se na apostasia da fé. Ele relata a história de um soldado russo que, preso pelos turcos, fora sentenciado ao castigo até a morte caso não apostatasse da fé cristã e convertesse-se ao islamismo. O soldado prefere o castigo e a morte a renunciar à sua fé, o que leva Smierdiákov a zombar da escolha daquele soldado por lhe faltar inteligência para construir um raciocínio que lhe parecia bastante óbvio. Assim Smierdiákov se apresenta como conhecedor dos textos bíblicos e com independência de raciocínio contrária e subversiva à ortodoxia eclesiástica cristã. Ora, se no pensamento já pecaste, já duvidou de sua fé, então já estaria fora da comunhão com Deus. O que não teria nenhum efeito a mais na vida do pecador (soldado) virar-se para os carrascos, proferir a renúncia e atrelar-se à nova fé somente para livrar-se da morte. Depois de solto, a falta de fé é um dos pecados mais comuns e perdoados por Deus. Então, seria somente retratar-se diante de Deus a falta de fé e retomar sua posição cristã novamente. Tal exposição de pensamento causa uma agitação no humor dos interlocutores, a indignação de Grigóri, a licenciosidade nas ideias de Fiódor e o despertar das consciências de Aliócha e Ivan de algo a mais sobre aquele dito. O tom filosófico e enigmático na voz de Smierdiákov é constante em todos os diálogos dos quais ele participa, pois seu dizer, a partir dessa exposição, sempre aparece com uma função de organizar ou montar um arquétipo para uma nova forma de pensar. A subversão no campo da fé, ou a forma de transgredir por um interesse próprio e retomar o estado inicial, provoca o estado de consciência de Aliócha e Ivan no conflito da contradição entre a vontade e imperiosidade de Deus e a liberdade da ação humana. A margem de manobra apresentada no pensamento de Smierdiákov para a construção da ação do homem

encontra-se no estreito do subversivo e da transgressão da própria consciência do homem.

### 3.9.2 Dimíttri e a voz da transposição

“Pois bem, agora caio realmente. Não tenho medo e você também não. Isto é, sim, tenho medo, mas é um medo suave, ou melhor, embriaguez [...]” (p. 119) (fala de Dimíttri a Aliócha). Essa talvez seja a melhor definição para a voz que expressa o personagem Dimíttri na trama da obra: a embriaguez. Trata-se do diálogo de maior proporção dada à fala do personagem Dimíttri em interlocução com seu irmão Aliócha. Nesse episódio, Aliócha se dirigia à casa paterna quando num instante é surpreendido por um chamado de Dimíttri de dentro de um jardim de outra casa, vizinhos de seu pai. Aliócha então é convidado para uma conversa e, assim que aceita, é ajudado por Dimíttri a pular a cerca e entrar nas propriedades daquela casa. *As confissões de um coração ardente e desbocado*, título dado pelo autor para aquele diálogo, é quase um monólogo proferido por Dimíttri para relatar sua saga de paixão por Grúchenhka e infidelidade à sua noiva Katierina Ivânovna. A tonalidade da narração de Dimíttri se assemelha às oscilações de uma embriaguez tanto na imagem de cambaleio de seu discurso, em que parece vacilar de um extremo a outro - amor/ódio, virtude/impudor -, como na montagem de seu personagem com impulsos extravagantes que ora o apresenta num comportamento estreito de afeto e moral, ora num comportamento animalesco e impudente.

Talvez mate, talvez não mate. (p. 136)

Sou maldito, vil e degradado, mas beijo a fímbria da veste em que se envolve o meu Deus; sou a estrada diabólica, mas sou, no entanto, Teu filho, Senhor, e Te amo, sinto a alegria sem a qual o mundo não poderia subsistir. (p. 122)

Apesar de meus vis instintos e meu amor à baixeza, não sou desonesto. (p. 124)

O ódio que só está separado do amor mais ardente por um fio de cabelo. (p. 128).

A voz do personagem Dimíttri manifesta o atravessamento das dicotomias do humor, do afeto, da moral e da consciência, principalmente, na transposição para o campo de ação que constitui o fazer (existência) daquele personagem. O personagem de Dimíttri é descrito como aquele que tem posição de um jovem militar da brigada russa, figura um tanto folclórica na cultura da Rússia da época (FRANK, 2007), mas que fora destituído da função por inúmeras infrações cometidas por seu temperamento instável e briguento. O que caracteriza o discurso

de Dimíttri, além de suas oscilações, é a capacidade, ou aparência, de transposição ao ato do que é dito. Há na imagem discursiva de Dimíttri uma produção de efeito em que o dizer é fazer. Assemelha-se à imagem discursiva produzida no discurso político de um candidato a um cargo público. O sentido posto é que a transposição, ou ação, ou a relação entre o falar e o fazer é tão ínfimo que, no momento mesmo em que é proferido algo, este algo já está acontecendo: daí o efeito de crença nos eleitores. Assim a apresentação discursiva do personagem Dimíttri gera no leitor um efeito de fala/acontecimento, principalmente na ideação implícita articulada por Smierdiákov em que a transposição do ato já era tida como garantida, pois Dimíttri prefigurava esse discurso insensato e sem reflexão que partiria ao ato.

No mais, o comando da situação estava sob ciência e responsabilidade de Smierdiákov. Tanto Fiódor havia-lhe confidenciado e confiado o segredo acerca de Grúchenhka, do dinheiro e da provável visita desta à sua casa, como, também, Dimíttri havia designado a Smierdiákov a vigilância e incumbência de relatá-lo qualquer movimento de Grúchenhka em direção à casa do pai.

Smierdiákov tinha agora o “saber” e a montagem de toda a situação da trama na casa dos Karamázov. De serviçal, passara a ser o senhor e pensante sobre a relação de Fiódor e Dimíttri e detentor do possível acontecimento que sobreviria àquela casa. A figura discursiva de Dimíttri já assegurava no imaginário de Smierdiákov a garantia do ato. Faltavam-lhe a participação e anuência dos demais membros. Portanto, seu discurso subversivo é persuasivo à aderência dos interlocutores a algo que não é dito explicitamente, mas que altera o estado de consciência de Aliócha e Ivan.

Vale ressaltar a representação e repetição do ato de “pular a cerca” que se apresenta em diversos momentos na obra *Os Irmãos Karamázov*. Ocorre em primeiro momento com Lisavieta para adentrar no quintal da casa de Fiódor e dar à luz a Smierdiákov. Logo após acontece esse ato em várias outras passagens relacionadas a Dimíttri, como no episódio com Aliócha, na casa de seu pai, na noite do assassinato, e na casa de Grúchenhka. O efeito de sentido que a repetição do ato de “pular a cerca” promove é de, justamente, provocar a crença no falar-fazer do personagem de Dimíttri, em que a cristalização do discurso e do personagem pela formatação do óbvio obscurece e opacifica a compreensão de outras dimensões que aquele discurso ou personagem pode tomar. Assim, o percurso de compreensão do leitor pode ficar obsedado pela “figura do ato” conforme estavam às consciências de Smierdiákov e Dimíttri pelo possível acontecimento que viria sobre aquela casa: a visita de Grúchenhka e a cena do assassinato. Assim, tanto o leitor quanto Smierdiákov e Dimíttri podem transitar pela

trama sem compreender de que cerca se trata e de quem a “pularia”, mesmo trajado inadequadamente para isso.

### 3.9.3 Ivan e a voz da indagação

Ivan é o personagem que recebe maior descrição e espaço de fala dentro da obra. Percebe-se, por parte do autor, um investimento muito grande para caracterizar e dimensionar a atuação do personagem de Ivan e das relações que ele estabeleceria com os demais personagens na história. Assim, Ivan dialoga com todos os personagens da obra e exerce fascínio e sedução em grande parte dos seus diálogos junto aos outros personagens e, notoriamente, seus discursos são os mais bem elaborados, como o do *Grande Inquisidor*, em sua interlocução com Aliócha, e o belo diálogo que ostenta conhecimento, lógica e muita ironia com o diabo. Inicialmente, a imagem que se passa pelo personagem de Ivan é de alguém pretensioso, arrogante e insensível àquele lugar e à situação de conflito entre seu pai e seu irmão, mas que ora e outra desvela um sentimento de proximidade e afeição pela disfuncional família. A extrema frieza passada pelo personagem de Ivan contrasta com sua profunda sensibilidade e sedução, que, por instantes, descentra o leitor sobre a ideia de quem se trata realmente ser o herói da trama, ele ou Aliócha.

No personagem de Ivan, a voz que se configura contorna e exprime a esfera da intelectualidade e do racionalismo russo da metade do século XVIII. Os discursos proferidos por ele reúnem elementos que expõem as contradições das ideias sociopolíticas vivenciadas pela sociedade russa desse século. Tem-se nítida impressão de que a representação de Ivan é motivada pelo constante interesse e contato que Dostoiévski mantinha com a camada jovem da Rússia na época da elaboração da obra. Dostoiévski não só se mantinha extremamente informado pelos jornais de circulação da época sobre os acontecimentos na sociedade como, também, mantinha contatos com inúmeros jovens e atendia a convites para falar em universidades, o que lhe dava uma proximidade extrema sobre as nuances e transformações que estavam ocorrendo no pensamento jovem da Rússia.

Então, descobri que você é um rapaz semelhante a todos os outros aos vinte e três anos, um rapaz viçoso, gentilmente ingênuo, um verdadeiro fedelho, em uma palavra. (p. 243)



- Portanto, você compreende mesmo por quê. Nós, fedelhos, temos como tarefa resolver as questões eternas, é nosso objetivo. Agora, toda jovem Rússia só faz dissertar sobre essas questões primordiais, ao passo que os velhos se limitam às questões práticas. Por que me olhou durante três meses com um ar ansioso, senão para me perguntar: ‘Tem fé ou não tem?’ Era o que exprimiam os seus olhares, Alieksiéi Fiódorovitch; não é verdade? (p. 246).

Nesses excertos de diálogo com Aliócha, Ivan é caracterizado como a força intelectual russa e os movimentos de mudança e insatisfação que começaram a despontar na classe dos intelectuais em relação à posição social e política da Rússia diante do mundo (Europa). Um dos principais pontos de conflito na intelectualidade Russa centrava na postura de que a imensa parte daquela sociedade era regida por valores e ideias de cunho religioso e não humanista e racionalista como difundido na Europa. O discurso que representa Ivan é cindido constantemente pelo conflito entre razão e fé, entre uma sociedade que alcançaria uma justa organização de equidade social pelo viés da fé Cristã ou pelo viés dos ideais de liberdade e igualdade que borbulhava na sociedade européia do século XVIII. Esta é a primeira representação tomada pelo discurso de Ivan diante do *Stárets Zósima* ao ser indagado sobre as questões que ele (Ivan) havia suscitado no encontro no mosteiro: “Será possível que o senhor encare dessa forma as consequências do desaparecimento nas pessoas da crença na imortalidade da alma? - perguntou de súbito a *Stárets* a Ivan Fiódorovitch”.

“- Sim. Não há virtude sem imortalidade” (p. 81).

Esse trecho, como já mencionado, deflagra o cerne discursivo que permeia e representa os grandes conflitos propostos na obra. O *Stárets*, ao apontar essa inquietação em Ivan, “essa questão não está resolvida no senhor [...] ela reclama imperiosamente uma solução”, instaura a diversidade discursiva naquele contrato comunicacional e configura a posição discursiva do personagem Ivan na expressividade da intelectualidade e dos ideais socialistas e anticristãos fortemente detectados na sociedade jovem da época.

Logo após esse episódio, é travado o primeiro diálogo entre Aliócha e Rakítin e, nesse diálogo, começam a se desencadear as várias e sucessivas associações discursivas entre os personagens da trama. Alguma coisa que deverá ser construída como sentido não advém de uma única consciência ou de uma única voz soberana da narração, mas é na imiscuição das várias consciências e das diversas vozes que esse algo tomará sentido na trama. Observa-se neste trecho a resposta dada por Aliócha a Rakítin: “- Eu [...] não é que não tenha pensado precisamente nisso - murmurou Aliócha -, mas você acaba de falar de modo tão estranho a esse respeito que parece que eu mesmo tinha pensado nisso” (p. 90). É, perfeitamente,

perceptível que a voz de Rakítin nesse diálogo com Aliócha já reflete as representações discursivas expressas por Ivan anteriormente no recinto do Stárets Zósima.

Conforme mencionamos no capítulo anterior, o personagem de Rakítin sugere uma voz que representa o anti-herói, isto é, o contrário ou um contraponto para a evidenciação ou dispositivo de elaboração de algo na consciência do verdadeiro herói. Essa passagem da obra é polifônica em sua “representação cenográfica” com a passagem bíblica da tentação de Cristo no deserto em conflito e combate com a voz do diabo<sup>49</sup>. A preparação do Cristo para a atuação no mundo como o Cristo revelado tem a iniciação com o diálogo estabelecido, justamente, com a voz do seu contrário, um diálogo que não o destitui, mas que o evidencia em seus propósitos. É assim que os personagens em Dostoiévski podem tomar uma dimensão de consciência num plano infinito de possibilidade interdiscursiva e na representação dos diversos planos que esses discursos podem permear. Ou seja, as consciências mais contrárias podem se estabelecer em constantes diálogos sem a anulação de nenhuma delas e, nessa ação, elas promovem a si mesmas pela construção do sentido. A interdiscursividade aberta nos diálogos de consciência entre os personagens sobre algo, como foi visto neste trecho, já começa a tomar direções de um trabalho de construção de um sentido na trama, o que podemos perceber nas elaborações de Rakítin: “A humanidade encontra em si mesma a força de viver para a virtude, mesmo sem crer na imortalidade da alma! Tira-a do amor à liberdade, à igualdade e à fraternidade [...]” (p. 93). A fala expressa por Rakítin expõe sua interlocução de consciência com Ivan e, concomitantemente, com Aliócha e assim, sucessivamente, vai ocorrer nos entrelaces dos diversos diálogos que acontecerão no encontro com os outros personagens. Assim, a representação discursiva de Ivan começa a tomar desenvoltura dialogal com outros discursos em outras consciências e irradiar, nas diversas possibilidades discursivas, campos possíveis de atuação e elaboração tanto do sujeito como do sentido, conforme expressa o fragmento de elaboração apresentado a seguir por Rakítin e que se manifesta como um campo de inúmeras possibilidades de construção para os sujeitos e o sentido na trama. “Se não há imortalidade da alma, então não há virtude, o que quer dizer que tudo é permitido” (p. 93).

Por fim, esse construto proposto na voz de Rakítin toma uma dimensão de sentido na consciência de Ivan no diálogo estabelecido entre ele, seu pai, Smierdiákov e Aliócha, em que Smierdiákov, ao promover certa arquitetura de pensamento sobre a ruptura dos valores morais

---

<sup>49</sup> Trata-se do episódio em que o Cristo se recolhe por quarenta dias no deserto para jejuar e preparar-se para sua missão junto aos homens (discípulos). Este texto pode ser encontrado nos seguintes evangelhos: Mateus 4:1-11, Marcos 1:12 e 13 e Lucas 4:1-13.

do cristianismo para realização de uma escolha/ação, abre a percepção de Ivan e o faz proferir uma sentença na cena seguinte. Após o ataque de Dimítri ao pai na frente dos criados e dos dois irmãos, Ivan e Aliócha retiram Dimítri da casa e, então, eles dialogam sobre o ocorrido em estado de espanto. Ocorre, assim, o entendimento súbito na consciência de Ivan sobre seus sentimentos naquele momento e o sentido de que o ato de Dimítri não estaria isolado apenas em Dimítri, mas envolvia todos os Karamázov:

- Com os diabos! Se eu não o tivesse retido, ele o teria matado. Faltou pouco a Esopo para morrer -murmurou Ivan a Aliócha.

- que Deus o preserve! - exclamou Aliócha.

- Por quê? - continuou Ivan, no mesmo tom, com o rosto contraído de ódio. - Que os répteis se devorem entre si, esse é o seu destino!

Aliócha estremeceu. (p. 155).

### 3.9.4 Aliócha e a voz da dúvida

Espera-se que numa narrativa literária o maior espaço de descrição dos personagens seja destinado à figura do herói. Na obra dostoiévskiana ocorrerá, justamente, o contrário. Não há por parte do autor preocupação de construir a imagem fechada e organizada de um herói que convence o leitor pelo imaginário que permeie o bem, o benevolente ou o justo. Mas percebe-se certa intenção do autor de gerar um espaço que possibilite uma co-construção, junto ao leitor, do possível herói da trama, que participe de outros sentimentos muitas vezes contrários ao ideal de uma figura de herói.

O tom da descrição de Aliócha efetuado pelo narrador traz uma insistência de centrá-lo numa posição mediana em todos os aspectos que caracteriza a figura do rapaz. Tanto em sua inteligência quanto em sua atuação no social como em suas escolhas, nada desponta naquela personalidade algo que o caracterize com certa especialidade. É, então, ressaltado pelo narrador o despertar de afeto que Aliócha provocava nas pessoas que o rodeavam “Sim, aquele adolescente era amado por todos, em toda parte ande fosse, e isto desde a sua infância” (p. 28). Mas a mesma representação de afeto e carinho que a figura de Aliócha despertava se assemelhava ao lugar representado por Lisavieta, a mãe de Smierdiákov, pois tanto a figura da louca da cidade quanto do noviço religioso são uniformizados pelo imaginário social como pessoas que detêm um místico e carecem da assistência e acolhimento social. Na descrição do seu benfeitor, Aliócha “é

talvez o único homem no mundo que, se ficasse sem recursos numa grande cidade desconhecida, não morreria de fome, nem de frio, porque imediatamente o alimentariam e abrigariam” (p. 30). Associado cada vez mais à figura de Lisavieta, a preocupação de Aliócha nunca fora de pensar em seus próprios recursos, ao contrário do que caracterizava bem seus irmãos, como, também, de quem provinha sua manutenção até aquele momento.

O narrador não poupa palavras para provocar a dúvida do leitor sobre o caráter do herói: “Admito que ele já era bastante estranho, e isso começou desde o berço” (p. 27). O narrador constrói a personalidade e o humor do herói sempre na dualidade: “não era brincalhão nem alegre, mas não era melancolia”; “era um dos melhores alunos, mas nunca obteve o primeiro lugar nem terminou os estudos”; “debatia-se, deitava-se no chão quando zombado pelos colegas, mas suportava a ofensa e não se zangava”. Num momento, o narrador nos conduz à sensação de uma personalidade equilibrada, noutro a uma insuficiência de Aliócha de se proteger e se orientar no mundo. A construção do personagem de Aliócha pelo viés religioso promove no leitor uma sensação amórfica de sua imagem sexual. Essa imprecisão da sexualidade do herói é mencionada pelo narrador ao relatar que os colegas o chamavam de “mocinha”, e logo sentiam compaixão dele.

A figura do herói é, portanto, fragmentada no todo da obra e sua constituição só se torna possível nos diálogos e presença dos demais personagens. Um traço muito presente na personalidade do herói é a imprecisão ou ausência em demonstrar seus afetos na relação com os demais personagens. Até mesmo a pessoa de Fiódor é caracterizada pelo narrador com certos traços de afeto, principalmente por Aliócha. Smierdiákov manifesta profunda mágoa e ressentimento, em Dimítri e Ivan as nuances de amor por Grúchenka e Katierina são ressaltadas, mas a dinâmica afetiva de Aliócha é desconhecida e enigmática. “Aliócha não demonstrou nenhuma emoção especial diante do túmulo de sua mãe” (p. 31). Toda representação afetiva demonstrada por Aliócha tinha o caráter de resposta a interlocuções com outro personagem, isto é, quando abordado emocionalmente por alguém, retribuía o afeto que lhe fora dirigido.

Assim, a inclinação que Aliócha demonstra pela figura do *Stárets Zósima* não tem precisão nem de afeto nem de devoção. “Essa vida o atraía unicamente porque nela havia encontrado um ser, na sua opinião, excepcional, o nosso *Stárets Zósima*, ao qual se ligara com todo o fervor novíço de seu coração sedento” (p. 27). O espelhamento do religioso de Aliócha estava na imagem que o *Stárets Zósima* exercia sobre algo que ele procurava como sentido de sua existência, como, também, esse mesmo jogo especular de efeito que a imagem de Aliócha exercia sobre a pessoa do *Stárets Zósima* é revelada nos últimos momentos de vida do abade

ao relatar a morte de seu irmão. O rosto de Aliócha tanto lembrava como revivia no Stárets Zósima a experiência da espiritualidade que seu irmão mais velho havia transmitido nos dias que antecederam sua morte prematura. O amor especular vivenciado entre ambos refrata e reflete os sentimentos viscerais de filiação transferidos num jogo inconsciente entre sujeitos como transpõe tal construção para o exercício da espiritualidade. Nesse sentido, acreditamos que seja esse o espaço de transição e constituição da imagem do herói na narrativa. A inconstância, o enigmático e o duvidoso são elementos apropriados para a fecunda formação do devir de um novo e transgressivo herói.

Então, a expressão do discurso apresentado pelo personagem Aliócha configura-se na instância do religioso, mas num religioso conflituoso, incerto e confrontado pelas inúmeras questões da própria condição da existência humana que demandam respostas. Esse traço da constante pergunta atravessa, insistentemente, as interlocuções de Aliócha, perguntas que sempre remetem seus interlocutores a respostas que invocam outras vozes e direcionam a certa questão que o atormenta, como nos dois trechos em que ele, Aliócha, indaga Smierdiákov; e em outro momento, a Ivan, e obtém a mesma configuração de resposta:

- Meu irmão Dimítiri vai demorar a chegar? - perguntou Aliócha, no tom mais calmo possível?

- Como posso saber das idas e vindas de Dimítiri Fiódorovitch? Seria diferente se eu fosse seu guardião - respondeu tranquilamente Smierdiákov, com um tom de desdém. (p. 240).

- Como acabará tudo isso, entre Dimítiri e nosso pai? - perguntou Aliócha, com inquietação.

- Você volta sempre a isso! O que eu posso fazer? Serei o guardião de meu irmão Dimítiri? - replicou Ivan, com irritação. (p. 245).

A resposta dada em ambos os casos é polifônica e remete a voz de Caim ao ser interrogado pela voz de Deus sobre onde se encontrava Abel<sup>50</sup>. Tanto a voz de Aliócha reflete a voz da onisciência e onipresença da divindade que inquieta a consciência humana no tempo de suas ações, quanto a resposta dada à inquietação de Aliócha remete ao implícito de um ato transgressivo já comungado pela irmandade Karamázov.

---

<sup>50</sup> A história de Caim e Abel, filhos de Adão e Eva, é relatada no livro de Gêneses, capítulo 4, a partir do verso primeiro. A saga de Caim e Abel se reduz ao assassinato de Abel por Caim por aquele ter sua oferta aceita por Deus e este não. Movido de revolta e inveja, Caim acomete o primeiro ato transgressivo da humanidade: o assassinato. Esta é a inquietante pergunta de Deus a Caim, onde está o seu irmão? Então a resposta de Caim é: “por ventura sou eu guardião do meu irmão?”

## 5 SUJEITO E LINGUAGEM

### *5.1 Sobre a subjetividade*

Uma teoria da subjetividade no seio dos Estudos Linguísticos ainda provoca certo mal estar no funcionamento orgânico das teorias da linguagem. Embora tenhamos pesquisadores determinantes como Pêcheux (1988) e Benveniste (1995), que romperam com o fronte do estruturalismo e introduziram a irreconciliável relação entre sujeito e linguagem, encontram-se, até os dias de hoje, resistência por parte de algumas áreas da Linguística à aceitação de estudos sobre a manifestação da subjetividade no campo da linguagem. De fato, a construção histórica da teoria sobre o sujeito deixou um legado de irritação e desconforto às diversas correntes das ciências humanas. A subjetividade, ou aquilo que se compreende dela, nunca promoveu um estado amistoso com as ciências da humanidade. Ao contrário, tanto ameaçou quanto lançou dúvidas sobre o que a ciência dizia sobre sua verdade ou do real de seu objeto. Inclusive, causou ao longo da história da filosofia acirradas divergências e distinções nos pensamentos entre as escolas filosóficas, o que nos faz pensar que não seria diferente no interior das correntes linguísticas.

Para qualquer espécie de ciência abrir suas portas para compreender do que se trata a subjetividade e qual implicação ou relação que esta estabelece com seu objeto de estudo seria, necessariamente, destituir a forma de discurso certo e estruturado de se dizer ciência. Portanto, o caráter antipatizado e arrogante atribuído à teoria do sujeito pelos outros campos de saberes.

Nesse sentido pode-se entender que a lógica que se aplica na apresentação, estudo ou apreensão da subjetividade não é correlata à lógica de formação e exibição da ciência. Sabe-se que o estruturalismo no início do século XX surge como forma de tornar científico aquilo que a ciência positivista não acolhia como saber demonstrável. E, a linguística, a partir de Saussure (1922), torna-se o representante maior dessa nova forma científica de apresentação no mundo acadêmico. Cabe ressaltar que tanto as ciências positivistas quanto as ciências humanas, em sua lógica estruturalista de se representarem, partem primordialmente da construção de sujeito proposto por René Descartes (1644) no século XVII. O sujeito do

cogito, *cogito, ergo sum*, conforme apresentado pela filosofia cartesiana, funda categoricamente duas premissas na base de formação do pensamento científico: a noção de verdade e de real para o fundamento e funcionamento do saber da ciência.

Embora as ciências ancoram-se num estatuto de sujeito pensante e capaz de apreender a verdade e o real do mundo ou de qualquer outro objeto, tornou-se intolerante para o saber científico qualquer proposta que questionasse ou promovesse certo deslizamento desse baluarte da ideia do sujeito do cogito. A ciência está disposta a construir e desconstruir a apresentação do conhecimento de seus objetos, mas não de se desconstruir ou ser ameaçado nos estatutos que sustentam o arcabouço de sua forma de conhecer as coisas e afirmá-las.

Mas, se com Descartes se elege a primeira representação do que seja o estado de sujeito, tal questão não se aquieta na formalização cartesiana dessa verdade. Ao contrário, por se afirmar ou estabelecer certo argumento sobre a subjetividade, nasce, a partir daí, uma série de outras possibilidades de pensar esse estatuto de sujeito, conforme isso vai ocorrer com a multiplicidade de correntes filosóficas para apreender as múltiplas nuances que afloram da ideia de subjetividade no século XIX.

Contudo, é de extrema consideração que o pensamento de Descartes (1644) traz duas condições, até então, de grande valia para o estabelecimento da noção de existência do sujeito: i) a prerrogativa de se instituir a partir de seu autoconhecimento, gerando o estatuto de unidade e identidade àquele que é pensante: “Assim, simplesmente por saber que eu existo, e notar ao mesmo tempo que nada mais pertence à minha natureza ou essência exceto que sou uma coisa pensante, posso corretamente inferir que minha essência consiste somente em que sou uma coisa pensante”<sup>69</sup>; ii) a instauração da imagem do outro como provedor ou garantia da verdade daquilo que é pensado. Na teorização cartesiana, a imagem e existência de Deus tornam-se a alteridade determinante para sustentação da verdade do ser ou do pensamento que o funda como ser, pois:

Isso se deve a que toda percepção clara e distinta é indubitavelmente algo de real e positivo e portanto não pode vir do nada, devendo necessariamente ter Deus por seu autor. Seu autor, afirmo, é Deus, que é supremamente perfeito e não pode ser um enganador, sob pena de contradição.<sup>70</sup>

Dessas duas condições apresentadas do sujeito do cogito, podem-se deduzir duas

---

<sup>69</sup> *Quinta meditação*, AT VII 78: CSM II 54. Referência extraída de: COTTINGHAM, 1999, p. 34.

<sup>70</sup> *Quarta meditação*, AT VII: CSM II 43. Referência extraída de: COTTINGHAM, 1999, p. 33.

outras condições ou diretrizes que, embora implícitas no pensamento cartesiano, fomentam a concepção “atual” da subjetividade: i) o sujeito é desprovido ou descentrado da verdade, buscando seu efeito de verdadeiro num jogo de relação com o outro; ii) sua forma de pensamento ou manifestação desse pensamento para instauração da existência de si mesmo e das coisas dar-se-á pela forma do dizer, da linguagem.

Resgatando e rompendo com o pensamento cartesiano da subjetividade, Edmund Husserl<sup>71</sup> (2002) marca o século XX com outra proposta ou metodologia de apresentação da subjetividade e sua relação com o conhecimento científico. Suas ideias transcendem o sujeito do cogito por descentrá-lo de seu poder unitário de apreensão e organização da existência, propondo como estudo o campo do fenômeno que abrange tanto a manifestação do sujeito quanto do objeto, do qual ele designa como *redução fenomenológica*. Nesta direção, a redução fenomenológica trata-se, inicialmente, de apagar a dicotomia existente entre sujeito e objeto ou entre a subjetividade e a forma de construção do conhecimento pela ciência. Tanto a subjetividade quanto o conhecer o objeto que se estuda só se tornam possíveis de serem apreendidos pelo campo do próprio fenômeno. *Colocar o mundo entre parênteses* é a tradução mais próxima com que Husserl tenta explicitar o significado da redução fenomenológica, isto é, significa o estado de intenção que o sujeito pode alcançar para apreender o sentido subjacente ou essencial das coisas, anterior a qualquer compreensão ou conceito dado pelas ciências naturalistas ou positivistas. A partir da teoria fenomenológica, dois conceitos são relevantes no pensamento desse teórico acerca da subjetividade. Primeiro que o sujeito jamais poderá ser compreendido ou apreendido em seu estado essencial de ser. Isso só ocorre no campo relacional que o *ser* estabelece com o outro e com o mundo, objeto. Assim, toda subjetividade é essencialmente relacional, é intersubjetividade. Segundo, a subjetividade ou a intersubjetividade é portadora de uma intencionalidade de consciência, ou seja, a consciência não se constitui em si mesma, mas pela intenção que esta se dirige para o objeto. Neste sentido, a intencionalidade é a manifestação da própria natureza da consciência.

A importância do pensamento de Husserl (1913) se insere em alguns contextos da reflexão acadêmica do século XX, promovendo influência e contribuição a um novo olhar sobre a relação entre conhecimento e subjetividade no campo científico. Especificamente nos estudos da linguagem, Merleau-Ponty (2003), que dá continuidade ao pensamento

---

<sup>71</sup> Suas principais obras sobre a fenomenologia datam de 1913 a 1936 que são: *Ideias para uma Fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica, Lógica formal e transcendental, Meditações cartesianas e a crise das ciências européias e Fenomenologia transcendental*.



husserliano, promove, de certa forma, a guinada linguística do forte estruturalismo das correntes lexicais na área semântica para a concepção de uma “fenomenologia da linguagem”. Isso quer dizer que a construção do sentido não é contida ou determinada pela estrutura (gramatical) que compõe a língua, mas pela relação que a língua, na esfera da ação, realiza algo no mundo. Assim, é imanente ao sentido todos os modos de ação, realização e vivência no mundo. Conforme a consideração desse teórico, “só conseguimos reduzir a filosofia a uma análise da linguagem se assumirmos que a linguagem contém sua evidência em si mesma” (MERLEAU-PONTY, 2003, p. 130). Nessa perspectiva, num primeiro momento, a linguagem jamais poderá ser tomada como um objeto passivo de conhecimento de qualquer área do saber, pois sua manifestação é anterior e funcional ao fenômeno de apresentação de todo saber. Já em um segundo, a evidência dada à linguagem, como capacidade de referenciar-se em si mesma, caracteriza o campo linguístico como campo fenomenológico de ação ou apreensão da subjetividade, ou seja, aquilo que se pode compreender do sujeito dar-se-á pela ação da própria linguagem no mundo.

A contribuição de Merleau-Ponty (2003) aos Estudos Linguísticos tem seus grandes reflexos, atualmente, na área da Semiótica, em que o aspecto fenomenológico da ação da linguagem, pelo signo, nas diversas representações sociais, é fortemente levado em consideração<sup>72</sup>.

Ainda sob esse segmento de compreendermos o rompimento ou inserção do subjetivo na esfera da linguagem em seu panorama estruturalista, a Psicanálise, relida e apresentada por Lacan (1998), reenvia tanto o conceito de inconsciente, próprio da Psicanálise, quanto de linguagem, área de saber da Linguística, a outra perspectiva completamente impensada pelo viés dessas teorias. O ponto máximo nessa articulação não se limita apenas à interlocução fomentada entre subjetividade e linguagem, mas de uma subjetividade outra que não se manifesta no arcabouço da consciência cognitiva ou intencional daquele que estrutura sua ação pela linguagem no mundo, e sim de um subjetivo que promove um “furo” na “estrutura” dessa ação da linguagem no mundo.

A ideia de um “furo” está correlata a outra lógica em que se sustenta a subjetividade

---

<sup>72</sup> De forma bem sucinta, o terreno da Semiótica se ocupa, atualmente, com estudos direcionados à cultura popular, “o tratamento semiótico das novelas de televisão e da música *pop*”. Os principais teóricos que fundamentam o campo do signo e sua relação de ação no mundo são: Pierce (1914), Jakobson (1963), Hjelmslev (1968), Eco (1965) e Greimas (1965). Ver mais: TRASK, Robert Lawrence. **Dicionário de linguagem e linguística**. São Paulo: Contexto, 2004.

daquela apresentada pela certeza do conhecimento e da verdade sobre algo de si mesmo e do mundo. Anterior ao pensamento de Lacan (1998), a lógica de um inconsciente é proveniente de Sigmund Freud e, de fato, o que promove Lacan como um pensador apreciado no panorama tanto da Psicanálise quanto das Ciências Humanas foi sua artimanha de conjugar dois campos repletos de tamanha incongruência: Psicanálise e Linguística.

Conforme já dissemos, a teoria do inconsciente e a topologia e funcionamento do aparelho psíquico podem ser, grosso modo, definidos como a representação de maior preocupação teórica de Freud. A inquietação levantada por Lacan, a partir da teoria freudiana, gira em torno de dois eixos: a concepção de sujeito ou de como retratar a subjetividade do inconsciente e qual o valor ou lugar atribuído pela teoria freudiana à linguagem na apresentação e trabalho desse inconsciente. Em seu texto *A interpretação dos sonhos* (1901)<sup>73</sup>, Freud remete de maneira indireta aos termos *condensação* e *deslocamento*<sup>74</sup>, como substratos da linguagem, no mecanismo de apreensão e funcionamento da pulsão originária do inconsciente. Contudo, não há nenhuma aproximação da teoria psicanalítica freudiana com as teorias linguísticas como, também, não há uma preocupação de localizá-las como fronteiras com o inconsciente, embora a linguagem seja apresentada como o instrumento, o *talking cure*<sup>75</sup>, na formação da clínica psicanalítica.

---

<sup>73</sup> As datas apresentadas dos textos de Freud, retiradas de sua coletânea, são referentes ao ano de produção e/ou apresentação do próprio contexto de vida de Freud. Isso nos permite orientarmos, a partir de seus escritos, o desenvolvimento ou raciocínio sob determinado conceito no cenário de sua produção teórica. Todas as citações dos textos de Freud são retiradas da **Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

<sup>74</sup> Jakobson (1954), a partir de seus estudos sobre a afasia, apresentado no texto *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia* de 1954, trabalha os conceitos de metáfora e metonímia como eixos fundamentais no processo de fala de um indivíduo e, desta forma, atesta que a afasia poderia ser pensada como um problema de metalinguagem. Assim, ele aponta para mecanismos no processo de comunicação que está pra além da estruturação formal da língua ou das variedades das funções da linguagem: função emotiva, referencial, poética, fática, metalinguística e conativa, teorizadas por ele. O que estaria no mais além é, justamente, a associação realizada entre *condensação* e *metonímia* e entre *deslocamento* e *metáfora*, dos quais se pode inferir que há uma justa organização no funcionamento da vida psíquica com a linguagem. Jakobson, nesse mesmo texto, menciona um artigo de Freud, de 1891, de título *On Aphasia*, publicado primeiramente na Alemanha e traduzido para o Inglês em 1953 por E. Stangel, do qual Freud, nas pesquisas neurológicas, correlaciona à degeneração da fala, usando de elementos da linguística que, nesse caso, tratava-se das substituições no campo do léxico. Embora não haja por parte de Freud, no campo psicanalítico, como já dito, nenhuma referência ou apontamento para tal questão, esse se torna o aspecto de maior investigação na psicanálise lacaniana. Lacan, na apresentação do texto *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde de Freud*, de 1957, faz referência ao texto de Jakobson acima mencionado, cita-o em nota de rodapé, a fim de ampliar e exemplificar o conceito e funcionamento da metáfora e metonímia na cadeia dos significantes, conforme demonstra essa passagem: *Onde se vê que a ligação do navio coma a vela não está em outro lugar senão no significante, e que é no de palavra em palavra dessa conexão que se apóia a metonímia*. (LACAN, 1995, p. 509).

<sup>75</sup> Rever a referência citada no capítulo 3 de título *O contrato é polifônico*.

A guinada do “inconsciente estruturado como uma linguagem” é uma elaboração do pensamento lacaniano e, sob esse aspecto, a imiscuição entre subjetividade e linguagem adquire aspectos de profundos sedimentos que inquietam tanto a Psicanálise quanto a Linguística a propenderem-se em suas pesquisas.

## ***5.2 Linguística e psicanálise: o sujeito em questão***

A proximidade entre Psicanálise e Linguística tem por princípio dois pontos de fundamento a partir do exercício da clínica psicanalítica: i) toda apreensão e compreensão de um estado de ser, do sujeito, ou dos seus sintomas só se tornam possíveis pela condução da linguagem; ii) a presença do outro, analista, como destinatário ou interlocutor dessa comunicação é imprescindível para a realização do que a Psicanálise denominou de tratamento psicanalítico. Portanto, o aparecimento e o movimento da Psicanálise em Freud promovem a ruptura de conceber o objeto de estudo dos fenômenos psíquicos e suas patologias dos mecanismos de compreensão puramente biológica, conforme o exercício e prática da psiquiatria, deslocando o objeto de estudo da área psíquica do campo biológico para o campo da linguagem. Essa reviravolta tanto provocou outro redirecionamento à compreensão da instância psíquica pela ciência biomédica quanto redimensionou as fronteiras da linguística para equacionar outro objeto participante de sua constituição, a subjetividade. Sobre as primeiras marcas de pensamento acerca da subjetividade na linguagem, no campo linguístico, redireciona-se para o primeiro capítulo, no item 2.3 *A noção de sujeito*, cuja exposição teórica reporta às ideias de Benveniste (1995) sobre o tema.

Contudo, o contexto de maior reflexão e interlocução sobre a subjetividade partilhada entre Linguagem e Psicanálise dar-se-á no ciclo da primeira formação da Análise do Discurso com Pêcheux (1988), na década de 60, na França. Em seu texto *Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês*, início de uma retificação da obra *Les vérités de la Palice* de 1975, Pêcheux adentra na noção de sujeito e a discute nos entremeios e recortes das teorias da Linguagem, da Psicanálise e da Ideologia de caráter marxista, buscando certa justaposição ao efeito de sujeito nas formações discursivas.

A questão central proposta nessa reflexão gira em torno de qual posição seria dada ao sujeito diante de campos teóricos tão determinantes como a ideologia marxista e o

inconsciente psicanalítico e qual “grau” de intencionalidade gozaria esse sujeito em sua liberdade de expressão.

Na tentativa de equacionar tal questão, Pêcheux (1988) fomenta o conceito de *forma-sujeito* como espaço dado à subjetividade na relação de embate entre as forças de formação ideológica e da formação do inconsciente. Se naquela, a interpelação do sujeito pela história e pelas forças das divisões de classes sociais não particulariza ou singulariza o sujeito, antes o assujeita a determinantes sociais; este, embora referencie o sujeito em sua particularidade, também não lhe dá um estatuto de unidade ou de representação independente de intencionalidade. Assim, a *forma-sujeito* apresentada por Pêcheux é montada a partir de duas concepções de sujeito: o *sujeito universal* e o *sujeito da enunciação*. O primeiro estaria sob o estatuto de uma noção de sujeito que, circunscrito à reprodução dos saberes ideológicos que determinam e alienam a subjetividade à forma-sujeito numa dada formação discursiva, dominam e identificam o sujeito a certo discurso. O segundo direciona para a possibilidade que a subjetividade tem de se diferenciar ou singularizar como sujeito de intencionalidade pelo processo ou movimento de *desidentificação*, isto é, o movimento possível de *transformação/deslocamento* do sujeito de um domínio de *forma-sujeito* de dada formação discursiva, tornando-o independente para associar-se a outras formações discursivas em outras *formas-sujeito*.

Nesse movimento de deslocamento, Pêcheux (1988) afirma e assegura a intencionalidade do sujeito, contrariando tanto a posição determinista da ideologia sobre o assujeitamento quanto o pressuposto psicanalítico sobre o nada saber do “eu” acerca do inconsciente, sobre sua causa de desejo. Pensa-se que, para tal argumento de intencionalidade do sujeito, Pêcheux ancorou-se no pensamento hegeliano<sup>76</sup> do sujeito que produz seu estado de consciência sobre um fazer consciente a partir de si mesmo. Desta forma, na tentativa de

---

<sup>76</sup> O tratado de Hegel, em sua filosofia sobre o sujeito, tem por princípio a relação que sujeito e objeto desempenham na construção do conhecimento. De forma bem sucinta, a construção do conhecimento diz respeito de forma bem direta à construção da consciência que o sujeito elabora em sua relação com o mundo. A particularidade da filosofia de Hegel sobre esse assunto está, justamente, na evidência dada à concomitância que existe na construção desse conhecimento em que tanto sujeito quanto objeto só se constituem numa relação de reciprocidade entre si, ou seja, o sujeito conhece e se conhece através do objeto e vice versa, sempre num tempo presente desse acontecimento. Esse pressuposto é tratado, dentre outras coisas, em sua obra *Fenomenologia do Espírito*, publicado em 1806 (obra de difícil leitura). A filosofia de Hegel exerceu grande influência na construção do pensamento científico do século XX, principalmente, na formação da psicologia e da linguística na Europa, levando-nos a identificar e sugerir no pensamento pechatiano a influência da filosofia hegeliana. Ver mais em: INWOOD, Michael. **Dicionário Hegel**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997, e HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do espírito**. Tradução Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 2005.

elaborar certa equidade à subjetividade nas teias das formações discursivas, Pêcheux encontra-se cada vez mais emaranhado pelas relevâncias das divergências que se impõem entre Psicanálise e Ideologia. Na procura de retificar no movimento de deslocamento da *forma-sujeito* que algo falha no plano da relação entre sujeito e ideológico e que sua causa é oriunda da relação entre o sujeito e o inconsciente, Pêcheux parece nos indicar que a incompleta e movediça relação entre ideologia e inconsciente se dá no plano do discurso, na linguagem, e que a subjetividade é a questão central e determinante à articulação entre essas duas ordens de saber:

a ordem do inconsciente não coincide com a ideologia, o recalque não se identifica nem com o assujeitamento nem com a repressão, mas isso não significa que a ideologia deva ser pensada sem referência ao registro inconsciente. (PÊCHEUX, 1975, p. 301).

### 5.2.1 De que sujeito

“O inconsciente é um conceito forjado na trilha do que opera para constituir o sujeito” (LACAN, 1995, p. 844). Este trecho, extraído do texto *Posição do inconsciente*, retoma o que Lacan denomina de subversão do sujeito, no qual sua preocupação maior orienta-se na retomada do conceito de inconsciente teorizado por Freud, em virtude das diversas distorções conceituais apresentadas naquele contexto. Mas, a maior subversão na apresentação do sujeito é a da inversão da ordem de “importância” dos conceitos na teoria freudiana. O inconsciente é forjado, apresentado hipoteticamente, pela demanda de ação e existência do sujeito e não o seu contrário. Assim, Lacan aponta para a supremacia que a noção de sujeito e/ou subjetividade tem em relação aos demais conceitos como, também, a posição que ocupa de orientar e favorecer a apresentação de outros conhecimentos.

Mas, objetivamente, do que se trata a noção de sujeito na visão da Psicanálise lacaniana? Começemos por sua negação.

O sujeito na teoria lacaniana não é o indivíduo social nem os valores socioculturais a ele (indivíduo) atribuídos. O sujeito psicanalítico não é os pensamentos nem sentimentos de uma pessoa nem tampouco seu registro histórico pessoal ou familiar. O sujeito psicanalítico não é aquilo que o indivíduo diz de si mesmo ou aquilo que dele é falado por outros. O sujeito

da Psicanálise não é contido pela ordem da consciência, daí sua total distância do sujeito da Psicologia e da Filosofia, como, também, não se associa ao sujeito do conhecimento, pois ele, o sujeito, não possui nem promove a verdade, elemento indispensável ao sujeito da ciência. Nesse sentido, a lógica de apresentação do sujeito psicanalítico dar-se-á pela constituição do aparato do inconsciente, do não sabido, do não falado, pois *Wo Es war, soll Ich Werden* (“onde o isso estava, eu deve advir”)<sup>77</sup>.

Há uma série de pertinências e reflexões teóricas sobre a topologia psíquica que perpassa a relação entre o *isso* e o *eu*. Mas, o que, inicialmente, gostaríamos de ressaltar é que o advento da instância do *eu*, ser portador de um *ego*, tal como expressa Benveniste: *é ego quem se diz ego*, só se torna possível a partir da existência da instância do *isso*, do inconsciente. O inconsciente é a morada da subjetividade, e toda forma de apresentação ou manifestação dessa subjetividade é correlata à lógica do funcionamento do inconsciente. Nesse sentido, o inconsciente é anterior à formação do *eu*, ou dessa imagem de *eu* que adquirimos. Mas como se origina o inconsciente? Esse é o grande legado do pensamento freudiano que o levou a teorizar a primeira tópica do aparelho psíquico no ano de 1896, a dissociação de um estado de consciência de outro estado não consciente, denominando-a de: *consciente*, *pré-consciente* e *inconsciente*. Anos mais tarde, entre 1920 e 1923, Freud reformula sua concepção topológica sobre o aparelho psíquico, reformando a ideia do inconsciente, agora não mais como algo substantivado, mas como algo que adjetiva ou que é possível de qualificar as três instâncias do aparato psíquico, denominadas de segunda tópica: *isso*, *eu* e *supereu*. Isso se trata, é claro, da origem teórica e metodológica do pensamento freudiano. A ideia de uma origem num segmento pessoal, ou na história de um sujeito, o nascimento do inconsciente é baseado na teoria do recalque, na teoria do Complexo de Édipo e na teoria da sexualidade infantil, compreendido nos primeiros instantes de vida relacional que uma criança tem com os pais.

Passando brevemente pelos conceitos freudianos, o que nos interessa de forma mais próxima é a concepção de inconsciente teorizada por Lacan, apoiada em sua teoria do

---

<sup>77</sup> Esta frase lançada por Freud em 1932 e publicada em 1933 em sua conferência XXXI, que tem por título a dissecação da personalidade psíquica, já estava na elaboração do pensamento freudiano desde 1923 em seu texto *O eu e o isso*. Sugere-se que tenha sido essa a posição mais veemente dada por Freud sobre a relação entre sujeito e inconsciente que tenha sugerido a Lacan sua elaboração da noção de sujeito na Psicanálise.

*Significante*<sup>78</sup>, apresentada em sua conferência sobre o *Simbólico*, o *Imaginário* e o *Real* em 1953 e em seu texto *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*.

“O inconsciente é o discurso do Outro” (FINK, 1998, p. 82). Essa afirmação marca de maneira bem objetiva a origem e o conceito do inconsciente no pensamento lacaniano. O Outro de “o” maiúsculo não se refere ao outro existencial das relações pessoais ou do *Imaginário* que fazemos dessas relações, mas se trata de um Outro transmitido pela força pulsional do inconsciente que configura o “fluxo” de desejo que abre, orienta e mantém a relação de amor entre pais e bebê. Trata-se do Outro do próprio sujeito que lhe escapa - recalca - em virtude de sua cisão pelo significante paterno. As expressões aqui utilizadas, como amor e desejo, não estão configuradas no patamar da consciência ou circunscritas pelo dizer de um indivíduo, mas se referem a um elemento de representação *Simbólica* que marca a cadeia de representações pulsionais que conduz o sujeito a ser e a ter desejos no mundo, conforme afirma Fink:

Se, então, a alienação consiste na causação do sujeito pelo desejo do Outro que precedeu seu nascimento, por algum desejo que não partiu do sujeito, a separação consiste na tentativa por parte do sujeito alienado de lidar com esse desejo do Outro na maneira como ele se manifesta no mundo do sujeito. (FINK, 1998, p. 73).

A ideia mais correlata da origem do inconsciente em Lacan refere-se notadamente à configuração de um furo ou ausência completa de algo numa estrutura, ou melhor dizendo, de uma estrutura que só se origina e se estabelece a partir de uma ausência ou da perda completa de algo.

---

<sup>78</sup> O termo *significante* é originário da releitura que Lacan fez acerca do signo linguístico, a partir do *Curso Geral de Linguística*, o CGL, proferido por Saussure e organizado por seus alunos em 1922. Em seu texto, *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde de Freud*, de 1957, Lacan de fato apresenta, de maneira bem clara, o argumento teórico de sua afirmação sobre “o inconsciente estruturado como uma linguagem”. Ele parte precisamente da configuração do signo saussuriano, o significado sob o significante, Sgdo/Sgnte, inverte suas relações, agora Sgte/ Sgdo, e reformula suas configurações de funcionalidade no signo linguístico.

O *significante* é de ordem simbólica, inconsciente, isto é, não é acessível à consciência do falante ou ao momento em que se fala. O *significado* é da ordem da consciência, do dizer alienado da formação imaginária do *eu* nas relações pessoais e sociais. O *significante* na ordem simbólica está representado em forma de cadeia e em uma posição linear. Os *significantes* não se misturam nem representam nada em si mesmos. Seus movimentos são de relação especular entre si para representar, num jogo dialético, o próprio sujeito. Assim, um *significante* representa o sujeito para um outro *significante*. Tal representação é, incontestavelmente, manifesta no campo da linguagem, na ordem da palavra. Desta forma, o sujeito não institui a linguagem nem esta é efeito do sujeito, mas o contrário é verdadeiro. O sujeito é constituído pela linguagem e sua manifestação dar-se-á pelo efeito de sua produção na linguagem.

Ver mais em: SOUSA, João Marcos Cardoso de. **Do sujeito que se diz ou sujeito não dito no ato comunicacional**: uma noção de sujeito na linguagem. 2005. 245 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte.

Nesse paradoxo de uma ausência que origina uma estrutura ou de uma estrutura que se estabelece pelo determinante da lógica do nada, pode-se dizer que o “outro” é pura “ilusão”, efeito de criação, e por não existir a realidade de um outro é que o sujeito jamais poderá se constituir e se representar plenamente. Daí o lugar do sujeito como um efeito ou representação na linguagem, pois não há um “outro” como elemento materializado que o sujeito venha a perder, trata-se de seu próprio “outro”, o Outro estritamente vivenciado como desejo pelo sujeito que, ao perdê-lo, abri-lhe a possibilidade da subjetivação. Essa subjetivação se organiza nas inúmeras representações no campo simbólico que se estrutura como cadeia de significantes e que, sob essa condição, pode representar o sujeito em sua enunciação.

A partir do pensamento lacaniano sobre a origem do *inconsciente estruturado como uma linguagem*, podemos compreender as distinções e funções dos três componentes ou instâncias na formação de sua tópica psíquica como estrutura da subjetividade: o *Real*, o *Simbólico* e o *Imaginário*.

### 5.2.2 Do sujeito no *eu* imaginário

A designação dos três termos em Lacan passa por certas reelaborações ao longo do tempo, desde a primeira apresentação em 1953. A primeira instância a ser teorizada foi o conceito de imaginário que, na apresentação do texto *Os complexos familiares* de 1938, ainda estava associado à *imago* ou ao conjunto de representações do inconsciente. No texto *O espelho como formador da função do eu*, de 1949, Lacan apresenta o estado de passagem do *imago* especular para um imaginário de um *eu* construído a partir do corpo biológico e articulado funcionalmente nas relações sociais. Então, em 1953 são apresentadas as três instâncias e seu entrelaçamento como organização tópica para manifestação e apreensão da subjetividade. É assim que o *Imaginário* torna-se uma compreensão mais clara da precipitação de uma imagem que o *eu* faz por sua insuficiência e inadequação de representar a “realidade” subjetiva. Dito de outra forma, o *eu* da instância do imaginário, denominado de *moi*, precipita-se por sua insuficiência em suportar e representar o desejo do Outro em uma imagem de sua subjetividade. Então, antecipa-se na criação de uma imagem objetiva de um *eu*, pessoal e social, a fim de seduzir o outro nas relações sociais construídas como forma de equacionar a demanda (desejo) insistente advinda do simbólico. Vejamos o excerto:



Basta compreender o estágio do espelho como uma identificação, no sentido pleno que a análise atribuiu a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem [...] Esse momento em que se conclui o estágio do espelho inaugura, pela identificação com a *imago* do semelhante e pelo drama do ciúme primordial [...] a dialética que desde então liga o [eu] a situações socialmente elaboradas. (LACAN, 1998, p. 101).

Assim podemos compreender a posição e o funcionamento desse *eu* alienado no discurso. Um *eu* que se antecipa em uma imagem pessoal e social para, na busca da imagem do outro, emitir certa mensagem sempre de convencimento sobre algo do mundo ou de si mesmo a fim de afirmar e validar sua própria imagem, que será sempre deslocada e ameaçada por uma não verdade de si mesma. Nesse sentido não devemos compreender esse *eu* (*moi*) como a representação do sujeito psicanalítico lacaniano. O sujeito do imaginário é antecipado e alienado do significante que o rege e nada pode dizer de sua subjetivação ou de sua questão.

Ele se vê em **a**, e é por isso que ele tem um eu (Moi). Ele pode acreditar que este eu é ele, todo o mundo se vê assim e não há maneira de sair disso. [e, em outra parte] A única função homogênea da consciência reside na captura imaginária do eu (Moi) por seu reflexo especular e na função de desconhecimento que permanece ligada a ela (LACAN, 1998a, p. 832).

A letra **a** em minúscula representa a imagem do outro nas relações familiares e sociais. Um outro tão alienado e cego no discurso conforme teorizado por Lacan sobre o *eu* especular ou o *eu moi*. Tal tentativa insistente e persistente da captura dessa imagem pelo jogo especular entre os sujeitos imaginários só tem por função manter o estado de completo desconhecimento e alienação que a instância do imaginário se constituiu.

### 5.2.3 A representação significativa do sujeito no simbólico

A supremacia do Simbólico sobre o Imaginário e o Real foi uma afirmação de Lacan por muito tempo ao organizar e articular as funções entre as três instâncias. A função simbólica desempenha, em grande parte, aquilo que poderia ser compreendido como o inconsciente ou seu mecanismo de funcionamento. De fato, o inconsciente não se restringe ao simbólico, mas por ele pode ser representado. O que concerne à instância do simbólico são as representações recalçadas na formação ou constituição histórica do indivíduo, incapazes de serem vivenciadas nas relações do mundo imaginário do sujeito.

São estas representações que, ordenadas em cadeia de significantes, a “letra” do inconsciente, moveria a subjetividade para se representar na cadeia discursiva. Assim, esse sujeito que se movimenta no simbólico, representado entre significantes, é que compõe a ideia central do sujeito psicanalítico lacaniano, o sujeito da enunciação.

Nossa definição do significante (não existe outra) é: um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante. Esse significante, portanto, será aquele para o qual todos os outros significantes representam o sujeito: ou seja, na falta desse significante, todos os demais não representariam nada. (LACAN, 1998b, p. 833).

Num curso de pensamento linear, podemos sugerir que a abertura da instância do Simbólico é anterior ou primeira em relação à instância do Imaginário. Isso se dá em função da ideia da própria abertura do simbólico advir do primeiro significante, S1, da relação materna do indivíduo. Mas, sua organização e funcionamento se concretizam a partir do advento do significante paterno fazer um marco de cisão naquilo que não tinha contorno ou linguagem para sua nomeação, a completude do sujeito na ordem de gozo e desejo no e pelo objeto mãe. O segundo significante, o S2, adentra como função de ruptura para promover a separação de uma completude fagocitária na relação mãe/bebê que, ao realizar o furo dessa completude, lança o acontecimento da estrutura para que o advento do sujeito se realize na dialética de representação entre os dois significantes.

Caso isso não ocorra, isto é, a cisão provocada pelo S2, não haverá o advento do sujeito, o que Lacan denomina esse não acontecimento de foraclusão<sup>79</sup>, ou seja, a não condição de se representar o sujeito e, conseqüentemente, do indivíduo não entrar no campo da linguagem. Conforme diz Lacan:

---

<sup>79</sup> Esse é um termo empregado por Lacan na última sessão de seu seminário sobre as psicoses em 1956, em que faz menção ao quadro de paranóia do jurista Daniel Paul Schreber, em sua releitura de Freud. O termo leva em conta o aspecto da teoria da negação na estruturação da vida psíquica de um sujeito. A ideia ou conceito de negação advindo de Freud aporta o estado de negação que um sujeito pode fazer em seu campo de percepção de um fato, objeto ou ocorrência após um episódio de hipnose. Mais tarde, após uma nova classificação das neuroses, psicoses e perversões, Freud retoma o termo num novo âmbito de sua teoria da castração. A denegação é, então, a ação ou mecanismo do sujeito de reconhecer o recalcado pela negação em seu discurso sobre esse algo, sem, no entanto, ser aceito pelo próprio sujeito. O termo, também, foi estudado no aspecto mais linguístico por Damourette e Pichon em sua obra intitulada de *Des mots à pensée: essai de grammaire de la langue française*. Nesse estudo foram enfocados dois aspectos da negação que é efetuada na língua francesa. A primeira, diz respeito ao estado em que se encontra o sujeito ao expressar precaução, impedimento e temores através de verbos e utilizando a forma *ne pas, ne rien, ne jamais*. A segunda, seriam fatos que o sujeito negaria como se aquilo ou algo não fizesse parte da realidade, utilizando dos termos *rien, jamais, personne, guère, aucun*, expressando o estado de foraclusão de algo.

A partir desse contexto, o termo foraclusão na teoria psicanalítica lacaniana toma o sentido de que algo é excluído do campo do Simbólico. Esse algo é a metáfora ou significante do nome-do-pai, noção chave para o entendimento da teoria da psicose. Ora o termo pode aparecer como foraclusão, ora como forclusão, o que não há nenhuma implicação semântica.

O que essa estrutura da cadeia significante revela é a possibilidade que eu tenho, justamente na medida em que sua língua me é comum com outros sujeitos, isto é, em que essa língua existe, de me servir dela para expressar algo completamente diferente do que ela diz. Função mais digna de ser enfatizada na fala que há de disfarçar o pensamento (quase sempre indefinível) do sujeito: a saber, a de indicar o lugar desse sujeito na busca da verdade. (LACAN, 1998a, p. 508).

O campo do Simbólico é o espaço da subjetivação, espaço no qual o sujeito irá formular sua questão existencial. Ali o sujeito é fragmentado, apenas representado através de um significante para outro significante numa cadeia de pura linguagem. Assim, a saga lançada ao sujeito é, a partir de sua fragmentação, procurar por sua verdade existencial.

O sujeito, que fala a partir do campo simbólico, fala por meio da fragmentação e cerceamento de sua incompletude de representação. Enquanto o sujeito no Imaginário fala sempre a partir de uma imagem completa de si mesmo (completude ilusória), o sujeito do Simbólico fala por meio do esfacelamento de uma totalidade. O sujeito do Simbólico, então, é pulsionado a falar pela busca de sua própria verdade, de uma verdade perdida e aprisionada pelo Outro de seu primevo existencial.

Desta forma o dizer em qualquer cadeia discursiva é sempre alienado pelo sujeito do campo Imaginário, ou seja, o sujeito que busca uma imagem discursiva para afirmar ou convencer o outro de uma verdade sobre algo que ele pensa no mundo. Trata-se do sujeito alienado, cego e despossuído de significantes em seu discurso. O sujeito do Simbólico que propõe uma questão de sua subjetivação em qualquer discurso, o faz pela via da escansão, da fragmentação de algo a dizer na cadeia linear do dizer do sujeito do Imaginário. Daí as representações dos lapsos na linguagem, dos chistes e atos falhos no discurso de alguém. O sujeito do Simbólico irrompe e ameaça constantemente a imagem de completude e certeza do sujeito do imaginário. A dialética entre o Imaginário e o Simbólico representa justamente a cisão do sujeito em sua origem e a perda completa de poder se representar totalitário dentro da linguagem, o que nos sugere pensar que o jogo da linguagem é o jogo dos sujeitos numa efervescência de busca, apresentação e aquisição da verdade que lhes escapou. Lacan aponta para esse sentido ao falar da alienação do sujeito do Imaginário ao buscar a afirmação e sustento, através da imagem do outro, de sua imagem discursiva por ele representada na teia de seu discurso. Assim, o sujeito imaginário torna-se completamente alheio ao dizer do sujeito do Simbólico, cujo dizer representa o verdadeiro discurso. Vejamos:

Quando o sujeito fala com seus semelhantes, ele fala na linguagem comum que toma os eu(s) (Moi) imaginários por coisas não simplesmente ex-sistentes, mas reais. Não podendo saber o que está no campo onde o diálogo concreto se passa, ele trata com

um certo número de personagens, a, a'. Na medida em que os coloca em relação com suas próprias imagens, estes a quem o sujeito fala são também estes aos quais ele se identifica. (LACAN, 1998, p. 285).

Vale ressaltar que a identificação não é produção de sentido, mas repetição dos sentidos cristalizados na memória social. O discurso promovido pelo sujeito na esfera do Imaginário é extensivamente tomado pela identificação de imagens entre sujeitos. Trata-se, portanto, da cristalização dos diversos sentidos postos em imagens na esfera social como ofertas de subjetividades para identificação dos sujeitos para sua pura alienação. O sujeito, que subjetiva sua questão na esfera do Simbólico, fala pela condição singular e inequívoca de sua formulação a partir de uma construção de sentido que o estiliza em seu dizer. O sujeito, que promove sua questão pela subjetivação de seu desejo no campo do Simbólico, constrói e promove sentidos outros que o faz percurso e efeito de criação de estilo e sentidos na linguagem. Mas de onde advém a questão do sujeito?

#### **5.2.4 A causa do sujeito no Real**

A causação da questão do sujeito origina-se pela instância do Real e é sediada por ela. Na formulação lacaniana das três instâncias, o Real não gozava inicialmente de grande representação teórica, daí a supremacia do Simbólico em detrimento às demais instâncias. Mas, logo o Real é redirecionado por Lacan a um patamar de maior função e organização na construção da tópica psíquica do sujeito.

Então é a partir da releitura do caso clínico de Schreber por Lacan e, concomitantemente, de sua concepção de uma psicose centrada no estágio da paranóia, que advém os conceitos de *foraclusão* e *nome-do-pai*. Aquele indica o estado de não inclusão do significante no campo do Simbólico, implicando a impossibilidade do sujeito de adentrar na linguagem e, conseqüentemente, forjar-se na estrutura da psicose. Este é o significante primordial que cinde o sujeito no Simbólico. Os significantes, tanto S1 quanto S2, são originados pela instância do Real, de lá vem o que causaria o sujeito. A ideia que se pode representar é que na cisão provocada pelo S2, o nome-do-pai, naquilo que ainda não se distingue entre Real e Simbólico, contrasta-se ou ressalta-se o que seria o S1, o desejo completo da função materna. Portanto, no ato ou acontecimento dessa cisão, ao mesmo tempo

em que se cria o jogo dialético dos primeiros significantes para representar o sujeito, são evidenciadas ou regularizadas as instâncias do Real, Simbólico e Imaginário. O S2 não estaria completamente dentro do campo do Real e sua função de cisão dar-se-á, justamente, em sua inserção no campo Simbólico ou na abertura desse campo. Caso algo impeça essa incursão do significante S2 no Simbólico, não haverá a retirada ou subjetivação dos conteúdos do campo do Real. Assim ser o sujeito forcluído do Simbólico e denominado de psicótico.

A instância do Real, pois, foi designada como o lugar da loucura, lugar de onde nada se pode falar ou de nada poder simbolizar, não podendo ser representada pela linguagem. Se algo de lá (Real) se expressar, será na forma de delírios e alucinações dos quais não representa nenhum sujeito e que jamais poderá ser controlado, elaborado e posto como sentido no mundo. Mas nem tudo que habita o campo do Real poderá ou deverá ser simbolizado na dialética dos significantes. Então algo resta no campo do Real que mantém sua função entre as demais instâncias. Esse resto é denominado por Lacan como *objeto a*. Os objetos, que restam no campo do Real e que não são simbolizáveis, funcionam como causação de desejo no sujeito do Simbólico, mas que não se submetem ou jamais podem ser representados como algo do e para o sujeito.

Nesse sentido a formação do Outro de “o” maiúsculo habitará sempre no campo do Simbólico, de onde insistentemente o sujeito demandará, em forma de desejo, a esse grande Outro, algo do saber sobre si mesmo ou de sua origem. Apenas esse Outro pode lhe revelar algo que deslocou ou ficou no campo do Real. Esse é o jogo inacabável na linguagem, pois esse Outro não detém nem pode dizer tudo sobre e para o sujeito, pois algo resta no Real que nunca poderá ser dito. Assim, o retorno do Outro ao Real ou as investidas do simbólico no Real, para que de lá algo a mais seja retirado do saber sobre o sujeito, torna-se a fonte de sustento ou a organização da causa de desejo que movimenta e dimensiona a subjetividade nas três instâncias da tópica psíquica e, concomitantemente, de sua espacialização na linguagem.

### **5.3 A subjetivação no quadro comunicacional da semiolinguística**

A espacialização e dinâmica da tópica psíquica entre Real, Simbólico e Imaginário remetem-nos a pensar a subjetividade como algo fracionado e cuja manifestação é articulada pelo funcionamento entre três campos distintos. O que de fato é relevante, na teoria lacaniana,

não é o funcionamento ou a teoria do inconsciente para a designação da subjetividade, mas a abrangência, o mais claro possível, do dinamismo do sujeito para compreensão do que é o inconsciente. Nesse sentido, quando Lacan (1998) afirma que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, vale ressaltar que a estrutura dessa linguagem é correlata e própria à formação da subjetividade.

Esse nos parece um ponto de fácil entendimento, mas que, ao mesmo tempo, torna-se um ponto cego na teoria psicanalítica lacaniana e de difícil reconhecimento do que se trata o estreito liame entre linguagem e subjetividade e a preservação de suas particularidades. Assim, podemos perguntar se a formação da estrutura da linguagem é a mesma da subjetividade, ou seu inverso, e que causalidade existe entre esses dois campos conceituais. A esse respeito, em nossa pesquisa de mestrado, reportamos com mais afinco à construção da teoria lacaniana acerca da dialética do sujeito no campo da linguagem, cujo pensamento é marcado pela releitura que Lacan faz da teoria do signo linguístico de Saussure (1922), conforme já mencionamos anteriormente. Contudo, a construção teórica apresentada por Lacan atende especificamente à ideia sobre a subjetividade no campo psicanalítico e não ao campo da linguagem, promovendo entre essas duas áreas um vasto e contraditório panorama de interfaces e disjunções.

Portanto, faz parte dessa pesquisa indagar acerca da representação que a subjetividade tem ou exerce no campo linguístico, mais precisamente, no ato de linguagem. A esse respeito foi dedicado o primeiro capítulo da tese em que se faz referência ao quadro do ato comunicacional proposto pela Semiologia de Charaudeau (1983). Entretanto, neste capítulo, trataremos de uma possível articulação entre a subjetividade representada na tópica psíquica do *Real*, *Simbólico* e *Imaginário* com os sujeitos do quadro comunicacional da Semiologia.

### **5.3.1 Charaudeau, leitor de Lacan?**

Ao longo da apresentação da noção de subjetividade na teoria lacaniana, percebe-se que a exposição do sujeito se fragmenta num jogo de propulsão, representação e manifestação/alienação daquilo que se apreende como subjetividade do humano. Embora a manifestação no campo do imaginário não represente a subjetivação da questão do sujeito,

mas sua alienação numa imagem de completude que obscurece ou promove um não saber sobre sua questão de desejo, não se pode eximir totalmente os reflexos da subjetividade nesse campo. O imaginário, como um campo de consciência objetiva e sede de todas as representações ideológico-sociais, não representa o sujeito em sua subjetivação, mas é o único palco ou espaço onde a manifestação da subjetividade, pela via da transgressão, acontece. Essa é a única maneira possível permitida ao sujeito de se manifestar nas teias da comunicação alienante do campo do imaginário, a subversão como efeito de “furo” naquilo que amarra e sustenta as teias da comunicação: o contrato comunicacional.

Conforme já dissemos no capítulo 1, a força do contrato é precisamente regida pela relação interpessoal que se estabelece entre os parceiros do contrato de linguagem. Tal relação não é determinada por um jogo simétrico de indivíduos reais no mundo, X se relacionando diretamente com Y. Mas se trata de um jogo especular de imagens em que Y pode representar ou espelhar algo de X, o que faz X demandar ou construir uma imagem de Y para certa comunicação, no intuito de somente compreender ou apreender algo de si mesmo. Podemos, então, até pensar que grande parte do que determina a comunicação pode ser dirigida pela alienação dos jogos de imagens dentro do discurso, deixando pouca margem para a representação do simbólico. Contudo, podemos formalizar a questão de como a teoria Semiolinguística abarca a complexidade da manifestação dessa subjetividade fragmentada entre *Imaginário*, *Simbólico* e *Real* e como ela organiza a atuação do sujeito no ato comunicacional. Vejamos o que diz Charaudeau:

A fabricação de uma imagem do real como lugar de uma verdade exterior ao sujeito e que teria força de lei; a fabricação de uma imagem de ficção como lugar de identificação do sujeito a outro de si mesmo, essa imagem constitui um lugar de projeção do imaginário do sujeito. (CHARAUDEAU, 1997, p. 51-52).

O primeiro aspecto apresentado por Charaudeau (1997), para sustentar o ato de linguagem, passa, necessariamente, por uma força de lei que rege o contrato entre dois parceiros na comunicação. Tal contrato não se estabelece, primeiramente, numa realidade de alteridade entre indivíduos, mas dar-se-á num jogo especular de imagens que o sujeito comunicante (Euc) promove a partir do seu próprio imaginário. Acreditamos que o sujeito comunicante (Euc) não projeta inicialmente um sujeito enunciador (Eue) para se dirigir ao sujeito destinatário (Tud), mas projeta, impescindivelmente, o sujeito destinatário (Tud) para que este espelhe ou delimite que sujeito enunciador (Eue) ele poderá encenar. Assim, podemos compreender o estado de alienação que formula Lacan em sua teoria do *eu*

imaginário. Em seu texto *A agressividade em psicanálise*, Lacan (1948) demonstra esse estado alienante na comunicação em que o sujeito, no seu jogo imaginário, fixa ou procura a imagem do outro para se referenciar em uma imagem de si mesmo a fim de sustentar certa posição num discurso.

A criança que bate diz que bateram nela, a que vê cair, chora. Do mesmo modo, é numa identificação com o outro que ela vive toda a gama das reações de impotência e ostentação, cuja ambivalência estrutural suas condutas revelam com evidência, escravo identificado com o déspota, ator com o espectador, seduzido com o sedutor. (LACAN, 1948, p. 116).

O segundo aspecto apresentado por Charaudeau (1997) é a distinção, no processo de comunicação, de dois fenômenos de diferentes atuações que compõem o ato de linguagem, a circunstância ou ato do comunicante em relação ao ato do interpretante. Trata-se de dois atos distintos que num acontecimento simultâneo caracterizam o efeito da comunicação. Desta forma, os fenômenos ocorrem num jogo de imaginários entre as duas instâncias, em que os papéis ou imagens se coadunam para realização de dada significação.

Na Semiolinguística, o efeito da significação no processo de comunicação não se reduz à cristalização dos sentidos na esfera social. Compreendemos que é por isso que Charaudeau (1997) expõe a relação que se estabelece entre os movimentos da dupla dimensão do implícito e explícito no jogo da linguagem, conforme citado em capítulos anteriores. Mas, o que de fato promove uma gradação no efeito ou construção do sentido partilha de aspectos para além da esfera imaginária do sujeito, pois:

[...] se o sujeito comunicante é senhor de sua encenação discursiva, em contra partida, ele não é totalmente senhor dos efeitos produzidos sobre o sujeito interpretante (ele só é totalmente senhor do destinatário) nem totalmente senhor de seu próprio inconsciente que pode transparecer - o qual pode produzir os efeitos não previstos, *nem totalmente conscientes do contexto sócio-histórico do qual ele depende* e que, entretanto, aparecem dentro do seu ato de produção (CHARAUDEAU, 1984, p. 51, grifo nosso).

Inicialmente, podemos perceber o processo de descentralização que Charaudeau promove na ideia de um sujeito completo e suficiente para o ato comunicacional. Além de desarticular o domínio de saber do sujeito comunicante em relação ao sujeito interpretante, como já mencionado acima, o autor descentra ou cinde a própria consciência do sujeito comunicante em um não saber sobre si mesmo e um não domínio das situações de comunicação que circunscrevem dado ato de linguagem. Embora não haja por parte de Charaudeau uma referência explícita ou psicanalítica sobre o que se trata o termo



inconsciente, sua designação de que algo ou alguma coisa que *pode produzir efeitos não previstos* nos redireciona de maneira bem larga ao conceito de *atos falhos* ou da erupção de um significante do campo Simbólico no discurso produzido na esfera do sujeito idealizado do campo Imaginário. A teoria Semiolinguística abraça a premissa de que a formação do sentido extrapola a esfera cognitiva e consciente dos actantes no ato de linguagem bem como dos determinantes situacionais ou materiais que compõem o ato. Isto é, a abertura ou transição dada ao eixo simbólico na construção da comunicação também direciona e participa da formação do sentido na linguagem. Em nossa pesquisa, acreditamos que grande parte do sentido se constitui ou se constrói pela malha da pulsão de significantes advindos do simbólico de onde algo ou alguém fala como espécime de jogo para manifestação verossímil daquilo que pode representar o sujeito e, conseqüentemente, o sentido. Assim:

[...] esse jogo é jogado, até que a partida seja suspensa, em seu inexorável requinte, ali onde não estou, porque ali não me posso situar.

Isto é, poucas foram as palavras com que, por um momento, desconcentrei meus ouvintes: penso onde não sou, logo sou onde não penso. Palavras que, para qualquer ouvido atento, deixam claro com que ambigüidade de jogo-de-anel escapa de nossas garras o anel do sentido no fio verbal.

O que cumpre dizer é: eu não sou lá onde sou joguete de meu pensamento; penso naquilo que sou lá onde não penso pensar. (LACAN, 1998a, p. 521).

O que teria ou daria força de impulsão aos significantes para irromperem na cadeia discursiva dos sujeitos imaginários são as representações de desejos que germinam ou são causadas na e pela instância do *Real*, fonte inesgotável de formulação de representação e de insistência que pulsa sujeito e sentido na busca de sua verdade na linguagem. “É a verdade do que esse desejo foi em sua história que o sujeito grita através de seu sintoma, como disse Cristo que teriam feito as pedras, se os filhos de Israel não lhes houvessem emprestado sua voz” (LACAN, 1998a, p. 522).

No fenômeno do ato de linguagem, esse efeito pela busca da verdade pode ser percebido pelo *jogo estratégico*<sup>80</sup> montado pelo sujeito comunicante ao iniciar ou propor um ato de comunicação com seu parceiro. Charaudeau (1983) sugere termos como *convicção/certeza* e *sedução* para descrever o estado ou efeito em que se encontra o sujeito comunicante no processo de construção do sujeito enunciador para que uma interlocução tenha sucesso. Esse estado é próprio e oriundo do sujeito comunicante por ser amplamente

---

<sup>80</sup> Ver capítulo 1 sobre a Teoria Semiolinguística, tópico 2.3, A noção de sujeito.

aberto e sem controle prévio de nenhum fator que compõe o ato de linguagem, inclusive e principalmente, do saber sobre sua própria natureza de sujeito.

Embora na teorização de Charaudeau (1983) o sujeito comunicante seja articulado e conceituado como um sujeito de carne e osso, ou seja, um ser humano real que respira no mundo, revestido de todo um papel social, econômico e cultural, cabe ressaltar, também, as marcas que são dadas ao sujeito comunicante como aquele que é desconhecedor de sua realidade existencial e inadequado para representar sua totalidade de ser. Dito de outra forma, o sujeito comunicante é o operador ou o capaz de operar a cena da enunciação para montagem do ato de linguagem, ou seja, é o sujeito aberto à cadeia de significantes do campo do *Simbólico* que recebe os sinais ou expressões do seu desejo inconsciente naquilo que o representa mais próximo de sua verdade como sujeito. Contudo, sua única possibilidade de manifestação/expressão dar-se-á pela montagem de uma imagem discursiva de si mesmo, o sujeito enunciador, como aquele capaz de seduzir ou persuadir o outro, sujeito interpretante, a fim de receber desse outro certa certificação ou validação de uma verdade (sentido) daquilo que ele diz. Mas, de uma verdade que, uma vez posta em imagens discursivas, perde-se ou nada consegue representar por ser obnubilada pela alienação ou precipitação do campo Imaginário. Nesse sentido,

Lacan pode dizer que - na comunicação humana - é o receptor que envia a mensagem a quem depois a emitirá. Envia-a porque decide fundamentalmente sobre seu sentido. Falar ao outro não implica, de modo algum, saber o que se diz. Somente o Outro é que pode ensiná-lo a nós, e por isso falamos uns aos outros. Nem sempre para nos comunicarmos informações essenciais, mas para apreender do Outro quem somos. (MILLER, 1987, p. 30).

Conforme já dissemos, concordamos que, no jogo de montagem dos sujeitos no espaço do dizer, é o sujeito destinatário que envia as configurações que montarão a imagem do sujeito enunciador, imagem discursiva do sujeito comunicador; pois este, por ser incapaz de representar a si mesmo em sua verdade, aliena-se na imagem que o outro lhe oferta como verdadeira ou repleta de sentido no discurso.

Mas é nesse jogo de dupla face, em que os campos *Simbólico* e *Imaginário* se movimentam para a formação discursiva, que a dialética do sujeito se configura como campo de embate que se representa como o conflito na e pela própria palavra.

Assim, propomos pensar que o jogo estratégico no ato de linguagem teorizado por Charaudeau toma uma dimensão bem mais ampla na montagem do ato comunicacional, pois

nesse se define um jogo de conflitos expresso na linguagem pela impossibilidade total de representação da subjetividade composta entre os campos de formação do sujeito, mas que possibilita o curso de linguagem e subjetividade pelo viés de um contrato entre parceiros na comunicação construído através de um jogo de convencimento entre imagens no discurso. Ainda mais a esse respeito, podemos compreender que,

La notion de *stratégie*, elle, repose sur l'hypothèse que le sujet communicant (Jec) conçoit, organise et met en scène ses intentions de façon à produire certains *effets* -de conviction ou séduction - consciemment ou non - au sujet destinataire idéal (Tud) construit par Jec. Pour ce faire, le Jec pourra utiliser des contrats de reconnaissance, tels que nous venons de les définir, mais il pourra avoir recours à d'autre dont on se contentera ici de dire qu'ils oscillent entre deux pôles:

- i) La fabrication d'une image de réel comme lieu d'une vérité extérieure au sujet et qui aurait force de loi;
- ii) La fabrication d'une image de fiction comme lieu d'identification du sujet à une autre lui-même, cette image constituant un lieu de projection de l'imaginaire de ce sujet. (CHARAUDEAU, 1983, p. 50)<sup>81</sup>.

Desse modo, o jogo estratégico é organizado num espaço de puro conflito na linguagem ou do conflito de expressão dos diversos sujeitos possíveis que podem ser representados na linguagem. O conflito do jogo estratégico só pode ser representado entre a imagem de uma verdade exterior ao sujeito, uma legitimidade que este pode construir na esfera social, e à imagem de projeção discursiva de si mesmo frente ao outro. Nesse jogo dialético entre imagens de um externo e um interno, puro campo do imaginário, o jogo estratégico do sujeito comunicador se abre ou possibilita o rompimento dos significantes do campo Simbólico no espaço do dizer, como *ato de transgressão* contínuo e necessário à renovação e funcionamento da linguagem. Pela perspectiva desse mecanismo, acatamos aquilo que denominamos de abertura do sujeito comunicante (Euc) como o sujeito operador da enunciação. Isto é, o jogo estratégico tem por natureza o estado conflituoso por ser o arranjo ou organização do fluxo da subjetividade numa múltipla possibilidade de

---

<sup>81</sup> Nossa tradução: A noção de estratégia repousa sobre a hipótese que o sujeito comunicante (EUC), projeta, organiza e põe em cena suas intenções de maneira a produzir certos efeitos - de convencimento ou sedução - conscientemente ou não - para o sujeito destinatário ideal (Tud) construído pelo Euc. Por causa desse fazer, o Euc poderá utilizar dos contratos de reconhecimento, dos quais viremos a definir, mas que ele poderá ter que recorrer para outros modos nos quais nos satisfaremos aqui apenas em dizer que eles oscilam entre dois pólos:

- a fabricação de uma imagem do real como lugar de uma verdade exterior ao sujeito e que teria força de lei;
- a fabricação de uma imagem de ficção como lugar de identificação do sujeito para um outro de si mesmo, essa imagem constitui um lugar de projeção do imaginário desse sujeito.

representação de imagens, que contratem um discurso possível de sentido na esfera social, mas que dêem margem a certo traço de singularidade do desejo da subjetividade inconsciente.

Desta forma, podemos construir o pensamento de que o exercício funcional do jogo estratégico na montagem do ato comunicacional pode se configurar como a ideia de uma amarra que sustenta todo um jogo de equilíbrio que dá liga e amparo à coexistência da enunciação com o enunciado e, correlativo à ideia psicanalítica lacaniana, aquilo que dá nó de entrelaço entre os campos do *Simbólico* do *Real* e do *Imaginário*: o *nó borromeano*<sup>82</sup>. Para explicar ainda mais sobre esse estado do jogo estratégico como um espaço de angústia e conflito, mas, também, como passagem para a amarra do acontecimento do ato comunicacional que promove linguagem, sujeito e sentido, é que compreendemos essa citação de Charaudeau, a qual repetimos:

Essa consciência, ela mesma intuitiva, seria geradora de angústia, pelo menos de um preenchimento da falta que transforma todo projeto de fala em aventura, aventura na qual a procura seria pelo objeto de fazer em parte que o sujeito interpretante se identifique o mais possível com o sujeito destinatário de onde esse trabalho da encenação consiste em fazer a aposta, calcular os riscos, confiar nas escolhas estratégicas, propor o contrato, breve, produzir os efeitos de fala a fim de criar um universo de conveniência ou de agressão segundo o que o Eu comunicador escolhe para seduzir, persuadir ou provocar seu interlocutor. (CHARAUDEAU, 1993, p. 95)<sup>83</sup>.

Ponderamos que não há por parte de Charaudeau (1997) uma explanação de que o sujeito comunicante seja ou conjuga algum estado de igualdade com o sujeito da enunciação. Além disso cremos, também, que se tornaria por demais simplista fazermos essa

---

<sup>82</sup> Foi por volta de 1972 que apareceu de forma mais clara no discurso de Lacan o conceito de “nó borromeano”. O intuito de utilizar tal metáfora ancora-se em sua insistente tentativa de dar uma representação mais correlata à topologia psíquica que, nesse aspecto, já se assentava sob a premissa das instâncias do Real, Simbólico e Imaginário. A ideia central em que gira o funcionamento do nó borromeano está no estado de ligação e sustentação que as três instâncias deveriam se manter. Então, a ilustre história da família Borromeu, cujas armas dessa dinastia milanese eram compostas de uma espécie de três anéis em forma de trevo, simbolizando uma tríplice aliança, inspirou Lacan. O entrelace era arranjado de tal forma que, se um dos anéis de soltasse, os outros dois também não permaneceriam ligados. Ou seja, uma amarra que só se mantém sob condição dos três anéis permanecerem juntos. Assim deverá ser pensado o entrelace entre as três instâncias da topologia psíquica, sob pena da estrutura do sujeito não se organizar na neurose e, conseqüentemente, na linguagem. Ver mais em: KAUFMANN, Pierre. **Dicionário enciclopédico de psicanálise**: o legado de Freud a Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996, e ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: JZE, 1998.

<sup>83</sup> Minha tradução de: “Cette conscience, fût-elle intuitive, serait génératrice d’angoisse, pour le moins, d’un ‘manque à combler’ qui transformerait tout Projet de parole en aventure dont la quête aurait pour objet de faire en sorte que le sujet interprétant s’identifie le plus possible au sujet destinataire. D’où CE travail de mise en scène qui consiste à faire des paris, calculer des risques, se livrer à des choix stratégiques, proposer des contrats, bref, produire des effets de parole afin de créer un univers de connivence ou d’agression selon que le J’Ec cherche à séduire, persuader ou provoquer son interlocuteur”.

associação sem avaliarmos melhor as nuances teóricas que compõem a compreensão de um e de outro conceito.

Contudo, o que queremos considerar não é o conceito estrutural de uma teoria em relação à outra, mas o estado de funcionalidade e atuação que os sujeitos no quadro comunicacional proposto por Charaudeau (1997) podem tomar a partir de certa reflexão com a teoria psicanalítica.

#### ***5.4 O suspeito assassino e o discurso suspeito***

O processo de angústia que avassalava o coração de Aliócha também assolava o coração de Ivan. Após a interlocução com Aliócha, Ivan dirigiu-se à casa de seu pai e, imediatamente, percebe que certa inquietação sobre algo não sabido e uma obscuridade em seu entendimento surgia com muita veemência em seu espírito. Nesse sentido a descrição utilizada pelo narrador recorta o estado de espírito de Ivan que aponta para uma meio consciência de Ivan em relação a alguma coisa que ainda lhe era desconhecido. Esse momento dúbio entre saber e não saber também cinde Ivan entre dois estados de sentimento: de participar e ao mesmo tempo de estar ausente de algo que se passava nas relações da casa de seu pai, mas que lhe era furtado, senão naquele instante, a totalidade daquele sentido. Vejamos como se encontrava o estado de Ivan:

Coisa estranha, sentiu de repente uma ansiedade intolerável, que aumentava à medida que se aproximava da casa. Não era a sensação que lhe causava espanto, mas a impossibilidade de defini-la. Conhecia a ansiedade por experiência e não o surpreendia senti-la naquele momento, quando, depois de ter rompido com tudo que o retinha naqueles lugares, ia engajar-se num caminho novo e desconhecido, sempre também solitário, cheio de esperança sem finalidade, de confiança excessiva na vida, mas incapaz de precisar sua expectativa e suas esperanças. Naquele instante, embora sentisse o desconhecido, não era isso que o atormentava. (p. 276).

A cena seguinte reporta o encontro entre Ivan e Smierdiákov nos portões da casa do pai de ambos. A partir desse encontro o estado de inquietação e desconhecimento em Ivan começa a encontrar certa elaboração no diálogo que ele estabelece com Smierdiákov. O desejo e atração para conversar com Smierdiákov são maiores que sua repulsa e a total inconveniência de manter uma conversa com um criado nos portões, além de toda uma sensação de perturbação mórbida que Ivan começara a perceber em relação à imagem de

Smierdiákov. A impressão passada ao leitor é de que, nesse momento, há por parte de Ivan um entendimento súbito de que havia entre ele e Smierdiákov uma ligação que até então não havia sido compreendida pelo próprio Ivan. Assim, “Ivan chegou à casa paterna; a quinze passos da porta ergueu os olhos e adivinhou de repente o motivo de sua perturbação” (p. 277). A imagem de Smierdiákov agora se revelara a Ivan como parte desse algo que não estava compreendido no processo de sua angústia. É, então, que a representação de Smierdiákov, naquele instante, é tomada como o duplo de Ivan e, conseqüentemente, pelo efeito polifônico, o diálogo entre eles toma um caráter de simbiose ou de uma necessidade que os unia e os impelia para formalizar algo.

O ritmo expressivo das falas entre ambos mantém-se uniforme, suas imagens se espelham, dando-lhes certa conformidade de expressões tanto de ideias como de comportamentos. É assim que Ivan começa a tomar consciência da atração e repulsa que a imagem de Smierdiákov exercia sobre ele.

De fato, havia algum tempo, sobretudo nos últimos dias, tomara aversão àquele homem. Ele próprio acabara notando aquela antipatia crescente. O que a agravava talvez, é que, no começo de sua estada entre nós, Ivan Fiódorovitch experimentava por Smierdiákov uma espécie de simpatia. Achara-o a princípio muito original e conversava habitualmente com ele, julgando-o um pouco limitado ou antes inquieto, e sem compreender o que podia atormentar constantemente aquele contemplador. (p. 277).

A função do duplo, que pode ser caracterizado como a fase que abarca o processo infantil em que a criança ainda utiliza do externo e do outro “real” para suas elaborações de pensamento e sentimento, assinala nesse instante a insuficiência tanto de Ivan quanto de Smierdiákov de apreender e elaborar suas próprias questões. Se essa insuficiência era uma marca bem visível no caráter de Smierdiákov, conforme bem salienta o narrador: “Se bem que Smierdiákov sempre falasse com agitação, não se podia nunca **saber o que ele desejava para si mesmo**” (p. 278, grifo nosso), essa mesma marca também se encontra em Ivan pelo jogo de espelhamento ou do duplo que ele fazia com a imagem de Smierdiákov: “Mas o que exasperava Ivan e acabara fazendo com que Smierdiákov despertasse sua antipatia era a familiaridade chocante que esse lhe manifestava cada vez mais” (p. 278).

Se aquele algo que nascera entre sua interlocução com Aliócha ainda não tinha uma definição de natureza entre bem ou mal, em sua interlocução com Smierdiákov essa elaboração começa a se despontar e marcar sua natureza de atuação. O encontro e o diálogo que se passará entre Ivan e Smierdiákov não se dará no acaso de um acontecimento sem

precedentes discursivos. Os diálogos estabelecidos anteriormente entre os irmãos já traziam em Ivan certa construção de um implícito que, mesmo não estando em sua forma plena de consciência, tomava as diretrizes de certa formulação que ocorreria entre ele e Smierdiákov. Trata-se, portanto, da formulação de um contrato que se firmará entre Ivan e Smierdiákov, mas de um contrato que em si mesmo já traz as vozes e desejos dos outros irmãos, Dimítri e Aliócha, e que tem a ação de não somente se fomentar, mas de sustentar toda a composição da trama karamazoviana.

#### **5.4.1 O jogo estratégico do sujeito enunciador**

“Para trás, miserável! O que há de comum entre nós, imbecil?”, quis gritar; mas em lugar dessa descompostura, e para grande assombro seu, disse algo bem diferente: “- Meu pai ainda está dormindo? - perguntou, num tom resignado e, sem pensar sentou-se no banco” (p. 278).

A cena do encontro entre Smierdiákov e Ivan, descrita por Dostoiévski, neste momento da obra, é caracterizada como o ponto central da trama em que a elaboração de alguma coisa na esfera do implícito transitará para uma configuração externa, ou seja, para uma construção de entendimento e ação entre os parceiros da comunicação.

Nesta parte da narrativa, Dostoiévski, além de abrir uma grande margem de reflexão e questionamentos sobre do que se trata a compreensão e formação do sentido, traz, de certa forma, a ideia sobre o sujeito como agente nessa articulação entre linguagem e construção de sentido. A cena descrita não tem como ponto de referência a constituição externa ou situacional do tempo e do espaço onde se encontram locados e representados os dois personagens. A referência focada pelo narrador está na abertura de um plano interno: da consciência dos personagens e de suas possíveis representações que suas atuações podem tomar naquele acontecimento discursivo.

Assim são apresentadas pelo narrador as diversas possibilidades que aquele ato de comunicação poderia se configurar. A habilidade que Dostoiévski manifesta na construção dessa cena, ao representar a multiplicidade de sujeitos num único momento de construção de um ato de comunicação, remete-nos a pensar em certa funcionalidade que a diversidade dos

sujeitos produz nesse ato comunicacional pelo efeito polifônico na linguagem. No trecho da obra acima apresentado, podemos observar que a representação da consciência de Ivan é cindida em dois planos de percepção sobre a figura de Smierdiákov. Ao se aproximar da casa, Ivan percebe que se encontrará com Smierdiákov e, necessariamente, estabelecerá com ele uma comunicação. O que se passa neste momento é a antecipação da montagem na locação dos sujeitos dentro do ato comunicacional. Descrito de forma genial, Dostoiévski parece nos transportar para o interior conflituoso e nebuloso do espaço de consciência de Ivan, onde as múltiplas vozes se coadunam e se repelem na tentativa de emergir e ordenar um sentido em sua angústia pelo desconhecido.

Nesse momento a descrição da exposição da tomada da palavra e a escolha do sujeito enunciador (*Eue*) nos desvelam o jogo estratégico do sujeito comunicador (*Euc*) para organizar um ato de comunicação que vise ao sucesso de sua transmissão. De imediato, é construído por Ivan, a poucos passos de encontrar com Smierdiákov, um quadro comunicacional que precipita na tomada de um sujeito comunicante, *Euc*, que evoca a figura de Filho do dono da casa, autoritário, arrogante e iracundo. Assim, ele acionará um sujeito enunciador, *Eue*, que tomará a palavra e encenará toda a agressividade que compõe o sujeito comunicante. “Para trás miserável! O que há de comum entre nós, imbecil?”.

O sujeito enunciador automaticamente aciona um sujeito destinatário, *Tud*, que, nesse caso, deverá ser configurado como o serviçal, subordinado e passivo para suportar toda agressividade vinda do outro. Esse sujeito destinatário é reconhecido pelo sujeito interpretante, *Tui*, Smierdiákov, que deveria ter a posição social de empregado daquela casa para que aquele ato fosse autêntico e possível de sentido. Veja a representação do quadro:



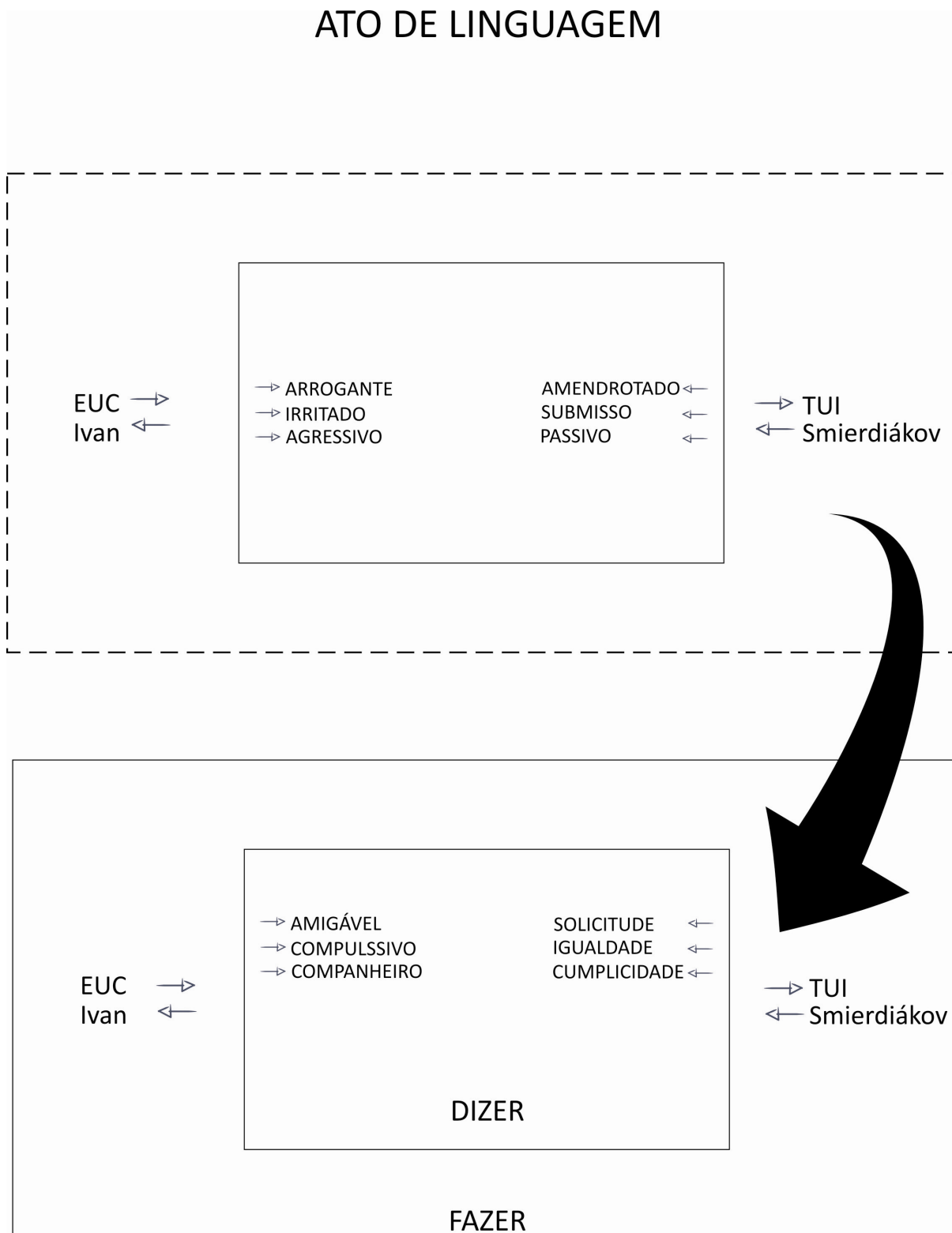


Figura 2: A sobreposição do ato de linguagem

Fonte: Elaborado pelo autor e adaptado de Machado, 2003.

Mas a descrição dostoiévskiana sobre a composição do ato de comunicação é surpreendente neste aspecto. Tanto a liberdade quanto o desconhecimento do ato comunicacional pelo sujeito na comunicação são abarcados pela sensibilidade de Dostoiévski

na descrição da cena. De súbito, Ivan organiza e apresenta outro quadro comunicacional. Para tanto, sua estratégia está na encenação que o sujeito enunciador promove ao tomar a palavra. O quadro que se apresenta como ato comunicacional entre Ivan e Smierdiákov é totalmente contrário àquele prefigurado na mente de Ivan segundos antes. O sujeito comunicante aciona um sujeito enunciador compassivo, amigável e companheiro que, imediatamente, convoca um sujeito destinatário que exprima solicitude, igualdade e cumplicidade para concretização daquele ato. Portanto, tudo depende da condição do sujeito interpretante reconhecer a posição que fora dado ao sujeito destinatário no ato de fala.

As posições sociais entre Ivan e Smierdiákov são fortemente determinadas por uma sociedade hierarquicamente estratificada por valores fixados na posse material, intelectual e das relações de trabalho. Em várias partes da obra *Os irmãos Karamázov*, são retratadas as formas abusivas e agressivas dos senhores na relação de trabalho com seus serviçais, inclusive a permissão para espancar fisicamente um serviçal. O contexto social russo retratado na obra nos traz a questão da impossibilidade daquele ato de comunicação entre Ivan e Smierdiákov, tanto pela condição dos papéis sociais exercidos pelos personagens quanto pelo próprio caráter altivo de Ivan. Portanto, percebe-se a implicação posta pelo autor na mudança brusca de Ivan na montagem de seu ato de linguagem com o criado de seu pai. Que intenção levaria Ivan a se submeter a tal posição de enunciador daquele ato de linguagem? Por que Smierdiákov reconheceria aquela posição de destinatário e quais motivações o levariam a uma empreitada nessa esfera de comunicação com Ivan?

Smierdiákov responde prontamente a pergunta de Ivan: “- Ainda repousa - disse, sem se apressar. (Foi ele quem me dirigiu primeiro a palavra)” (p. 278). O efeito criado pelo narrador para transportar o leitor tanto para o plano externo daquela cena, a resposta dada por Smierdiákov a Ivan, quanto ao interno, às vozes que povoam a consciência de Smierdiákov, nos traz a ambiguidade e a diversidade de vozes que um ato de linguagem abarca. A voz da consciência de Smierdiákov se dirige ao leitor tendo em vista buscá-lo como testemunha de algo que se passa. A proposta daquele encontro comunicacional é promovido por Ivan e não por Smierdiákov. Embora haja em Smierdiákov certo entendimento tácito para que ele possa se reconhecer naquele sujeito destinatário, a proposta do ato jamais poderia partir dele. Assim Ivan se torna o responsável por alguma coisa que ali se caracterizaria através daquele ato de linguagem. Ivan tem a clara sensação de algo implícito que perpassa aquele ato, mas não tem a clareza na formulação do sentido pela linguagem.

Na descrição do ato de linguagem entre Ivan e Smierdiákov, o narrador sempre aponta que os limites que compõem o ato não são fechados nem acabados, mas sempre abertos a vários outros discursos, sujeitos e vozes. O primeiro ato de linguagem montado na mente de Ivan não é desconhecido por Smierdiákov; a descrição do narrador evidencia que há uma tensão entre essas duas posições discursivas e que são conscientes entre os parceiros do ato. Em vários momentos da interlocução, parece-nos que Ivan deslizará da posição de sujeito enunciador passivo e amigável para sujeito enunciador agressivo, conforme nos mostra a passagem:

Ivan Fiódorovitch levantou-se de um salto. Queria transpor a pequena porta, mas parou e voltou para perto de Smierdiákov. Aconteceu então algo estranho: ‘Ivan Fiódorovitch mordeu os lábios, cerrou os punhos e esteve a ponto de lançar-se sobre Smierdiákov. Este percebeu a tempo, estremeceu e recuou, e Ivan Fiódorovitch, silencioso e perplexo, dirigiu-se para a porta’. (p. 283).

Além disso, há, também, a posição de destinatário que Smierdiákov ocupa na comunicação que poderá se deslocar automaticamente de uma posição de sujeito destinatário amigo e confidente para a posição de sujeito destinatário submisso e serviçal.

Por conseguinte, ressaltamos que no manejo inconsciente entre sujeitos, na montagem do jogo estratégico da comunicação, o acionamento do sujeito enunciador não é totalmente livre criação do sujeito comunicante, do qual apontamos aqui a escolha de Ivan de encenar um sujeito enunciador passivo e compartilhador de ideias com Smierdiákov. Mas há por parte do sujeito ou instância do interpretante certa manobra na emissão de sinais de um possível sujeito destinatário que orienta qual sujeito enunciador deverá tomar a cena para a realização do ato comunicacional.

Assim, podemos perceber que a atuação do sujeito interpretante Smierdiákov não é totalmente passivo ao receber Ivan na porta da casa de seu pai. Há forças que determinam, antes que Ivan abra a boca para pronunciar alguma coisa, um intenso conflito na montagem dos actantes no campo do dizer, campo da palavra, que organiza e seleciona, previamente, sujeitos e discursos para elaboração de um dizer no dito.

#### **5.4.2 Quantos sujeitos habitam o espaço entre o dito e o dizer**

A sensibilidade de Dostoiévski, ao descrever e apresentar o ato de linguagem, nos aproxima categoricamente da vivacidade do dialogismo na linguagem. Todo ato de linguagem

traçado na obra não é descrito como isolado e totalitário em seu acontecimento, mas sempre é relacional e está em conflito com outro ato de linguagem, ou seja, está em constante tensão de manifestação de outros sujeitos e outros discursos naquele acontecimento. Assim foi ressaltada a habilidade de Dostoiévski ao apresentar os planos: externo, como os ditos num enunciado que são as respostas nas interlocuções; interno, as múltiplas vozes que povoam as consciências dos personagens, construindo inúmeras outras possibilidades de atos de linguagem que querem concorrer com o ato em ação.

Além da apresentação desse plano, em que a multiplicidade de sujeitos conscientes se manifesta nas múltiplas vozes de uma consciência humana, Dostoiévski também dimensiona essa subjetividade ao patamar da inconsciência na linguagem. A perspectiva de apresentação de Ivan frente a Smierdiákov, sua tomada da palavra e orientação numa posição de sujeito enunciador não é, também, totalmente conhecida por Ivan. Conforme já mencionamos, a condição dada à interlocução de Ivan com Smierdiákov já levava em conta toda uma imiscuição inconsciente com a construção das vozes e desejos advindos de Dimítri e Aliócha, graças à função exercida pelo herói na trama.

Assim, a interlocução que Smierdiákov estabelece com Ivan não está circunscrita à inteireza do que representa o sujeito Ivan, mas essa representação do sujeito faz relação com toda uma construção de sujeitos e intencionalidades que naquele momento estão sediados em Ivan. Por isso o sentimento de desconhecimento, durante todo o tempo, por parte de Ivan do que realmente se passava ali e de que se tratava sua atuação: “- Você está tramando alguma coisa que não compreendo bem - disse ele (Ivan) com voz baixa, mas com ar ameaçador” (p. 280). Desta forma, configura-se o jogo de tensão existente entre sujeitos na relação de um ou mais diferentes atos de linguagem. A expressão “voz baixa, mas com ar ameaçador” apresenta com clareza a cisão que ocorre entre sujeito da consciência e sujeito inconsciente que, além de marcar a incapacidade e angústia situacional do sujeito da consciência de abarcar a totalidade do saber, aponta para certo percurso que o sentido faz, concomitante aos sujeitos, na elaboração de certa verdade e realidade de si mesmo.

Portanto, a apreensão dessa verdade sobre algo da realidade do mundo e de si mesmo pelo sujeito só se torna possível no jogo interminável da montagem de infinitos atos de linguagem que se estabelecerão ao longo da vida desse sujeito na relação com outros sujeitos. Nesse jogo de manifestações de intenções entre sujeitos e desejos, alguma coisa se elabora como formação de sentido tanto para o sujeito quanto para os discursos. Assim podemos

compreender esse excerto em que Lacan expressa: “[...] que essa língua existe, de me servir dela para expressar algo completamente diferente do que ela diz [...]” (LACAN, 1998a, p. 508), o que reporta à falta na constituição do sujeito em sua própria origem e verdade, e nisso possibilita a condição para o sujeito fazer percurso de saber pela estrutura do significante como aporte da relação entre inconsciente e linguagem.

O ato de linguagem, que Ivan e Smierdiákov encenam como sujeito enunciator e destinatário cúmplices e participantes de algo, promove num primeiro momento a possibilidade para que haja aquela comunicação, mas abre outros estratos de possibilidade de construção de sentidos que não estão disponíveis à consciência daqueles sujeitos. -Por que não vai a Tchermachniá? - perguntou Smierdiákov, com um sorriso familiar. “Deve compreender meu sorriso, se é um homem de espírito”, parecia dizer seu olho esquerdo” (p. 278). Há nesse momento grande diversidade de sujeitos que atravessam a construção discursiva entre Ivan e Smierdiákov. Tanto não há uma compreensão por parte de Ivan sobre as intencionalidades de inúmeros sujeitos de desejos em Smierdiákov, quanto não é apreendido por Smierdiákov a multiplicidade de sujeitos que confrontam e conflitam em Ivan acerca da natureza dos sentimentos que povoam um ato de extermínio do pai.

O assassinato do pai. Esse é o tema central que circunda aquele contrato discursivo entre Ivan e Smierdiákov. Se a intenção vem elaborada na subjetividade de Smierdiákov sobre a possível efetivação do assassinato, tal sujeito não é reconhecido conscientemente por Ivan naquele momento. Assim, Dostoiévski dimensiona um ato de linguagem como um estado mais ou menos consciente pelo sujeito comunicador, ou seja, um ato de linguagem que consiste em vários estratos de sentidos por abarcar inúmeros sujeitos que estão inconscientes (sem representação momentânea) naquele momento de enunciar. A possibilidade de inserção desses outros sujeitos e outros sentidos está na condição que um significante tem de representar alguma coisa de ordem inconsciente que, naquele instante, não pode ou não convém emergir como enunciado.

A palavra “Tchermachniá” torna-se um significante que representa sujeitos e sentidos que não são expressos de forma “real” na comunicação entre Ivan e Smierdiákov, mas que sulca uma construção de ações e ligações entre os irmãos para promover o sentido da trama. O autor utiliza-se do recurso como “parecia dizer seu olho esquerdo”, dando-nos a percepção de que esta voz, embora da figura do narrador, pertence a Ivan, mas não ao Ivan da consciência no momento do ato, mas de uma subjetividade mais profunda, de outros sujeitos que habitam em Ivan.

Assim, na construção do ato de linguagem, Smierdiákov descreve para Ivan, de forma bastante óbvia e detalhada, o assassinato que ocorreria na casa do seu pai, caso ele (Ivan) viajasse para Tchernachniá. Essa forma bem construída sintaticamente e bastante consciente não gera o efeito de sentido como se pretende nas comunicações. Esse efeito de montagem do sentido é bem desconstruído pelo autor Dostoiévski. Em seu estilo literário, Dostoiévski mostra, a partir do recurso polifônico, que a construção do sentido só se realiza ao se fragmentar e deslizar, através de vários sujeitos, na montagem de sucessivos atos de linguagem e da necessidade posta ao sentido de trilhar certo percurso para sua manifestação/compreensão.

- Por que, então - interrompeu bruscamente -, me aconselha a partir para Tchernachniá? O que pretendia com isso? Após minha partida, alguma coisa acontecerá aqui.

Ofegava.

- Justamente - Smierdiákov disse num tom calmo, fixando Ivan Fiódorovitch. (p. 283).

Dizer o óbvio para, justamente, obscurecer o sentido. O jogo de linguagem que utiliza do explícito prende os sujeitos da comunicação no imaginário, no igual, na sedução histórica da imagem, como recurso de não promover o deslizamento de sujeitos e sentidos a outros patamares de entendimento. O explícito oculta sentidos e sujeitos.

Nessa direção, Ivan, mesmo confuso e atormentado por sensações que não formavam sentido para aquela experiência e conversa, responde a Smierdiákov, sem consciência do porquê de seu comportamento, sua intenção de partir para Moscou. O explícito da narrativa de Smierdiákov cegara Ivan da compreensão, ao menos consciente, do que realmente se fomentava ali como contrato. “- Perfeito! - replicou este, como se já esperasse [...]” (p. 283). A resposta de Smierdiákov a Ivan mantém e confirma seu lugar de sujeito interpretante companheiro e comprometido com alguma coisa em relação ao seu parceiro de comunicação. Então, percebe-se certa dissimetria na composição do ato comunicacional entre Ivan e Smierdiákov. Embora Ivan, como sujeito comunicante, projete um sujeito enunciador passível e amigável e, conseqüentemente, convoque um sujeito destinatário também solícito, parece não reconhecer a atuação do sujeito interpretante desempenhado por Smierdiákov. Assim nos parece que há, constantemente, certa sobreposição entre dois ou mais atos de linguagem entre Ivan e Smierdiákov, ou mais precisamente de um conflito intenso na representação de sujeitos tanto em Smierdiákov quanto em Ivan que não se reconhecem e se confrontam, mas que se unem sob uma intenção que está para além de suas consciências e autonomias momentâneas.

Logo após, Ivan se volta para Smierdiákov e mais uma vez o efeito de atravessamento e representação de outros sujeitos ocorre no lugar de interpretante em Smierdiákov, conforme o relato do narrador neste trecho: “Ivan Fiódorovitch voltou-se de novo, mas uma mudança súbita operara-se em Smierdiákov. Toda a sua familiaridade displicente desaparecera; todo o seu rosto exprimia uma atenção e uma expectativa extremas, mas tímidas e servis. “Não acrescentará nada?”, lia-se no seu olhar fixo sobre Ivan Fiódorovitch” (p. 284).

Assim, a sutileza do estilo dostoiévskiano manifesta o efeito da polifonia no patamar da individualidade dos personagens, isto é, um único personagem é povoado por inúmeras outras vozes de sujeitos que, em suas articulações com outros personagens, promovem uma intensa e larga teia de possibilidades à apresentação de sentidos. Ao se deslocarem de suas posições iniciais de sujeitos naquela interlocução, percebe-se certa modificação que ocorre na postura locutiva e alocutiva entre Ivan e Smierdiákov. Se no início daquele encontro, a imagem de Smierdiákov parecia estar no controle do saber sobre alguma coisa que se passava entre eles, neste momento Ivan modifica seu sujeito enunciador e representa para Smierdiákov um sujeito consciente e dominador daquela situação, provocando o efeito em Smierdiákov que, de fato, compreendera o contrato que ali se estabelecera. Utilizando-se do recurso polifônico de apresentar outras vozes que não têm espaço no ato comunicacional, o narrador faz ecoar a voz de outros sujeitos em Smierdiákov: “Não acrescentará nada?”, lia-se no seu olhar fixo sobre Ivan Fiódorovitch” (p. 284). A resposta que Ivan dá a Smierdiákov ramifica-se, desta forma, entre os dois panos daquele ato; o explícito que se direciona para a lógica construída sobre o evento de sua partida à Moscou e a distância entre as cidades para lhe comunicar algum evento; e o implícito, uma resposta inconsciente, que atendia às inquietações do desejo tramado num jogo tácito entre os irmãos.

O término da interlocução é figurado por uma cena de riso histérico por parte de Ivan. Tal comportamento não é compreendido nem por Smierdiákov nem pelo próprio Ivan, o que demonstra a cisão e multiplicidade de sujeitos existentes naquele ato a partir de um único personagem ou lugar ocupado no ato comunicacional: “ele próprio não teria podido explicar o que sentia” (p. 284). Naquela noite, uma variedade de sentimentos e sensações invadiu a alma de Ivan. O narrador, então, descreve o estado de pura inquietação (vozes) que borbulhava na mente deste personagem: “Desejos estranhos o atormentava [...] sentiu uma vontade irresistível de descer, de abrir a porta e ir ao pavilhão dar uma surra em Smierdiákov [...] Por outro lado, uma timidez inexplicável, humilhante, invadiu-o várias vezes [...] Odiava até mesmo Aliócha [...]” (p. 287). Este é um dos meios

utilizados pelo autor para representar o efeito polifônico na constituição - vida psíquica - de um personagem e mostrar que a construção de dado sentido não é totalmente consciente no momento da comunicação, mas que a elaboração desse sentido conjuga diversos elementos tanto da condição externa e situacional que compõe um ato de linguagem quanto da íntima condição de desejo e intencionalidade de um indivíduo, dando-nos a clara impressão de que Dostoiévski já gozava de certa compreensão da noção do inconsciente como um dado existente na constituição da linguagem e, conseqüentemente, na formação do sentido.

Na cena seguinte, Ivan acorda bem humorado e disposto a realizar sua viagem a Moscou. Ao descer, cumprimenta seu pai gentilmente e informa sobre sua viagem imediata, quando é novamente solicitado pelo pai que vá à cidade de Tchernachniá para resolução de um negócio. Embora o bom humor de Ivan já houvesse sido colocado em dúvida pelo narrador é, justamente, na palavra Tchernachniá que explicita toda uma duplicidade que fomenta a angústia e conflito de alguma coisa que ele (Ivan) não compreende na totalidade:

Desceu quase alegre, embora suas palavras e seus gestos traíssem certa agitação. (p. 286).

-Então, o senhor me manda mesmo a essa maldita Tchernachniá? - exclamou Ivan com um sorriso mau.

Fiódor Pávlovitch não notou ou não quis notar a maldade e reteve só sorriso. (p. 287).

O sorriso mau de Ivan apresentava outra posição de sujeito naquela interlocução com seu pai que não era do lugar de filho. Era algo que já se configurava no mal. O narrador aponta certa consciência do pai para aquela interposição de sujeitos no momento da fala de Ivan. Em trechos anteriores, Fiódor relata a Aliócha seus sentimentos de medo e repulsa a figura de Ivan, como alguém que o quer muito mal. Observa-se, desta forma, que o autor sempre se utiliza do recurso de promover grande parte dos diálogos da obra, principalmente, os diálogos entre os membros Karamázov, numa justaposição entre dois atos de linguagem. Há nesse momento de comunicação entre Ivan e Fiódor duas posições de interlocução: a primeira, em nível consciente, uma solicitação de um pai ao filho de algum procedimento; a segunda, em nível inconsciente, na qual a palavra Tchernachniá representa um significante inconsciente que ainda não construiu sentido na cadeia discursiva dos irmãos Karamázov por não se atar ao significado e produzir uma significação num enunciado. Alguma coisa ainda não se constituiu como sentido.



No momento de sua partida, ao despedir-se do seu pai e dos criados, Ivan é assessorado pelo serviçal Smierdiákov ao subir na carruagem, quando de súbito, traindo sua própria consciência, Ivan se dirige a Smierdiákov e profere a sentença:

Está vendo? Vou a Tchernachniá [...] - Ivan deixou escapar, como contra a sua vontade e com um riso nervoso. Muito tempo mais tarde, lembrou-se disso.

- Então é verdade o que se diz: dá gosto falar com um homem de espírito - replicou Smierdiákov, com um olhar penetrante. (p. 288).

Nesse curto ato de linguagem entre Ivan e Smierdiákov, os sujeitos alocados na comunicação nos lugares de comunicante e interpretante são determinados sociohistoricamente pelos personagens de Ivan e Smierdiákov, mas os sujeitos enunciador e destinatário que promovem a construção da fala não são facilmente detectados, pois se trata de sujeitos inconscientes que só serão reconhecidos na representação que o significante Tchernachniá fará com outro significante mais à frente no fio do discurso da narrativa - o assassinato do pai -. Nesse episódio, caracteriza-se o pacto consciente/inconsciente que se estabeleceu entre Ivan e Smierdiákov. Se para Smierdiákov esse pacto deixara evidente qual seria sua atuação após a partida de Ivan; por sua vez, para Ivan, embora fechando o acordo com Smierdiákov com sua fala incisiva - “Está vendo? Vou a Tchernachniá...” - mantém-se, totalmente, alheio a sua representação no que fora dito, por não pontuar<sup>84</sup>- marcar - ainda a função do significante Tchernachniá ao significado do seu curso discursivo, mantendo-o como um sujeito desconhecedor de si e daquilo que fala.

A lembrança de Aliócha e de Katierina Ivánovna atravessou-lhe o espírito; sorriu docemente, soprou os seus queridos fantasmas, que desapareceram. ‘Mais tarde!’, pensou. Chegaram depressa à estação de posta; os cavalos foram substituídos para se dirigirem a Volóvia. ‘por que dá gosto falar com um homem de espírito, o que ele queria dizer com isso?’, perguntou a si mesmo, de repente. ‘Por que eu lhe disse que ia a Tchernachniá?’ (p. 288).

É habilidade dostoievskiana transportar o leitor de um acontecimento comunicativo externo para a profusão de vozes internas do personagem. Com esse recurso, o autor desconstrói a ideia de que o ato de comunicação realizado é totalitário e seguro na expressão da verdade ou do saber sobre alguma coisa.

Assim, no excerto acima, ele representa a instabilidade em Ivan produzida pelas várias

---

<sup>84</sup> Termo empregado por Lacan (1955) ao se referir ao “ponto de basta”, ou seja, momento em que numa dada cadeia discursiva um significante toca um significado daquela cadeia e causa significação. No processo clínico o termo *pontuar* configura a ação de intervenção do analista no discurso do analisando, ressaltando um significante daquele analisando no curso do seu dizer, técnica psicanalítica de trazer significação (sentido/verdade) do e para o próprio sujeito que ali fala.

representações de sujeitos, vozes e sentimentos que não se elaboraram numa compreensão e posição frente a tudo que se passara naqueles dias e, principalmente, em sua condição de desejante de alguma coisa. Se tudo o que fora dito por Ivan foi sobre sua partida para Moscou e o fato de ficar bem longe de toda aquela situação, há em seu dizer outras marcas de sujeitos que ainda não representaram em seu discurso, mas já o inquietam e atormentam por fazer outro percurso de construção de sentido contrária àquela montada em sua consciência:

Para trás todo o passado! Está acabado para sempre! Não quero mais ouvir falar dele! Para um novo mundo, para novas terras, sem olhar para trás [...] Mas de repente sua alma ensombreceu-se e uma tristeza como nunca sentira apertou-lhe o coração [...] - Sou um miserável! Disse. (p. 289).

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro**: Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Ed. Musa, 2004.

ARRIVÉ, Michel. **Linguagem e psicanálise linguística e inconsciente**: Freud, Saussure, Pichon, Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

\_\_\_\_\_. **Linguística e psicanálise**: Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e outros. São Paulo: Edusp, 2001.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: informação e documentação - apresentação de citações em documentos. Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_. **NBR 14724**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2005.

\_\_\_\_\_. **NBR 6023**: informação e documentação - referências - elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: Edipucrs, 2004. p. 11-80.

\_\_\_\_\_. Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive, éléments pour une approche de l'autre dans le discours. **DRLAV**, Paris, n. 2, p. 90-150, 1982.

\_\_\_\_\_. **Palavras incertas**: as não coincidências do dizer. Campinas: Ed. Unicamp, 2001.

BADIOU, Alain. A antifilosofia e o real como ato. Tradução de Analucia Teixeira Ribeiro. **Revista Letra Freudiana**: escola, psicanálise e transmissão, Rio de Janeiro, ano XVI, n. 22, p. 3-26, 1997.

\_\_\_\_\_. Onde estamos com a questão do sujeito. Tradução de Analucia Teixeira Ribeiro. **Revista Letra freudiana**: escola, psicanálise e transmissão, Rio de Janeiro, ano XVI, n. 22, p. 27-46, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.

\_\_\_\_\_. **O freudismo**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

\_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso: problemática e definição. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 277-326.

\_\_\_\_\_. **Pour une philosophie de l'acte**. Traduit du Russe par Ghislaine Capogna Bardet. Moscou: Editions L'age D'homme, 2003.

\_\_\_\_\_. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense, 1981.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Org.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**: em torno de Bakhtin. São Paulo: Edusp, 1994. p. 1-9.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Lisboa: Edições 70, 1987.

BAZERMAN, Charles. **Gênero, agência e escrita**. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Pontes, 1995.

\_\_\_\_\_. **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes, 1989.

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

BÍBLIA de referência Thompson. São Paulo: Ed. Vida, 1997.

BRAIT, Beth. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Org.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**: em torno de Bakhtin. São Paulo: Edusp, 1994. p. 11-27.

\_\_\_\_\_. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: dialogismo e construção do sentido. Campinas: Ed. Unicamp, 2006. p. 87-98.

\_\_\_\_\_. Sujeito e linguagem: a constitutiva alteridade. In: GUIMARÃES, Eduardo (Org.). **Cadernos de estudos linguísticos**. Campinas: Ed. Unicamp, 1998. p. 95-107.

BRANDÃO, Jacyntho de Souza. Filosofia e História na Antiguidade. **Scripta Classica On-Line**, Literatura, Belo Horizonte, n. 2, p. 5-29, abr. 2006. Disponível em: <<http://www.geocieties.com/scriptaclassicaonline>>. Acesso em: 10 fev. 2010.

CABAS, Antonio Godino. **O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan**: da questão do sujeito ao sujeito da questão. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CÂNDIDO, Antônio. **A personagem e ficção**. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

CELULAR do marceneiro. **Advocacia Psicótica**, 6 jun. 2007. Disponível em: <<http://advocacia.wordpress.com/2007/06/06/celular-do-marceneiro/>>. Acesso em: 21 mar. 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. Análise do discurso controvérsias e perspectivas. In: MARI, Hugo *et al.* (Org.). **Fundamentos e dimensões da análise do discurso**. Belo Horizonte: Carol Borges, 1999. p. 27-43.

\_\_\_\_\_. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. **Grammaire du sens et de l'expression**. Paris: Hachette, 1992.

\_\_\_\_\_. **Langage et discours, éléments de sémiolinguistique**. Paris: Hachette, 1983.

\_\_\_\_\_. Le contrat de communication de l'information médiatique. **Le Français Dans Le Monde**, Paris, p. 8-19, Jui. 1994.

\_\_\_\_\_. **Le discours d'information médiatique**: la construction du miroir social. Paris: Nathan, 1997.

\_\_\_\_\_. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. Para uma nova análise do discurso. In: CARNEIRO, Agostinho Dias (Org.). **O discurso da mídia**. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996. p. 5-43.

\_\_\_\_\_. Tiers, où es-tu? À propos du tiers du discours. In: CHARAUDEAU, Patrick; MONTES, Rosa. **La voix cachée du tiers**. Paris: L'Harmattan, 2004. p. 19-41.

\_\_\_\_\_. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: MARI, Hugo; MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato de (Org.). **Análise do discurso**: fundamentos e práticas. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2001. p. 23-38.

\_\_\_\_\_. Visées discursives, genres situationnels et construction textuelle. **Réseaux**, Paris, n. 81, p. 1-26, Jan./Fév. 1997.

\_\_\_\_\_; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999.

\_\_\_\_\_. **Filosofando**: introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1993.

CHOSTAKOWKY, Paulo. **História da literatura russa**: desde as origens até os nossos dias. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1948.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

COSUTTA, Frédéric. **Elementos para a leitura dos textos filosóficos**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

\_\_\_\_\_. Le dialogue comme genre philosophique. In: COSSUTTA, Frédéric (Org.). **Le dialogue**: introduction à un genre philosophique. Paris: Les Presses Universitaires du Septentrion, 2004. p. 17-64.

COTTINGHAM, John. **Descartes**. São Paulo: Ed. Unesp, 1999.

DAHLET, Patrick. Dialogização enunciativa e paisagens do sujeito. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: dialogismo e construção do sentido. Campinas: Ed. Unicamp, 2006. p. 55-83.

DIAS, Francisco. Significação e forma linguística na visão de Bakhtin. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: dialogismo e construção do sentido. Campinas: Ed. Unicamp, 2006. p. 99-107.

\_\_\_\_\_. **Os sentidos do idioma nacional: As Bases Enunciativas do Nacionalismo Linguístico no Brasil**. Campinas: Pontes, 1996.

DOR, Joël. **Introdução à leitura de Lacan**: estrutura do sujeito. Porto alegre: Artes Médicas, 1995.

\_\_\_\_\_. **Introdução à leitura de Lacan**: o inconsciente estruturado como linguagem. São Paulo: Artmed, 2003.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. **Os irmãos Karamázov**. 1. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Ed. 34, 2008.

\_\_\_\_\_. **Os irmãos Karamázov**. 3. ed. Tradução de Natália Nunes e Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

DUCROT, O. Argumentação e “topoi” argumentativos. In: GUIMARÃES, Eduardo. **História e sentido na linguagem**. Campinas: Pontes, 1989. p. 13-38.

\_\_\_\_\_. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

DUMOULIÉ, Camille. **Littérature et philosophie, le gai savoir de la littérature**. Paris: Armand Colin, 2002.

FARACO, Carlos. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar Produções, 2006.

FINK, Bruce. **O sujeito lacaniano: entre linguagem e gozo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas**. 10 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FRANÇOIS, Frédéric. “Dialogismo” e romance ou Bakhtin visto através de Dostoiévski. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Ed. Unicamp, 2006. p. 187-208.

\_\_\_\_\_. **Le discours et ses entours: essai sur l'interprétation**. Paris: L'Harmattan, 1994

FRANK, Joseph. **Dostoiévski: O manto do profeta 1871-1881**. São Paulo: Edusp, 2007.

FREUD, Sigmund. **O chiste e sua relação com o inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).

\_\_\_\_\_. A dinâmica da transferência. In: FREUD, Sigmund. **O caso de Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969. p. 131-146. (Edição

standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

\_\_\_\_\_. **A interpretação dos sonhos**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 4 e 5).

\_\_\_\_\_. Além do princípio do prazer. In: FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969. p. 13-88. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

\_\_\_\_\_. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In: FREUD, Sigmund. **O caso de Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969. p. 273-288. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

\_\_\_\_\_. Projeto para uma psicologia científica. In: FREUD, Sigmund. **Publicações prépsicanalíticas e esboços inéditos**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).

GHIGLIONE, Rodolphe. **Opérateurs argumentatifs ET strategies langagières**. Hermes, Paris, v. 15, p. 227-244, 1995.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Semântica estrutural: pesquisa de método**. São Paulo: Cultrix, 1966.

\_\_\_\_\_. **Semiótica e ciências sociais**. São Paulo: Cultrix, 1976.

\_\_\_\_\_; LANDOWSKI, Eric. **Análise do discurso em ciências sociais**. São Paulo: Global Universitária, 1977.

GUIRADO, Marlene. **Psicanálise e análise do discurso: matrizes institucionais do sujeito psíquico**. São Paulo: Summus, 1995.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. Tradução Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 2005.

HENRY, Paul. **Le mauvais outil: langue, sujet et discours**. Paris: Klincksieck, 1977.

HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade européia e a filosofia**. 2. ed. Tradução Urbano Zilles. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.



INWOOD, Michael. **Dicionário Hegel**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

JAKOBSON, Roman. A afasia como problema lingüístico. In: COELHO, Marta; LEMLE, Miriam; LEITE, Yonne (Org.). **Novas perspectivas linguísticas**. Petrópolis: Vozes, 1973. p. 43-54.

\_\_\_\_\_. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasias (ed. fr.1963). In: JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1997. p. 34-72.

JAUSS, Hans Robert. **Experiência estética y hermenêutica literaria**: ensayos en el campo de la experiencia estética. Madrid: Taurus ediciones, 1992

KAUFMANN, Pierre. **Dicionário enciclopédico de psicanálise**: o legado de Freud a Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

KEBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Les interactions verbales**. Paris: Armand Colin Éditeur, 1990. t. 1.

\_\_\_\_\_. **Les Interactions verbales**. Paris: Armand Colin Éditeur, 1992. t. 2.

\_\_\_\_\_. **L'Implicite**. Paris: Armand Colin Éditeur, 1986.

KOHAN, Walter Omar. **Filosofia**: caminho para seu ensino. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

LACAN, Jacques. **A direção do tratamento e os princípios do seu poder**. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998c. p. 591-649.

\_\_\_\_\_. **A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud**. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998a. p. 496-533.

\_\_\_\_\_. **De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose**. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998e. p. 437-590.

\_\_\_\_\_. **Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise**. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998d. p. 238-324.

\_\_\_\_\_. **O estádio do espelho como formador da função do eu**. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998f. p. 96-103.

\_\_\_\_\_. **O seminário sobre a “carta roubada”**. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998g. p. 11-66.

\_\_\_\_\_. **Seminário 1, os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

\_\_\_\_\_. **Seminário 11, os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

\_\_\_\_\_. **Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano**. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998b. p. 807-842.

LAGES, Susana Kampff. **Walter Benjamin: tradução & melancolia**. São Paulo: Edusp, 2002.

LARA, Gláucia Muniz Proença. Transgressão de gêneros em textos de publicidade e propaganda no Brasil. **Stockholm Review of Latin American Studies**, Stockholm, n. 2, p. 11-24, Nov. 2007.

LEITE, Nina. **Psicanálise e análise do discurso: o acontecimento na letra**. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1994.

LEMOS, Cláudia T. G. **A poética e o significante**. Maceió: Traço 2, 1998.

LIPMAN, Matthew; SHARP, Ann Margaret; OSCANYAN, Frederick S. **A filosofia na sala de aula**. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

MACHADO, Ida Lucia. A análise do discurso e seus múltiplos sujeitos. In: MACHADO, Ida Lucia et al. (Org.). **Teorias e práticas discursivas: estudos em análise do discurso**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 1998. p. 111-120.

\_\_\_\_\_. A paródia, um gênero “transgressivo”. In: MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato de (Org.). **Gêneros: reflexões em análise do discurso**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004. p. 75-86.

\_\_\_\_\_. Breve abordagem sobre algumas transgressões discursivas no livro *la philosophie dans le boudoir*, de Sade. **Revista da ABRALIN**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 259-278, jan./jun. 2008.

\_\_\_\_\_. Le genre mémorialiste et l’ironie: une étude de cas à la lumière da l’analyse du discours. In: LÉVÊQUE, Laure (Org.). **Liens de mémoire - genres, repères, imaginaires**. Paris: L’Harmattan, 2006. p. 263-272.

\_\_\_\_\_. O charme discreto da transgressão de gêneros na poesia. In: MARI, Hugo; MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato de (Org.). **Análise do discurso em perspectivas**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2003. p. 83-100.

\_\_\_\_\_. **Seminário de tópico variável em análise do discurso**: análise dos gêneros “transgressivos”. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2. sem. 2003. Notas de Aula. (Curso ministrado na pós-graduação em Estudos Lingüísticos, linha “E” - Análise do Discurso).

\_\_\_\_\_. Uma teoria da análise do discurso: a semiolinguística. In: MARI, Hugo; MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato de (Org.). **Análise do discurso**: fundamentos e práticas. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2001. p. 39-162.

\_\_\_\_\_; CHARAUDEAU, Patrick. **Análise do discurso**: procedimentos de persuasão e de sedução. Belo Horizonte/Paris, 1994. 72 p. Projeto Capes/Cofecub.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008.

\_\_\_\_\_. **Discurso literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. **Gênese dos discursos**. Curitiba: Criar Edições, 2005.

\_\_\_\_\_. **Pragmática para o discurso literário**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

\_\_\_\_\_. **Termos-chave da análise do discurso**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

MARI, Hugo. **Os lugares do sentido**. Campinas: Mercado das Letras, 2008.

MASON, Jayme. **Mestres da literatura russa**: Dostoiévski, Gogol, Gorki, Pushkin, Tchekhov, Tolstoi, Turguêniev. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

MELLO, Renato. Os múltiplos sujeitos do discurso no texto literário. In: MARI, Hugo; MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato de (Org.). **Análise do discurso em perspectivas**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2003. p. 33-49.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

- MICHEL, Albin. **Dictionnaire des philosophes**. Paris: Ed. Encyclopédie Universales, 1998.
- MILLER, Jacques-Alain. **Percorso de Lacan: uma introdução**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.
- MISSEL, Sinara Tozzi; GOBBI, Sergio Leonardo. **Vocabulário e noções básicas da abordagem centrada na pessoa**. São Paulo: Vetor Editora, 2002.
- MORAIS, Luís F. Lobão. **Dostoiévski, o operário dos destinos**. Campinas: Ed. Unicamp, 2002.
- OLHER, Rosa Maria. Original e tradução: relação hierárquica institucionalizada? In: ANAIS do Seta. Campinas: Ed. Unicamp, 2008. v. 2, p. 347-352.
- PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 4. ed. Tradução de Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Semântica e discurso, uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio (1975)**. Tradução de Eni Orlandi. Campinas: Ed. Unicamp, 1988. Edição original francesa: *Les Vérités de la Palice: linguistique, sémantique, philosophie*.
- PERES, Ana Maria Clark. Machado de Assis, Dom Casmurro. In: PERES, Ana Maria Clark; PEIXOTO, Sérgio Alves; OLIVEIRA, Silvana Maria Pessôa de (Org.). **O estilo na contemporaneidade**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005. p. 81-96.
- PLATON. **La republique**. Tradução R. Baccou. Paris: [s.n.], 1963. v. III.
- PLON, Michel. Análise do discurso (de Michel Pêcheux) vs análise do inconsciente. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Org.). **Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar**. São Carlos: Ed. Claraluz, 2005. p. 33-50.
- PONZIO, Augusto. **A revolução baktiniana**. São Paulo: Contexto, 2008.
- PRADO, José Luís Aidar. **Brechas na comunicação: Habermas, o outro, Lacan**. São Paulo: Hacker, 1996.
- RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação**. Portugal: Porto, 1995.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A análise e o arquivo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

\_\_\_\_\_; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: JZE, 1998.

SALFER, Rubens Sérgio. Caninos assassinos de suínos. **Página Legal**: o cotidiano jurídico com bom humor, 25 set. 2008. Disponível em: <<http://www.paginalegal.com/>>. Acesso em: 21 mar. 2010.

SANTOS, Luis Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessôa de. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais**: introdução à teoria literária. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é literatura?** São Paulo: Ática, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1994.

SOUSA, João Marcos Cardoso de. **Do sujeito que se diz ou sujeito não dito no ato comunicacional**: uma noção de sujeito na linguagem. 2005. 245 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte.

\_\_\_\_\_. O lapso na conversação oral como transgressão de gênero. In: MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato de (Org.). **Gêneros**: reflexões em análise do discurso. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004. p. 191-204.

STAN, Robert. **Bakhtin da teoria literária à cultura de massa**. São Paulo: Ática, 1992.

STEINER, George. **Tolstoy or Dostoévsky**: an essay in contrast. London: Faber and Faber, 1960.

SYLVAIN, Auroux. **A filosofia da linguagem**. Campinas: Ed. Unicamp, 1998.

TODOROV, Tzvetan. El origen de los géneros. In: GALLARDO, Miguel A. Garrido (Org.). **Teoría de los géneros literarios**. Madrid: Lecturas, 1988. p. 31-48.

\_\_\_\_\_. **Les genres du discours**. Paris: Éditions du Seuil, 1978.

TRASK, Robert Lawrence. **Dicionário de linguagem e linguística**. São Paulo: Contexto, 2004.

TROYAT, Henri. **Dostoievski**. Porto: Lello & Irmãos Editores, 1980.

YVANCOS, José María Pozuelo. **Teoría del lenguaje literario**. Madrid: Catedra, 1989.